

AMANDA D'ALARME GIMENEZ

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO E CLASSE DE PALAVRA:
UM ESTUDO TIPOLOGICO-FUNCIONAL

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto, para a obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos (Área de concentração: Análise Linguística).

Orientador: Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho

São José do Rio Preto

2011

D'Alarme Gimenez, Amanda.

Estratégias de relativização e classe de palavra : um estudo tipológico-funcional / Amanda D'Alarme Gimenez. - São José do Rio Preto : [s.n.], 2011.

162 f. ; 30 cm.

Orientador: Roberto Gomes Camacho

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de

Biociências, Letras e Ciências Exatas

1. Linguística. 2. Funcionalismo (Linguística). 3. Gramática funcional. 4. Tipologia (Linguística). 5. Línguas indígenas - Brasil. I. Camacho, Roberto. II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. III. Título.

CDU - 81-116.3

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca do IBILCE
Campus de São José do Rio Preto - UNESP

AMANDA D'ALARME GIMENEZ

ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO E CLASSE DE PALAVRA:
UM ESTUDO TIPOLOGICO-FUNCIONAL

Dissertação apresentada para obtenção do título de Mestre em Estudos Lingüísticos, área de Análise Linguística, junto ao programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto
Orientador

Prof. Dr. Angel Humberto Corbera Mori
Professor Doutor
UNICAMP – Universidade Estadual de Campinas

Profª. Dra. Sandra Denise Gasparini Bastos
Professor Assistente Doutor
UNESP – São José do Rio Preto

São José do Rio Preto, 28 de julho de 2011

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a meu orientador Prof. Dr. Roberto Gomes Camacho, que aceitou guiar-me pelos caminhos da pesquisa científica, desde os tempos da graduação; que me acolheu nos momentos difíceis, que me acalmou quando preciso e que, acima de tudo, confiou no meu trabalho e nas minhas intuições acadêmicas.

Às professoras Erotilde Goreti Pezzati, Marize Mattos Dall’Aglio Hattner e Sandra Denise Gasparini Bastos, meus sinceros agradecimentos pelas aulas maravilhosas e pelos ensinamentos que vão muito além dos proporcionados em sala de aula...

À Gabriela Maria de Oliveira, agradeço por tudo: pelos trabalhos em dupla, pela confiança de olhos fechados, pelas discussões acadêmicas, por dividir as gramáticas e os exemplos digitados, pela companhia, pela amizade...

À Capes, agradeço pelo suporte financeiro proporcionado durante toda a pesquisa.

Agradeço aos meus pais, Mauro e Selma, e aos irmãos, Ana Paula e Mauro Henrique, pelo incentivo de todas as horas, pela demonstração de orgulho da filha-irmã mais velha na busca de um de seus sonhos...

Agradeço também ao meu marido, Rubens, capaz de fazer de um dia difícil um dos mais belos da minha vida...

SUMÁRIO

0. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. Justificativa e relevância do tema.....	14
2. Objeto de estudo.....	16
3. Organização do texto.....	18

1. SUPORTE TEÓRICO

1.1 A abordagem tipológico-funcional.....	19
1.2 Subordinação e oração relativa.....	22
1.3 Estratégias de relativização.....	29
1.4 As classes de palavra.....	37

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E AMOSTRA DE INVESTIGAÇÃO

2.1 Procedimentos metodológicos.....	45
2.2 Universo de investigação.....	46
2.3. As línguas da amostra.....	51

3. ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NAS LÍNGUAS INDÍGENAS

3.1 O Tronco Tupi.....	59
3.2 O Tronco Macro-Jê.....	66
3.3 A família Karíb.....	70
3.4 A família Aruák.....	76
3.5 A família Pano.....	82
3.6 A família Makú.....	85
3.7 A família Nambikwára.....	88
3.8 A família Arawá.....	91
3.9 A família Aikaná.....	93
3.10 A família Mura.....	97

3.11	A família Tukáno.....	98
3.12	A família Txapakúra.....	100
3.13	A família Yanomámi.....	102
3.14	A família Crioula.....	105
4.	OS ADJETIVOS COMO CLASSE DE PALAVRA NAS LÍNGUAS INDÍGENAS	
4.1	O Tronco Tupi.....	107
4.2	O Tronco Macro-Jê.....	111
4.3	A família Karíb.....	114
4.4	A família Aruák	117
4.5	A família Pano	121
4.6	A família Makú	123
4.7	A família Nambikwára.....	127
4.8	A família Arawá.....	130
4.9	A família Aikaná.....	133
4.10	A família Mura.....	135
4.11	A família Tukáno.....	136
4.12	A família Txapakúra.....	138
4.13	A família Yanomámi.....	139
4.14	A família Crioula.....	140
5.	GENERALIZAÇÕES E CONCLUSÕES.....	142
6.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	153
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	158

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Amostragem da pesquisa.....	49
Quadro 2: Estratégias de relativização no Tronco Tupi.....	65
Quadro 3: Estratégias de relativização no Tronco Macro-Jê.....	69
Quadro 4: Estratégias de relativização na família Karíb.....	76
Quadro 5: Sistema de relativizadores (FACUNDES, 2000, p. 246).....	77
Quadro 6: Estratégias de relativização na família Aruák.....	81
Quadro 7: Estratégias de relativização na família Pano.....	84
Quadro 8: Estratégias de relativização na família Makú.....	88
Quadro 9: Estratégias de relativização na família Nambikwára.....	91
Quadro 10: Estratégias de relativização na família Arawá.....	93
Quadro 11: Estratégia de relativização na família Aikaná.....	97
Quadro 12: Estratégias de relativização na família Mura.....	98
Quadro 13: Estratégia de relativização na família Tukáno.....	99
Quadro 14: Estratégia de relativização na família Txapakúra.....	101
Quadro 15: Estratégia de relativização na família Yanomámi.....	104
Quadro 16: Estratégia de relativização na família Crioula.....	106
Quadro 17a: Aparente disponibilidade de classes de palavra no Tronco Tupi.....	107
Quadro 17b: Classes de palavra nas línguas do Tronco Tupi.....	109
Quadro 18: Classes de palavra nas línguas do Tronco Macro-Jê.....	111
Quadro 19: Classes de palavra nas línguas da família Karíb.....	114
Quadro 20: Classes de palavra nas línguas da família Aruák	117
Quadro 21: Classes de palavra nas línguas da família Pano.....	121
Quadro 22: Classes de palavra nas línguas da família Makú.....	127

Quadro 23: Classes de palavra nas línguas da família Nambikwára.....	129
Quadro 24: Classes de palavra nas línguas da família Arawá.....	133
Quadro 25: Classes de palavra na língua da família Aikaná.....	135
Quadro 26: Classes de palavra na língua da família Mura.....	136
Quadro 27: Classes de palavra na língua da família Tukáno.....	137
Quadro 28: Classes de palavra na língua da família Txapakúra.....	138
Quadro 29: Classes de palavra na língua da família Yanomámi.....	140
Quadro 30: Classes de palavra na língua da família Crioula.....	141
Quadro 31: Estratégias de relativização.....	143
Quadro 32: Classes de palavras.....	146
Quadro 33: Sistemas de classes de palavras.....	148
Quadro 34: Línguas não-diferenciadas.....	149
Quadro 35: Presença de adjetivos e estratégias de relativização.....	151
Quadro 36: Classes semânticas de palavra.....	156

ABREVIações DAS GLOSAS

1	Primeira pessoa	ERG	Ergativo
2	Segunda pessoa	ESP	Especificativo
3	Terceira pessoa	EV	Evidencial
A	Sujeito de verbo transitivo	EX	Existencial
ABL	Ablativo	EXCL	Exclusivo
ABS	Absolutivo	EXT	Exterior
ACC	Acusativo	F	Feminino
ACT	Ação	FLR	Forma de funil
ADV	Advérbio	FOC	Foco
ADVR	Adverbializador	FTUB	Forma tubular
AG	Agente	FUT	Futuro
ANM	Animado	GEN	Genitivo
APPLIC	Aplicativo	GER	Gerúndio
ART	Artigo	HAB	Habitual
ASP	Aspecto	HIS	Tempo histórico
ASSPL	Plural associativo	HSY	Marcador de fala feminina
ATEN	Atenuante	IMM	Imediato
AUG	Aumentativo	IMP	Imperativo
AUX	Auxiliar	IMPL/MSBJ	Implicativo/Mesmo sujeito
BENF	Benefactivo	INANM	Inanimado
CAUS	Causativo	INCH	Incoativo
CER	Certeza	INCL	Inclusivo
CIRC	Circunferencial	IND	Indicativo
CLF	Classificador	INDF	Indefinido
CO	Verificação coletiva / orientação de observação	INFL	Inferido
COLL	Coletivo	INFR	Inflexão
COMIT	Comitativo	INS	Instrumento
COMP	Complementizador	INSV	Inessivo
COMPV	Comparativo	INT	Modalidade intensional
CONJ	Conjunção	INTENS	Intensificador
CONTR	Contrastivo	INTER	Interrogativo
COP	Cópula	INTRANS	Intransitivo
CTF	Partícula direcional centrífuga	INV	Inversa
DAT	Dativo	IO	Verificação individual / orientação de observação
DECL	Declarativo	IRLS	Irrealis
DEF	Definido	ITER	Iterativo
DEM	Demonstrativo	ITG	Intangível
DEP	Dependente	LOC	Locativo
DETRANS	Destransitivizador	M	Masculino
DIM	Diminutivo	MAL	Malefactivo
DIR	Direcional	MOV	Movimento
DIST	Distante	N	Sufixo Nominal
DISTR	Distributivo	NCLF	Não-classificador
DYNM	Dinâmico	NEG	Negação
DUR	Durativo	NEUT	Neutro
EMPH	Ênfase	NF	Não-feminino

NF	Não-finito	STAT	Estativo
NM	Não-masculino	SIMULT	Simultâneo
NMLZ	Nominalizador	So	Sujeito de verbo intransitivo com traços [-controle] e [volição]
NOM	Nome, nominativo		
NONACC	Não-acusativo		
NONASP	Não-aspectual	T/E	Tempo verbal/evidencial
NONVIS	Não-visual	TEL	Télico
NONTEL	Atélico	TEMP	Temporal
NPST	Não-passado	THEM	Tema
NREC	Não-recente	TOP	Tópico
Nu	Núcleo	TRANS	Transpositor
NUC	Caso nuclear	VLZ	Verbalizador
OBJ	Objeto	VENT	Ventivo
Oc	Construção de objeto	VERT	Vertical
O _{matriz}	Oração matriz	VIS	Visual
P	Pessoa	VOC	Vocativo
PAC	Paciente	VS	Sufixo verbal
PASS	Passiva		
PAUS	Pausa		
PERF	Perfectivo		
POSP	Posposição		
POSS	Possessivo		
PRED	Marcador de predicado		
PREP	Preposição		
PRES	Presente		
PRO	Pronome		
PROG	Progressivo		
PROJ	Projetivo		
PROX	Próximo		
PST	Passado		
PUNCT	Puntiliar		
R	Prefixo Relacional		
R1	Prefixo Relacional do tipo 1		
R2	Prefixo Relacional do tipo 2		
REC	Recipiente / Recente		
RECPST	Passado Recente		
RED	Reduplicação		
REFL	Reflexivo		
REFR	Referencial		
REP	Reportado		
RES	Resultativo		
RESP	Marcador de respeito		
RETR	Sufixo de atualização retrospectiva		
RLS	Realis		
Sa	Sujeito de verbo intransitivo com traços [+controle] e [+volição]		
SBJ	Sujeito		
SG	Singular		

D'ALARME-GIMENEZ, Amanda. **Estratégias de relativização e classe de palavra: um estudo tipológico-funcional**. 2011. 162f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto.

RESUMO

Este trabalho estuda a relação entre a modificação sintática mediante o uso de orações relativas e de adjetivos e a organização morfossintática das línguas da amostra no que se refere às classes de palavras, com o intuito de conduzir a uma generalização tipológica. A hipótese que se investiga é a da possível correlação entre ausência de adjetivo como classe de palavra e ausência de oração relativa como construção a serviço da modificação nominal. A principal consequência dessa correspondência é a de o nome assumir a função modificadora do adjetivo e a construção nominalizada, a função modificadora da oração relativa. Assim, duas situações alternativas são investigadas nesta pesquisa, já que parece tanto improvável que uma língua empregue uma estratégia de relativização diferente de nominalização quando ela não dispõe de adjetivos enquanto classe morfológica como provável a situação inversa, em que a ausência de adjetivos é suprida por uma oração relativa no papel de modificador nominal. Para a realização deste trabalho, adota-se o enfoque funcional, essencialmente empírico, e os dados coletados são analisados por meio de comparação translinguística. O levantamento dos dados foi realizado em duas etapas: a primeira se refere à descrição da oração relativa em cada língua indígena, destacando a estratégia de relativização empregada por ela; e a segunda, à descrição das classes de palavra nessas línguas, especialmente a dos adjetivos e a dos advérbios, posições sintaticamente mais complexas. Por se tratar de uma investigação de cunho tipológico, o *corpus* de análise deve ser representativo, ou seja, as línguas que o compõem devem ser distantes genética, geográfica e tipologicamente. O *corpus* deste trabalho é composto por 30 línguas indígenas, previamente descritas em gramáticas,

teses ou em outros materiais descritivos, como manuais. Os dados coletados nesta pesquisa confirmam a hipótese de que as línguas que carecem de adjetivos como classe lexical se valem de nominalização como estratégia de relativização, ao passo que as línguas que dispõem de adjetivos em seu léxico tendem a construir orações relativas por meio de outras estratégias.

Palavras-chave: Tipologia Linguística; Línguas Indígenas Brasileiras; Oração Relativa; Nominalização; Classes de palavra.

D'ALARME-GIMENEZ, Amanda. **Strategies of Relativization and Parts of Speech: a Functional-typological Study**. 2011. 162l. Thesis (Master degree in Linguistics Studies) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, São Paulo, Brazil.

ABSTRACT

This paper studies both the relationship between syntactic modification through the use of relative clauses and adjectives and the morphosyntactic organization of the sample languages with respect to parts of speech, in order to lead to a typological generalization. In this sense, the hypothesis under investigation is the possible correlation between the absence of the adjective as a word class and the absence of relative clauses as a construction for the nominal modification. The main consequence of this correspondence is that the noun assumes the modifier function of the adjective and that the nominalized construction assumes the modifier function of the relative clause. Thus, two alternative scenarios are investigated in this research, since it seems unlikely that a language employs a strategy of relativization different from the nominalization one when it does not have adjectives as a morphological class as likely the reverse situation, in which the absence of adjectives is supplied by a relative clause on the role of a nominal modifier. For this work, we adopt the functional approach, essentially empirical, in which data is collected by means of translingual comparison. The data collection was conducted in two stages: the first refers to the description of the relative clause in every Indian language, highlighting the strategy of relativization employed by it; and the second refers to the description of word classes in these languages, especially adjectives and adverbs, which take positions that are syntactically more complex. Because this is a typological investigation, the corpus of analysis must be representative, i.e. the languages under investigation must be genetically, geographically and typologically distant. The corpus of this work consists of 30 indigenous languages, previously described in grammar books, theses or

in other descriptive materials such as manuals. The data collected in this study support the hypothesis that languages that lack adjectives as a lexical class make use of nominalization as a strategy of relativization, while languages that have adjectives in their lexicon tend to construct relative clauses through other strategies.

Keywords: Linguistic Tipology; Brazilian Indigenous Languages; Relative Clause; Nominalization; Parts of Speech.

0. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1. Justificativa e relevância do tema

Este trabalho tem como ponto de partida os resultados obtidos em um estudo anterior sob o tema “Análise tipológico-funcional da oração relativa”, que tinha como *corpus* dezoito línguas nativas da Amazônia brasileira. O objetivo desse projeto foi o de descobrir as motivações funcionais subjacentes à relação entre as estruturas morfossintáticas usadas para codificar a estrutura relativa e as situações conceituais que elas expressam.

A descrição final apontou resultados instigantes no tocante às estratégias de relativização das línguas que compunham a amostra, resultados que despertaram o interesse pela continuidade do tema com o aprofundamento de um aspecto dessa construção e com a ampliação da amostra, inicialmente, a quarenta línguas nativas.

O estudo anterior mostra que mais da metade das línguas investigadas (dez no total) apresentam a nominalização como estratégia de relativização, o que indica que elas não dispõem de uma forma específica para as orações relativas, mas de um tipo alternativo de construção que visa a cobrir semanticamente o domínio funcional da modificação nominal. Outro dado relevante é que, dessas dez línguas, sete não dispõem de adjetivo como classe de palavra e as outras três, que também não dispõem, apresentam uma construção para a codificação de oração relativa diferente de nominalização, denominadas, no estudo em questão, de estratégia de pronome relativo, estratégia de lacuna e estratégia de não-redução.

As informações coletadas não permitiram, contudo, chegar a generalizações explanatórias que dessem conta desses fenômenos, e a justificativa está na reduzida dimensão do universo de investigação. Assim, optou-se por estudar, mais detalhadamente, a modificação sintática mediante o uso de orações relativas e a modificação realizada por meio

de adjetivos, além da organização morfossintática de cada língua no que se refere às classes de palavra, buscando estabelecer uma relação entre a classe e a estratégia de relativização.

A hipótese que se investiga é a da possível correlação entre ausência de adjetivo como classe de palavra e ausência de oração relativa como construção a serviço da modificação nominal. A principal consequência dessa correspondência é a de o nome assumir a função modificadora do adjetivo e a construção nominalizada, a função modificadora da oração relativa. É na investigação dessa hipótese que está a principal justificativa teórico-metodológica deste trabalho.

É relevante ter como objeto de estudo as orações relativas principalmente porque elas ocupam, nos estudos da tipologia linguística, um lugar proeminente. Nesse âmbito, desponta o trabalho transistêmico de Keenan e Comrie (1977) a respeito das condições gramaticais que se aplicam à formulação de uma construção relativa, um dos trabalhos mais influentes na literatura sobre universais linguísticos.

A escolha de um *corpus* constituído por línguas indígenas encontra respaldo em Song (2001). O autor considera alto o índice de línguas faladas no mundo (algo em torno de 6000 e 7000, a depender da distinção que se faça entre língua e dialeto). Desse número, aproximadamente 180 são línguas indígenas, quantidade que por si só já é o bastante para demonstrar a alta diversidade das línguas nativas, atributo que as torna um objeto relevante de análise tipológica.

Embora as línguas sejam diferentes lexical, sintática e pragmaticamente, é possível encontrar traços e propriedades comuns. Esse trabalho é realizado pelos tipologistas, que identificam os aspectos pelos quais uma língua se assemelha a outra e os aspectos que as diferenciam, o que pode conduzir ao reconhecimento de propriedades universais. Esse é um dos objetivos deste trabalho, conduzir a uma generalização tipológica que relacione a estratégia de relativização e a classe dos adjetivos.

2. Objeto de estudo

De um ponto de vista tipológico, este trabalho estuda um caso específico de subordinação – a oração relativa (doravante OR) – e a classe de palavra que compreende os adjetivos em um dado conjunto de línguas indígenas. Esse estudo é realizado com o intuito de observar se há correlação entre ausência de adjetivo como classe de palavra e ausência de oração relativa como mecanismo de modificação nominal. Se tal correspondência se confirma, é bastante provável que o nome assuma a função modificadora do adjetivo e a construção nominalizada exerça a função modificadora pretendida pela oração relativa.

Dados do trabalho anterior (D'ALARME-GIMENEZ, 2008) mostram um número considerável de línguas nativas que não dispõem de adjetivos em seu léxico e outras que não possuem orações relativas construídas por meio das estratégias padrão das línguas ocidentais, tais como a estratégia do pronome relativo na língua portuguesa. Por isso, para construir um enunciado com características de oração relativa, ou seja, para realizar a modificação sintática, as línguas se valem de recursos alternativos, em especial da estratégia da nominalização.

Além disso, observou-se que algumas línguas (como a hixkaryána) dispõem tanto de uma classe para os adjetivos como do emprego da estratégia da nominalização, ao mesmo tempo em que outras carecem dessa classe e formam orações relativas também por meio de nominalizações (como as línguas kamayurá e urubú-kaapór).

Uma situação diferente é apresentada por Hengeveld e Mackenzie (2008) quanto ao garo, uma língua tibetana. Essa língua dispõe das classes de verbos e de nomes, mas não de adjetivos e somente de um número limitado de advérbios de modo. Para modificar um nome, o verbo se transforma no predicado de uma oração relativa mediante a adição do sufixo relativizador *-gipa*, como no exemplo em (0.01):

(0.01) Garo (HENGEVELD E MACKENZIE, 2008, p.226)

Ca'	-gipa	man.de
eat	-REL	man
'the man who eats'		
'o homem que come'		

Pode-se afirmar, portanto, que a função de modificação em subatos referenciais é executada, em garo, por meio de orações relativas e não por meio de modificadores lexicais. Em algumas línguas que compuseram o *corpus* da pesquisa anterior, como a warí e a sanumá, a situação é semelhante à do garo, ou seja, são orações, e não elementos lexicais, as responsáveis pela modificação do Sintagma Nominal. Casos semelhantes ao dessas línguas parecem menos prováveis, uma vez que, na ausência de adjetivo como classe predicadora, a nominalização é a estratégia mais esperada por se tratar de um recurso pertencente à categoria dos nomes, que ocupa uma posição mais alta que a dos adjetivos na hierarquia proposta para as classes predadoras, que será tratada mais adiante, na subseção 1.4.

Sendo assim, duas situações alternativas são investigadas nesta pesquisa, já que parece tanto improvável haver uma construção de modificação diferente de nominalização quando uma língua não tiver adjetivo enquanto classe de palavra como provável a situação inversa, em que a carência de adjetivo como classe é suprida por uma oração relativa no papel de modificador nominal.

3. Organização do texto

Esta dissertação se organiza em torno de seis seções. A primeira traz a abordagem teórica que embasa a análise dos dados coletados e a segunda mostra os procedimentos metodológicos e o universo de investigação, associados à constituição do *corpus* e à maneira segundo a qual se realizou o levantamento dos dados. A seção 3 trata das estratégias de relativização nas línguas indígenas, enquanto a seção 4 investiga os adjetivos como classe de palavra, além de propor uma discussão sobre a classe dos advérbios. A quinta seção, por sua vez, propõe generalizações obtidas quando confrontados os dados, principalmente as referentes à correlação entre a estratégia de relativização e a disponibilidade das línguas para a classe dos adjetivos. Finaliza o trabalho a seção 6, que contém as considerações finais.

1. SUPORTE TEÓRICO

1.1. A abordagem tipológico-funcional

O enfoque aqui defendido assume que a noção de subordinação deve ser definida com base na aplicabilidade universal, como o resultado direto da ênfase na comparação translinguística dentro da abordagem funcional-tipológica. O principal postulado subjacente a essa abordagem é o de que a variação estrutural apresentada pelas línguas do mundo é sistematicamente ordenada e pode ser descrita em termos de um conjunto de condições ou princípios restritivos com validade universal. A natureza universal desses princípios deve ser vista de dois modos.

Por um lado, todas as línguas se comportam do mesmo modo em relação à distribuição de traços particulares como, por exemplo, a presença ou a ausência de vogais. Segundo essa generalização, o traço relevante está universalmente presente ou ausente nas línguas do mundo, não deixando margem para variação, como, por exemplo, o princípio de que todas as línguas têm vogais.

Há, por outro lado, condições referentes à correlação entre diferentes traços, segundo as quais todas as línguas que dispõem de um traço X também dispõem de um traço Y. Assim, línguas que têm vogais nasais têm também as vogais orais correspondentes ou línguas que têm consoantes nasais velares têm também consoantes nasais bilabiais e dentais (HENGEVELD, 2004).

Já que o traço relevante não precisa estar presente numa língua, essas condições não podem ser consideradas universais no sentido anteriormente mencionado: línguas não apresentam uniformidade em relação aos traços relevantes. Por exemplo, pode haver línguas com vogais orais e vogais nasais, ou línguas com vogais orais somente. Contudo, o princípio

restritivo exclui a existência de línguas com vogais nasais sem as orais correspondentes, termos em que descreve um padrão de variação.

Embora as línguas se comportem de modo diferente em relação à distribuição dos traços relevantes, a variação existente tem que obedecer aos limites estabelecidos pelo princípio restritivo. Nesse caso, o que é universal é o fato de que as línguas têm de se conformar ao mesmo princípio restritivo, que, todavia, permita certa quantidade de variação, em que se enquadram as diferentes línguas.

Esses dois tipos de princípios universais são inseridos em dois conjuntos de proposições que podem ser rotulados de universais irrestritos e universais implicacionais, respectivamente. As generalizações que devem ser inferidas a partir do trabalho empírico previsto neste trabalho deverão tomar a forma de universais implicacionais.

O traço essencial dos universais tipológicos é o envolvimento de comparação translinguística, o que vale tanto para universais implicacionais como para universais irrestritos. Nem os padrões de variação descritos por universais implicacionais nem os padrões de uniformidade descritos por universais irrestritos podem ser reconhecidos com base no exame de uma única língua.

Universais implicacionais, como os fonológicos aqui referidos, afirmam que as línguas apresentam um subconjunto de combinações logicamente possíveis de dois ou mais traços distintos. Assim, a descoberta dos tipos de combinações logicamente possíveis de traços que são empiricamente atestados só pode ser feita com base numa amostra representativa das línguas do universo em investigação.

A ênfase na comparação tipológica, para Hawkins (1988), é uma das principais características do enfoque tipológico funcional e, como tal, tem uma natureza essencialmente empiricista, na medida em que os dados são coletados por meio de comparação translinguística e explicados pela teoria que se mostrar mais apropriada.

A relação entre a estrutura e a função linguística é estabelecida pelo enfoque funcionalista em termos de motivações (DIK 1997a; 1997b). A ideia básica é a existência de interconexões entre as estruturas morfossintáticas e suas funções semânticas e pragmáticas que são postuladas como inerentes à gramática de falantes individuais, entendida como o conhecimento mental do indivíduo, e o que é usualmente chamado de função externa, relacionada ao uso, à aquisição e ao processamento da linguagem. Essa perspectiva é particularmente evidente em Bybee (1985), Du Bois (1985; 1987), Givón (1990), Hopper (1987) e Croft (2000).

Um tipologista funcionalmente orientado assume que há motivações sistemáticas, sujeitas a princípios regulares subjacentes à conexão entre funções discursivas e estruturas morfossintáticas relevantes. No âmbito deste trabalho, as motivações do estudo tipológico estão voltadas para a codificação morfossintática, mais especificamente para o processo sintático de modificação nominal mediante o uso de orações relativas, domínio em que desponta o trabalho pioneiro de Keenan e Comrie (1977). Os estudos desses autores revelam que o papel sintático do participante compartilhado pela oração principal e pela dependente permite diferenciar tipos de relações relativas. Com base numa amostra de aproximadamente 50 línguas, os autores descobrem que a variação obedece a padrões regulares de distribuição tipológica e propõem, para a relativização, a Hierarquia de Acessibilidade (doravante HA) contida em (1.01), que é vista, então, como uma verdadeira hierarquia implicacional¹:

(1.01) Sujeito > Objeto Direto > Objeto Indireto > Oblíquo > Genitivo > Objeto de Comparação (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 66)

A leitura da HA permite afirmar que a posição de Sujeito é a mais suscetível à relativização, por ocupar a posição mais alta. Em contrapartida, a posição de Objeto de

¹ Normalmente são distinguidos dois tipos de hierarquias implicacionais: as absolutas e as estatísticas. As hierarquias absolutas são válidas para todas as línguas de que se tem conhecimento, enquanto as estatísticas são válidas para uma alta porcentagem dessas línguas.

Comparação, por ocupar a posição mais baixa da HA, é a menos suscetível à relativização. Em outras palavras, se uma dada língua pode relativizar a relação gramatical de Objeto de Comparação, também é capaz de relativizar todas as relações anteriores, posto que, em condições normais, não é possível transpor nenhum grau da HA. Se uma língua relativizar apenas uma das funções representadas na HA, essa função será a de Sujeito. Em decorrência disso, a relativização da função Sujeito é considerada primária.

Ainda quanto à HA proposta para as relativas, é válido salientar que, de acordo com Cristofaro (2003), a proposta original de Keenan e Comrie (1977) se sustenta na facilidade psicológica da compreensão, segundo a qual quanto mais baixa está uma função na HA, mais difícil de serem entendidas as orações formadas com aquela função. Em outras palavras, se um falante é capaz de construir ORs com a função Genitivo, que é uma das mais baixas da hierarquia, por exemplo, também é capaz de construir ORs com as demais funções à esquerda da HA, em razão de serem mais facilmente compreendidas.

1.2. Subordinação e oração relativa

O conceito de subordinação a ser considerado neste trabalho deve ser diferente do conceito tradicional de subordinação, que é definido com base em critérios morfossintáticos, como o de encaixamento de orações e o uso de formas verbais não-finitas. Como tem sido apontado nos estudos tipológicos que os critérios morfossintáticos têm uma aplicabilidade limitada na comparação translinguística, pois as estruturas morfossintáticas não são compartilhadas universalmente, é inviável adotar o conceito tradicional de subordinação nesta pesquisa de cunho tipológico.

De acordo com um critério funcional-cognitivo, desenvolvido por Cristofaro (2003) a partir de Langacker (1991), a subordinação relativa será tratada aqui como um modo de

construir uma relação cognitiva entre dois estados de coisas (doravante EsCo). Esse modo de ver distingue um EsCo, que será chamado de dependente, ao qual falta um perfil autônomo, sendo, por isso, construído a partir da perspectiva do outro EsCo, que será chamado de principal.

O traço distintivo do enfoque conceitual de Cristofaro (2003) consiste em relacionar a subordinação não a propriedades específicas dos tipos individuais de ligação oracional, mas ao modo como os EsCo expressos por orações ligadas são percebidos e conceitualizados e ao estatuto que têm no contexto discursivo. Esse enfoque, como todos os enfoques funcionais, estabelece uma nítida distinção entre o nível conceitual (semântico, pragmático e cognitivo) e o nível morfossintático (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008). A subordinação é encarada como o resultado de situações conceituais particulares em vez de um fenômeno morfossintático.

Cristofaro (2003) parte do postulado da assimetria, desenvolvido por Langacker (1991), para definir subordinação, mencionando que, ao construir a conexão entre dois EsCo, um falante tem duas escolhas: (i) os dois EsCo podem ser construídos como perfeitamente simétricos de um ponto de vista cognitivo, de modo tal que ambos têm um perfil autônomo; (ii) os dois EsCo são construídos como cognitivamente assimétricos, quando um dos dois, que prescinde de um perfil autônomo, é construído com base na perspectiva do outro. Na primeira situação, descrita em (i), ocorre a coordenação perfeitamente simétrica, em que nenhum perfil oracional sobrepuja o outro. Já a situação descrita em (ii) identifica a subordinação, entendida por Cristofaro (2003) como uma assimetria cognitiva entre dois EsCo ligados, de modo que o perfil do EsCo principal sobrepuja o perfil do EsCo dependente. Essa definição tem validade tipológica, uma vez que a situação de assimetria cognitiva existe em todas as línguas que dispõem de critérios consistentes para identificar o EsCo dependente a partir de uma perspectiva translinguística.

As relações relativas – um caso específico de dependência ou assimetria – envolvem dois EsCo, um dos quais (o dependente) fornece algum tipo de especificação sobre um participante do outro (o principal), ou seja, um participante do EsCo principal é identificado dentro de um conjunto de referentes possíveis mediante a menção de algum outro EsCo de que ele participa, como ilustrado em (1.02):

(1.02) O médico *que atende naquele consultório desde o mês passado* curou-me de uma gripe.

Essa definição se aplica somente às chamadas relativas restritivas. Algumas línguas, como o português, dispõem de construções de estrutura similar às restritivas que, todavia, expressam uma situação cognitiva muito diferente, as orações relativas não-restritivas, como a exemplificada em (1.03):

(1.03) O Dr. Silva, *que atende naquele consultório desde o mês passado*, curou-me de uma gripe.

Diferentemente de relativas restritivas, relativas não-restritivas fornecem informação adicional sobre um participante de um dado EsCo, mas não o identificam dentro de um conjunto de referentes possíveis (KEENAN, 1985). Com base nos critérios estabelecidos na seção anterior para a definição de subordinação, as relativas não-restritivas não contam como casos de subordinação, por não resistirem aos critérios de assertividade propostos por Cristofaro (2003). O fato de poderem ambos os EsCo da construção não-restritiva ser afetados pela negação sentencial e pela interrogação significa que ambos são afirmados ou que ambos têm seu próprio perfil; não havendo assimetria conceitual não há também subordinação.

Assim, ORs não-restritivas não constituem um caso de subordinação, pois, segundo o critério da assertividade, esse tipo de oração apresenta dois EsCo afirmados e, possivelmente, ilocução própria. Não havendo dependência entre os dois EsCo, não há subordinação.

De qualquer modo, a definição aqui admitida de construção relativa restritiva, com base na proposta de Cristofaro (2003), cobre todas as construções usadas para codificar a situação funcional relevante, independentemente de suas propriedades estruturais. Isso pode significar que um grande número de construções não admitidas pelos critérios tradicionais como relativas será incluído, neste trabalho, como casos de relativização.

Diferentemente de Cristofaro, que se vale do conceito de assertividade, pragmaticamente orientado, Keenan e Comrie (1977) propõem uma definição semântico-formal de OR, mediante a qual qualquer objeto sintático é uma OR se restringir, num primeiro momento, um conjunto de objetos por meio da especificação de um conjunto maior – o domínio da relativização ou constituinte pivô, nos termos de De Vries (2002) – e se também restringir, num segundo momento, esse conjunto maior a um subconjunto no qual a sentença restritiva é verdadeira. Em uma sentença como (1.04),

(1.04) É preciso ter uma pessoa *que sabe administrar a empresa*.

a oração relativa *que sabe administrar a empresa* apresenta (i) como domínio de relativização um dado conjunto de pessoas; (ii) como Sintagma Nominal (doravante SN) nuclear o termo *pessoa*; e (iii) como sentença restritiva *sabe administrar a empresa*. Para que a sentença possa ser decodificada, o item a ser relativizado deve pertencer ao domínio de relativização e a sentença restritiva deve ser verdadeira em relação a esse domínio (KEENAN; COMRIE, 1977). Esses autores consideram, em seu estudo, apenas as ORs restritivas, uma vez que ORs

não-restritivas fornecem informação adicional sobre um participante de um dado EsCo, mas não o identificam dentro de um conjunto de referentes possíveis.

Como a definição de OR é baseada em critérios semânticos, algumas orações que não são consideradas relativas segundo a perspectiva da gramática tradicional são aqui incluídas no grupo das construções relativas restritivas, ou seja, quando determinada construção cobre semanticamente a função pretendida por uma OR, sem necessariamente apresentar uma estrutura tradicional de OR, será considerada um tipo alternativo de formação de relativas. Isso permite dizer que línguas diferentes variam no modo como formam ORs e, ainda, que em uma mesma língua pode haver mais de uma maneira de formar uma OR. O resultado do modo como as línguas constroem esse tipo de oração são justamente as estratégias de relativização.

As estratégias de formação de relativas são diferenciadas, segundo Keenan e Comrie (1977), com base na posição do SN em relação à OR e com base na presença ou ausência de um morfema que expresse a posição relativizada. De acordo com o primeiro parâmetro, as ORs se subdividem em pré-nominal, pós-nominal e relativa interna. As relativas pré-nominais são as que aparecem antes do núcleo modificado, como em (1.05); as pós-nominais seguem o núcleo, caso de (1.06); e as relativas internas apresentam o núcleo dentro da própria OR, como em (1.07).

- (1.05) Alemão (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 64)
der in seinem büro arbeitende mann
 the in his study working man
 ‘the man who is working in his study’
o homem que está trabalhando em seu estudo

- (1.06) Alemão (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 64)
 der mann, **der in seinem büro arbeitet**
 the man who in his study works
 ‘the man who is working in his study’
o homem que está trabalhando em seu estudo

- (1.07) Bambara (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 65)

tye ye **ne** ye so **min** ye san
 man PST I PST horse which see buy
 ‘The man bought the horse that I saw.’
O homem comprou o cavalo que eu vi.

No segundo parâmetro, os autores consideram a presença ou a ausência de morfema na OR que permita a recuperação do caso do item relativizado. Em russo, por exemplo, a forma do pronome relativo mostra o papel desempenhado pelo núcleo nominal, como em (1.08), acusativo, e em (1.09), nominativo.

- (1.08) Russo (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 65)

devuška, **kotoruju** Džon ljubit
 girl who (ACC) John likes
 ‘the girl who John likes’
a garota de quem João gosta

- (1.09) Russo (KEENAN; COMRIE, 1977, p. 66)

devuška, **kotoraja** ljubit Džona
 girl who (NOM) likes John
 ‘the girl who likes John’
a garota que gosta do João

Existem também ORs sem núcleo, ou seja, relativas nas quais o domínio de relativização não se encontra expresso. Nesses casos, o núcleo é uma classe de objetos que faz sentido com a asserção da oração restritiva. Na sequência, tem-se, respectivamente, uma relativa com núcleo e outra sem núcleo expresso, ambas do malaio².

- (1.10) Malaio (KEENAN, 1985, p. 142)

ny **olona** mbola tsy tonga
 the people still not came
 ‘the people who still haven’t come’
as pessoas que ainda não vieram

² A estratégia de relativização empregada pelo malaio nos exemplos (1.10) e (1.11) é a paratática, que será explicada na seção 1.3.

(1.11) Malaio (KEENAN, 1985, p. 142)

ny	mbola	tsy	tonga
the	still	not	came
'those who still haven't come'			
<i>aqueles que ainda não vieram</i>			

Segundo De Vries (2002), uma oração relativa está conectada ao material circundante por um constituinte pivô, que é semanticamente compartilhado tanto pela oração matriz quanto pela oração relativa. Se o pivô, que se identifica com um SN, aparece pronunciado dentro da oração matriz – frequentemente, mas nem sempre a oração principal – ele pode ser reconhecido como um antecedente. Essa condição produz o tipo estrutural relativa de núcleo externo, em que a relativa contém uma lacuna, que pode ser preenchida por um pronome relativo. O português dispõe desse tipo de relativa, que pode ser exemplificado por *A menina que estuda naquela escola mora ali*, em que o constituinte pivô – *menina* –, identificado como o antecedente, é recuperado por meio do pronome relativo *que*. Se o pivô é pronunciado dentro da oração relativa, a construção é de núcleo interno. Nesse tipo estrutural, a matriz é que contém a lacuna, que deve ser inteiramente preenchida pela construção relativa. Um exemplo de relativa de núcleo interno já foi explicitado, em (1.07), com uma ocorrência da língua bambara. Em tal ocorrência, o núcleo é o SN *so* (cavalo), que se encontra dentro da oração restritiva.

Além desses dois tipos, há ainda o tipo correlativo de OR, incluindo também a chamada OR em adjunção. Nesse tipo de relativa, a oração principal e a subordinada são ligadas de modo relativamente frouxo, ou seja, sem marcação formal de relativização. O núcleo nominal aparece dentro da oração subordinada, sendo repetido na oração principal como item lexical pleno ou como forma anafórica, tal como pronomes, expressões demonstrativas etc. Esse tipo correlativo é encontrado em línguas que dispõem do tipo de núcleo interno, e pode ser exemplificado com um caso da língua sanumá, que consta em (1.12). Assim, enquanto no tipo correlativo o núcleo é expresso em forma plena ou anafórica

na oração principal, no tipo de núcleo interno o núcleo está completamente ausente da oração principal, já que aparece em forma plena na restritiva.

(1.12) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 133)

ipa ulu kökö lo-le ã **kökö** hu mai kite
 my son 3PL sit-PRES REL 3PL go NEG FUT
 My sons who are sitting here will not go.
Meus filhos que estão sentados aqui não irão.

Na OR de núcleo externo, por outro lado, o núcleo se manifesta em forma plena fora da oração restritiva, devendo haver, assim, pouca ou nenhuma variação em línguas desse tipo quanto à expressão do núcleo na oração principal. Há, contudo, muita variação em relação ao modo como o núcleo é expresso na oração restritiva, configurando um importante parâmetro tipológico (COMRIE, 1989). Essas diferenças são comumente referidas na literatura como estratégias de relativização (KEENAN; COMRIE, 1977; COMRIE, 1989).

1.3. Estratégias de relativização

Keenan (1985) e Comrie (1989), que tratam as orações relativas do ponto de vista tipológico, consideram que as línguas apresentam quatro tipos de estratégias de relativização: de lacuna, de retenção de pronome, de pronome relativo e de não-redução.

No tipo de **lacuna**, o núcleo nominal não é expresso na OR e também não deixa vestígio na oração restritiva. Supõe-se que o ouvinte recupere o item relativizado por meio da inferência. Essa estratégia é exemplificada em (1.13), com o boróro. Nessa língua, a posição do SN modificado é deixada vazia na restritiva e o enclítico *-wi* ocorre para substituí-la:

(1.13) Boróro (CROWELL, 1979, p. 110)

e-re bola barigu ae-**wi** imedi rogu kuri- re
 3.PL-NEUT ball throw to-REL man DIM big-NEUT
 The boy they threw the ball to is big.
O garoto para quem eles arremessaram a bola é grande.

Na estratégia de **retenção de pronome**, há um pronome pessoal na OR correferencial ao núcleo nominal da oração principal e responsável por recuperar o item relativizado da oração principal. O exemplo (1.14) do hebreu mostra essa estratégia:

(1.14) Hebreu (KEENAN, 1985, p. 146)

ha-sarim she-ha-nasi shalax **otam** la-mitsraim
 the-ministers that-the-president sent them to-Egypt
 ‘the ministers that the president sent to Egypt’
‘os ministros que o presidente enviou para o Egito’

A estratégia de **pronome relativo**³, como o nome indica, envolve o uso de pronomes ditos relativos, que, segundo Givón (1990), não aparecem na posição relativizada, mas, sim, na fronteira entre a oração principal e a relativa. A língua karipúna-creole se vale dessa estratégia para construir relações relativas, como em (1.15).

(1.15) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 77)

mo wé / sa fam **ki** te vini pase fét isi la
 1SG see that woman which TOP come pass holiday here
 I saw that woman who had come to spend the holiday here.
Eu vi a mulher que veio passar o feriado aqui.

Na estratégia da **não-redução**⁴, por fim, há expressão completa do núcleo nominal na OR. Essa estratégia é restrita às ORs correlativas e de núcleo interno, caso da língua sanumá. Em (1.12), exemplo mencionado anteriormente e repetido logo na sequência, a oração relativa

³ O trabalho de Tarallo (1983) permite aproximar as estratégias de retenção de pronome e de pronome relativo, respectivamente, à relativa copiadora e cortadora, por um lado, e à estratégia padrão, por outro.

⁴ Essa estratégia é denominada por Givón (1990) como estratégia do pronome anafórico.

ipa ulu kökö lole ã apresenta núcleo interno (*ipa ulu*) e marca de correferencialidade (*kökö*) externa à OR. Esse marcador é um operador gramatical afixado ao verbo.

(1.12) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 133)

ipa ulu kökö lo-le ã kökö hu mai kite
 my son 3PL sit-PRES REL 3PL go NEG FUT
 My sons who are sitting here will not go.
Meus filhos que estão sentados aqui não irão.

As quatro estratégias de formação de relativas apresentadas por esses autores são diferenciadas com base em dois critérios: posição do SN em relação à OR e presença ou ausência de um morfema que expresse a posição relativizada. De acordo com o primeiro parâmetro, as ORs se subdividem em pré-nominal, pós-nominal e relativa interna. A presença ou a ausência de morfema, no segundo parâmetro, permite a recuperação de caso.

Além das estratégias de relativização tratadas por Keenan (1985) e Comrie (1989), Givón (1990) apresenta outros tipos, justificando essas alternativas com base na relação de dependência entre a construção relativa e o SN modificado. Para ele, a recuperação de caso é diferente da identificação do referente, pois esta se dá por meio da correlação entre o SN nuclear e o argumento ausente na oração relativa, enquanto aquela ocorre por meio das estratégias de relativização.

Este autor classifica as estratégias de relativização do ponto de vista funcional, com base nas propriedades de estrutura superficial, considerando outras cinco estratégias de relativização, a saber: não-encaixamento (paratática), ordem de palavras, parênteses, equivalência de caso e nominalização.

Na estratégia de **não-encaixamento** ou **justaposição**, a OR mantém a forma de oração principal, tem contorno prosódico próprio e o correferente não se apaga, preservando sua marcação de caso. No exemplo (1.16) da língua hixkaryána, é a parataxe que indica uma relação relativa, caso o nome *xofrye* esteja expresso. Como essa língua também se vale de

nominalização como estratégia de formação de relativas, a forma nominalizada *kanihnohnyenhiyamo* será a única evidência de que houve relativização caso o nome *xofrye* não esteja expresso.

- (1.16) Hixkaryána (DERBYSHIRE, 1979, p. 26)
 nomokno harha (xofrye), **kanihnohnyenhiyamo**
 he-came back (sloth), one-who-destroyed-us (INCL)
 The sloth, who was destroying us all, has come back.
A preguiça, que estava destruindo todos nós, voltou.
 The one who was destroying us all has come back.
Aquilo que estava destruindo todos nós voltou.

De acordo com a estratégia de **ordem de palavras**, o caso do item relativizado é determinado com base na ordem dos constituintes. Essa estratégia é mais comum a línguas que apresentam uma ordem rígida dos constituintes oracionais.

A língua portuguesa, de ordem Sujeito-Verbo-Objeto, não marca caso morfológico nas funções de Sujeito e Objeto Direto, e a ordem de palavras é essencial para a recuperação do caso. Em (1.17), percebe-se que a ordem dos constituintes da relativa é Verbo subordinado-Complemento; logo, recupera-se o Sujeito. Em (1.18), a ordem dos constituintes é Sujeito-Verbo subordinado; logo, recupera-se o Objeto Direto.

- (1.17) A menina *que trabalha no banco* sofreu um acidente de carro.

- (1.18) A menina *que você convidou para a festa* não compareceu.

Quando o nome correferente é expresso na OR duas vezes, sendo uma antes do verbo, marcando o caso da subordinada, e outra após o verbo, marcando o caso da oração principal, diz-se que a língua relativiza por meio da **estratégia de parênteses**. A sentença contida em (1.19) ilustra essa estratégia, que é parecida à estratégia de não-redução de Keenan e Comrie (1977).

(1.19) Hewa (GIVÓN, 1990, p. 668)

an-a	möfi-lë	wipe	m-ié-m-e
1SG- SBJ	man-1SG/ SBJ	pig	IND-shoot-REM-RLS

möfi-le	m-ei-y-e
man-OBJ	IND-see-REC-RLS

‘I saw the man who shot the pig’

(lit. ‘I, the man shot the pig, (I) saw the man’)

‘Eu vi o homem que atirou no porco’

(lit. ‘Eu, o homem atirou no porco, eu vi o homem’)

Se o caso do item relativizado é idêntico ao caso de seu correspondente na relativa, a estratégia empregada é a **equivalência de caso**. Observe, no entanto, que essa estratégia é a de retenção de pronome, na perspectiva de Keenan e Comrie (1977). Em (1.20), o nome correferente recebe marcação de dativo⁵ em ambas as orações:

(1.20) Hebreu (GIVÓN, 1990, p. 667)

I-a-ish	she-Yoav	natan	(I-o)	et-ha-sefer	eyn	kesef
to-the-man	REL-Yoav	gave/he	(to-him)	ACC-the-book	NEG/be	money

‘The man that Yoav gave the book to has no money’
‘O homem para quem Yoav deu o livro não tem dinheiro’

A formação de OR por meio da estratégia da **nominalização**, estratégia não reconhecida por Keenan e Comrie (1977), de maneira geral, ocorre mediante o acréscimo de um sufixo nominal ao verbo. A construção nominalizada (um nome derivado) passa, então, a funcionar como uma OR. Givón (1990) exemplifica essa estratégia com um caso do turco:

(1.21) Turco (GIVÓN, 1990, p. 664)

ev-i	gör-en	adam
house-ACC	see-SG/NOM	man

‘the man who saw the house’
‘o homem que viu a casa’

⁵ No exemplo (1.20), a marca de dativo corresponde ao elemento “I”, expresso em **Iaish**, na oração principal, e em **Io**, na relativa.

Segundo Dik (1997), a nominalização é entendida como uma construção encaixada que apresenta uma ou mais propriedades em comum com um termo nominal primário. De algum modo, a nominalização ocupa, em uma posição hierarquicamente superior, o lugar desse termo nominal primário. Como construção encaixada, constitui um tipo secundário de termo e, por isso, refere-se a entidades de segunda (estados de coisas) e de terceira ordem (fatos possíveis).

Uma dúvida que paira sobre o uso da nominalização diz respeito ao reconhecimento desse recurso como uma estratégia de relativização. Como este trabalho, por sua vocação tipológica, vale-se de um olhar mais amplo da relativização, leva-se em conta o leque de estratégias proposto por Givón (1990), para o qual a nominalização é, de fato, uma estratégia formal de relativização. A visão desse autor é, como se vê, mais abrangente do que a de Keenan e Comrie (1977) no tocante à enumeração de estratégias, já que identifica nove recursos de construção de relativas, enquanto Keenan e Comrie (1977) identificam quatro. Neste trabalho, consideram-se as estratégias de relativização identificadas por Givón (1990) e, por isso, é importante discutir alguns pontos levantados por Noonan (1997), já que este autor faz reflexões sobre a nominalização como estratégia formal de relativização, o que vai ao encontro do postulado por Givón (1990).

De acordo com Noonan (1997), vários linguistas que trabalham com línguas da família Tibeto-Birmanesa apontam que são muitos os usos de nominalizações encontrados nessas línguas. Além das funções já esperadas, como, por exemplo, a de reificação de eventos e processos e a expressão de argumentos em orações, nominalizações frequentemente exercem função atributiva (caso das orações relativas), atuam como equivalentes de verbos finitos em orações principais, dentre outras funções. O autor salienta que a versatilidade das nominalizações, atestada pelos vários usos desse mecanismo, não é restrita a línguas

Tibetano-Birmanesas, uma vez que tal fenômeno tem sido relatado por pesquisadores de línguas de outros grupos.

Embora Noonan (1997) trate da evolução histórica das nominalizações no grupo de línguas Tibetano-Birmanesas com ênfase nas funções que elas exercem na designação de atividades e de estados, o autor dá destaque ao caso das nominalizações na construção de relações de modificação. Para sustentar a ideia de que nominalizações são equivalentes funcionais de orações relativas, o autor agrega a seus argumentos considerações de DeLancey (1989 *apud* Noonan, 1997) e de Genetti (1992 *apud* Noonan, 1997) sobre essa questão.

De uma perspectiva histórica, DeLancey (1989) fornece uma solução satisfatória para o aparente problema na relação entre nominalização e oração relativa. Para ele, o genitivo, forma não canônica de expressar argumentos em nominalizações, atua como uma espécie de conector entre a forma nominalizada e o núcleo de uma oração relativa, o que permite, então, subordinar a relativa ao núcleo da principal.

Ao lado dessa ideia de um marcador genitivo obrigatório, situação típica de línguas da família Tamangic, encontram-se casos diferentes, como o da língua thakali, em que é opcional o emprego do genitivo, e como o da língua gurung, em que se omite o genitivo na fala rápida dos nativos. Com base nesses exemplos e no percurso histórico que Noonan (1997) traça para as nominalizações em chantyal, uma das línguas da família Tibeto-Birmanesa, o autor propõe, para essa língua e também para outras línguas da mesma família, que, em estágio diacrônico anterior, o uso do genitivo era obrigatório na construção de uma oração relativa mediante nominalizações e que, no estágio atual, essa obrigatoriedade teria desaparecido.

Especificamente no tratamento do genitivo e da nominalização como uma estratégia de relativização, Noonan (1997), recuperando também as ideias de DeLancey (1989), por um lado, e de Genetti (1992), por outro, ressalta que ele próprio partilha da solução que aquele propõe, ao assumir o postulado por DeLancey (1989) de que orações relativas atuam como

nominalizações em línguas como lhasa tibetano e lahu (e também no chantyal, segundo Noonan, 1997), situação que poderia ocorrer em línguas de outras famílias.

Entende DeLancey (1989) que a nominalização constroi um nome que pode ser usado como qualquer outro em função atributiva. Nessa situação, a forma nominalizada identifica-se com uma oração relativa, em razão de codificar a noção relevante. Já Genetti (1992) entende que não é possível estabelecer relação entre nominalização e relativização, ainda que as duas apresentem as mesmas marcas formais, pois os argumentos das relativas, segundo seu ponto de vista, não podem ser codificados, ao contrário das nominalizações.

Apesar de considerar, inicialmente, consistente a argumentação de Genetti (1992), Noonan (1997) aponta, como contra-argumento, a existência de línguas que empregam um pronome lembrete nas orações relativas e, ainda, afirma que os argumentos de Genetti (1992) não levam em conta o caso de elementos sintáticos, como a anáfora zero, o que permite dizer que, tipologicamente, os argumentos de Genetti (1992) não são válidos.

As estratégias de relativização postuladas por Givón (1990) e a posição assumida por Noonan (1997) sobre o assunto, associados aos resultados previamente obtidos no estudo das estratégias de relativização (D'ALARME-GIMENEZ, 2008), permitem postular, com segurança, que a nominalização constitui uma estratégia válida de formação de relativas. Este trabalho busca relacionar essa estratégia com a ausência de adjetivos como classe morfológica.

1.4. As classes de palavra

Um estudo tipológico-funcional a respeito da organização em classes de palavra das línguas indígenas é realizado com o intuito de observar a possível compatibilidade entre ausência de construção adjetiva e ausência de adjetivo como classe de palavra. As classes que interessam diretamente a este trabalho são as quatro classes de predicados postuladas por Hengeveld (1992) – verbal, nominal, adjetival e adverbial –, definidas com base nas funções lexicais que as distinguem entre si. O critério adotado assume o princípio de abstração, já que cada classe é diferenciada em função de ser núcleo de um sintagma referencial (Nome), núcleo de sintagma predicacional (Verbo), modificador de nome (Adjetivo) e modificador de verbo (Advérbio). Os advérbios se restringem aos advérbios de modo, que incidem diretamente sobre o predicado. Advérbios temporais e locativos são excluídos por não modificarem o núcleo do sintagma predicacional, já que têm por escopo a oração como um todo. Para as classes predicatoras, Hengeveld (1992) propõe a seguinte hierarquia:

(1.22) Verbo > Nome > Adjetivo > Advérbio (HENGEVELD, 1992, p.68)

A leitura dessa hierarquia permite dizer que a classe dos advérbios é a mais difícil de ocorrer em uma dada língua do que a classe dos verbos, que ocupa a posição mais alta. Para constituir essa hierarquia, o autor considera, primeiramente, que os verbos e os nomes são núcleos de seus respectivos domínios e, assim, são também elementos obrigatórios. Os adjetivos e os advérbios, diferentemente, são modificadores e, por essa razão, elementos opcionais; além disso, adjetivos e advérbios são definidos com base na classe de palavra a que pertence o núcleo de seus domínios, ou seja, com base no verbo ou no nome. Num segundo momento, para explicar por que os verbos ocupam a primeira posição da hierarquia e não os nomes, Hengeveld (1992) aponta para a questão da predicação central na Gramática

Funcional: como os nomes são constituídos de uma ou mais predicções e uma predicção é uma unidade mais básica do que termo, os verbos ocupam a posição mais à esquerda, ou seja, a mais alta da hierarquia. Finalmente, para explicar por que são os adjetivos que se posicionam à esquerda da hierarquia quando comparados aos advérbios, o autor esclarece que a classe adjetiva compartilha com a verbal e a nominal a capacidade de predicar algo de um argumento referente a uma entidade, ao contrário da classe adverbial, que pode apenas predicar algo de um argumento referente a uma propriedade ou a uma relação. Em outras palavras, advérbios especificam propriedades de propriedades, o que os diferencia grandemente das demais classes de palavra. Como hierarquia implicacional, (1.22) indica, por definição, que pode haver um ponto de corte em qualquer classe.

Tratando dessas classes de predicado de uma perspectiva tipológica, Hengeveld (1992) mostra que há línguas que dispõem de uma mesma classe para representar diferentes funções, enquanto outras línguas apresentam diferentes classes para exercer diferentes funções.

Com base nesse critério, o autor assinala que os sistemas de classe de palavras podem ser divididos em dois grandes grupos: o das *línguas diferenciadas*, como a portuguesa, que conta com quatro diferentes classes de palavras para exercer quatro diferentes funções; e o das *línguas não-diferenciadas*, como a holandesa, que apresenta menos classes do que as línguas diferenciadas. No exemplo (1.23) a seguir, são exemplificadas as quatro classes de palavras do português:

(1.23) O pequeno_{ADJ} menino_N dançou_V maravilhosamente_{ADV DE MODO}.

Generalizando mais essas observações, Hengeveld (1992) propõe uma subdivisão para o grupo das línguas não-diferenciadas: o das *línguas flexíveis* e o das *línguas rígidas*. O primeiro grupo é composto por línguas como a holandesa, já que, nas línguas desse tipo, uma

única classe de palavra pode ser usada com diferentes funções. No holandês, há uma classe que representa tanto o adjetivo como o advérbio de modo. No wambon, distintamente, não há advérbios, de maneira que, para criar expressões de modo, são empregados verbos médios. Línguas como o wambon constituem o segundo grupo, em que falta uma classe de palavra para o exercício de algumas funções.

Casos extremos de língua flexível e de língua rígida podem ser exemplificados, respectivamente, pelo tongan, uma língua austronésia, e pelo tuscara, uma língua ameríndia. Em tongan, a mesma classe de palavra pode ser empregada, sem nenhuma adaptação morfológica, para traduzir todas as funções predadoras exercidas por verbos, nomes, adjetivos e advérbios no português. Já o tuscara, como dispõe apenas da classe dos verbos, precisa fazer uma predicação do tipo *ele é jovem* para traduzir o que, em português, denotamos por *menino*. Em outros termos, o tuscara, assim como as línguas extremamente rígidas, tem que adaptar a uma predicação verbal os demais tipos de predicação. É necessário definir, portanto, para o conjunto de línguas analisadas, a classificação tipológica que as identifica em termos de sistema de classes.

Diferentemente de Hengeveld (1992) que postula, de um ponto de vista hierárquico, quatro classes de palavras, Dixon (2006) reconhece que as línguas devem dispor de três grandes classes, nomes, verbos e adjetivos, ou seja, para ele, os advérbios não constituem uma classe isolada, mas, sim, um tipo específico de adjetivo, conforme se apresenta na sequência.

O conceito de adjetivo proposto por Dixon (2006) considera os adjetivos em seu sentido descritivo, descartando outros tipos de modificadores nominais, demonstrativos e interrogativos. O autor assume que é possível distinguir uma classe para esses modificadores em cada língua do mundo, mesmo que seus elementos partilhem características gramaticais com os nomes, com os verbos, com ambos ou ainda com nenhum deles.

Na perspectiva de Dixon (2006), as classes de palavra podem ser identificadas entre as línguas com base nas semelhanças de funções sintáticas e semânticas, e podem ser chamadas pelo mesmo nome. O autor cita o inglês e o latim para exemplificar essa ideia e aponta que embora em ambas as línguas a classe dos nomes não tenha exatamente o mesmo conteúdo semântico, as línguas compartilham traços semânticos comuns.

Em se tratando de funções sintáticas, os nomes sempre atuam como núcleos de Sintagmas Nominais que podem, por sua vez, ser o argumento de um predicado, enquanto os verbos constituem núcleos de Sintagmas Verbais. Em termos semânticos, os nomes constituem propriedades que designam, prototipicamente, entidades concretas, como “cachorro” e “pedra”, por exemplo. A essa classe costumam pertencer tipos semânticos relacionados a humanos (“menino”), partes do corpo e outras partes (“perna”), flora (“árvore”), fauna (“mosca”), corpos celestiais (“sol”), meio ambiente (“água”) e artefatos (“arma”). Por outro lado, os verbos, semanticamente, designam, prototipicamente, ações como “cortar” e “falar”, e a eles geralmente vêm associados traços referentes a movimento (“correr”), a repouso (“sentar”), à produção de mudança (“queimar”), ao ato de fornecer (“dar”), à atenção (“ver”) e à fala (“contar”).

Para a classe dos adjetivos, que pode ser pequena ou grande a depender da disponibilidade de cada língua, Dixon (2006) propõe sete tipos semânticos, a saber: dimensão (“grande”, “pequeno”), idade (“jovem”, “velho”), valor (“bom”, “mau”), cor (“vermelho”, “branco”), propriedades físicas (“forte”, “molhado”, “limpo”), propensão humana (“feliz”, “bondoso”, “ciumento”) e velocidade (“rápido”, “devagar”). Os quatro primeiros são tipicamente associados tanto a pequenas como a grandes classes de adjetivos. Os tipos propriedade física, propensão humana e velocidade são, por sua vez, associados a línguas que têm uma classe constituída por uma quantidade de média a grande de adjetivos. Segundo Dixon (2006), o tamanho da classe dos adjetivos em dada língua é determinado pela

quantidade de palavras que se enquadram nos tipos semânticos. A associação feita entre os traços e o tamanho da classe pode ser vista em termos de complexidade, ou seja, uma língua que apresente uma classe pequena para os adjetivos dificilmente terá adjetivos pertencentes aos tipos propriedade física, propensão humana e velocidade.

Dixon (2006) acrescenta que as línguas que têm uma classe reduzida para os adjetivos expressam as noções semânticas mais complexas empregando outros tipos de mecanismos. Assim, línguas que não dispõem de adjetivos para denotar propriedades físicas geralmente se valem de verbos para exercer a função; as que não adjetivam propensão humana se valem de nomes ou verbos; e, em relação à velocidade, parece haver duas situações: (i) se a língua expressa propriedade física por meio de adjetivos, a velocidade será expressa também por adjetivos ou (ii) se a língua expressa propriedade física por meio de verbos, a velocidade será expressa por advérbios.

Para as línguas que dispõem de uma classe com um grande número de adjetivos, além dos sete tipos semânticos mencionados anteriormente, o autor acrescenta alguns outros, a saber: dificuldade (“fácil”, “simples”), similaridade (“como”, “similar”), qualificação (“possível”, “provável”, “correto”), quantificação (“muitos”, “suficiente”), posição (“perto”, “ao norte”) e números cardinais⁶ (“primeiro”, “último”).

Como a hipótese sustentada por Dixon (2006) é a de que todas as línguas devem distinguir adjetivos em seu léxico, assim como distinguem verbos de nomes, segundo seus critérios, parece impossível existir uma língua que não disponha de adjetivos como classe de palavra, hipótese que, de acordo com os dados a serem discutidos na seção 4 deste trabalho, não se sustenta. Seu argumento se apoia no fato de ser mais difícil reconhecer essa classe, bem como propor generalizações sobre ela, motivos pelos quais se explicaria a ausência de adjetivos como classe em línguas estudadas por outros autores. Além disso, Dixon (2006) não

⁶ O autor assinala que a categoria de números cardinais pode ser considerada uma classe separada em algumas línguas, enquanto pode fazer parte dos números ordinais em outras.

diferencia os adjetivos dos advérbios de modo, mas os incluem na mesma classe, embora tenham nuances semânticas diferentes. Diante dessa situação, entende-se que, para esse autor, todas as línguas dispõem das três classes de palavra e que a aparente ausência da classe adjetiva é associada à falta de uma investigação mais detalhada sobre os dados. Nesse sentido, Dixon (2006) parece descartar a possibilidade de haver línguas com apenas verbos, caso do tucscarora mencionado anteriormente, além de transferir a responsabilidade da ausência da classe aos pesquisadores, que não foram criteriosos o suficiente no reconhecimento dos adjetivos na língua.

Ainda segundo Dixon (2006), enquanto nomes e verbos constituem quase sempre grandes classes abertas de palavras nas línguas, os adjetivos mostram certa variação quanto à dimensão da classe e, quando constituem uma classe aberta, eles existem em número bastante inferior ao dos nomes e mais inferior ainda ao dos verbos.

Na gramática de uma língua, os nomes ocupam os lugares dos argumentos e os verbos, os dos predicados. Os adjetivos, por sua vez, aparecem em lugares mais complexos e variados. De acordo com Dixon (2006), os adjetivos desempenham duas funções principais na gramática de uma língua: (i) conferir uma propriedade a algo, seja atuando como um verbo intransitivo seja como complemento de uma cópula e (ii) fornecer especificação a um núcleo nominal, atuando, nesse caso, como um modificador dentro de um SN. Na maioria das línguas, os adjetivos desempenham as duas funções, mas, em outras, restringem-se a apenas uma delas. Das outras funções possíveis, o autor cita a possibilidade de adjetivos participarem de construções comparativas e de modificarem, também, verbos. Ao se referir à modificação verbal, Dixon (2006) exemplifica com um caso do inglês britânico, contido em (1.24), que pode ser parafraseado por *o modo como ele fala é ruim*:

- (1.24) He speaks badly.
Ele fala mal.

Nesse sentido, os advérbios de modo, os únicos considerados verdadeiros advérbios segundo Hengeveld (1992), são tidos por Dixon (2006) como adjetivos, e assim, justifica-se o fato de não ser relevante para ele a definição de uma classe separada para os advérbios de modo. Em minha opinião, a posição de Dixon (2006) não se sustenta, uma vez que *badly* se deriva de *bad* em inglês, do mesmo modo que, em português, por exemplo, *calmamente* se deriva de *calmo*, derivação que se estende a outros casos na língua. Seria economicamente inviável que uma língua dispusesse de uma regra disfuncional de derivação lexical.

Em estudo anterior, Dixon (1977) admite a possibilidade de existirem línguas sem adjetivos como classe, ideia que foi revista durante um longo tempo de estudos mais aprofundados sobre o tema. O resultado de anos de pesquisa culminou com a opinião de que todas as línguas têm adjetivos, apesar de não ser tão fácil delimitar a fronteira entre eles e os nomes e/ou verbos, e com a elaboração de uma série de critérios para a identificação de adjetivos nas línguas. Segundo ele, alguns pesquisadores que inicialmente não identificavam adjetivos nas línguas que analisavam – caso de Kruspe (1999) para o semelai – reconheceram, após aplicação dos critérios estabelecidos, a existência de elementos que representavam a classe, mas como uma espécie de subcategoria dos verbos e não como classe independente.

Para Dixon (2006), o que pode influenciar o reconhecimento de adjetivos como classe majoritária é a noção inicial que muitos pesquisadores têm de que adjetivos e nomes têm características morfológicas muito próximas, tais como marcação de gênero, número e caso. Por essa razão, parece bastante improvável que eles sejam parecidos aos verbos em algumas línguas e apresentem marcações típicas de verbos, tais como tempo, modo e aspecto. Com base nisso, muitos autores tratam os adjetivos como verbos do tipo descritivo (caso de Seki (2000) para o kamaiurá) ou, ainda, como verbos estativos (caso de Buse (1965) para o rarotonganês), relutando em aceitá-los como uma classe de palavras independente; daí a classificação deles como uma subclasse verbal.

Apesar de todas as considerações de Dixon (2006) sobre a existência praticamente obrigatória de adjetivos em qualquer língua do mundo, existem sim línguas que não dispõem de adjetivos como classe de palavra, como será visto mais adiante, na seção 4. Para a análise do conjunto de línguas da amostra deste trabalho, tomamos como ponto de partida metodológico que adjetivos somente são considerados como classe quando os autores das gramáticas os tratam como tal. Do mesmo modo, os adjetivos, quando considerados pelos gramáticos uma subclasse verbal, não são enquadrados aqui na classe adjetiva. A explicação para isso encontra respaldo no fato de que os ditos verbos-adjetivos não constituem modificadores simples, já que para funcionarem como modificadores, é preciso que passem por um processo de predicação.

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E AMOSTRA DE INVESTIGAÇÃO

2.1. Procedimentos Metodológicos

No âmbito deste trabalho, adota-se o enfoque funcional, essencialmente empírico, e os dados coletados são analisados por meio de comparação translinguística. Essa visão indutivista é tanto uma imposição teórica como metodológica, pois há pouco conhecimento disponível sobre os aspectos específicos das línguas indígenas, como a correlação entre classes de palavras e estratégias de relativização, o que dificulta a formulação de hipóteses apriorísticas para, posteriormente, confirmar ou não os dados levantados. Nesse sentido, este trabalho partiu de resultados tipológicos já encontrados em pesquisas anteriores, como as de Keenan e Comrie (1977), Givón (1990) e Hengeveld (1992), segundo os quais se baseiam os parâmetros de análise apresentados a seguir.

(1): Estratégias formais de relativização

Nas gramáticas das línguas indígenas que compõem o *corpus* de análise, foram levantados, inicialmente, exemplares de orações relativas. Na sequência, foram identificadas as relações relativas de acordo com as estratégias postuladas por Keenan e Comrie (1977) e Givón (1990), a saber: de lacuna, de retenção de pronome, de pronome relativo, de não-redução, de parataxe, de ordem de palavras, de parênteses, de equivalência de caso e de nominalização, já discutidas na seção 1.3. Esse parâmetro corresponde à presença de uma construção relativa nas línguas da amostra, mesmo que elas se valham de estratégias alternativas de relativização, como a nominalização.

(2): Classes de palavra

Identificar as quatro classes de palavra, verbo, nome, adjetivo e advérbio, em especial a dos adjetivos, foi fundamental para a investigação da hipótese, que se baseia numa possível correlação entre léxico e morfossintaxe, quando a serviço da modificação nominal. O estudo da classe adjetiva conduziu à análise dos advérbios nas línguas, principalmente porque havia línguas que não dispunham de adjetivos e dispunham de advérbios, princípio que contraria a hierarquia das classes predadoras.

(3): Relação entre relativização, nominalização e sistemas de classes de palavras

Embora a nominalização não tenha sido considerada uma típica estratégia de relativização para muitos autores, ela é considerada, neste trabalho, como uma alternativa para a ausência de uma construção canônica de oração relativa. Como era previsível encontrar essa alternativa na amostra, foi importante verificar em quantas línguas ocorreu a nominalização, buscando comparar a frequência dessa ocorrência à das demais estratégias e, ao mesmo tempo, estabelecer correlação entre a existência de nominalização e o sistema de classes de palavras da língua em questão. A hipótese sob discussão prevê que há uma correlação tipológica entre ausência de construção relativa e de adjetivos como classe, com o ponto de corte situado a partir do nome na hierarquia de Hengeveld (1992), contida em (1.22).

2.2. Universo de investigação

Rijkhoff *et al.* (1993) assinalam que a constituição de uma amostragem de línguas está relacionada com o interesse do pesquisador. Por um lado, se o pesquisador objetiva encontrar as tendências ou as possibilidades de correlação entre línguas, a amostra deve conter línguas independentes, ou seja, destituídas de relações genéticas, geográficas ou tipológicas. A

imposição dessa condição se deve ao fato de que só é possível fazer generalizações válidas estatisticamente quando as línguas são independentes. O problema de constituição desse tipo de amostragem, no entanto, está em existirem poucas famílias de línguas independentes. Além disso, é cada vez mais difícil encontrar amostras representativas em que as línguas não tenham relação genética. Por outro lado, se o intuito do pesquisador é encontrar todas as realizações possíveis de um dado sentido ou estrutura nas línguas da amostra, o universo de pesquisa deve conter a maior diversidade possível, caso da amostra desta pesquisa, que teve como objetivo aprofundar um aspecto da construção relativa.

Assim, uma investigação tipológica envolve amostras representativas de línguas e, para que uma amostra seja representativa, é preciso considerar sua diversidade genética, geográfica e tipológica. O requisito de apresentar a máxima distância genética e geográfica reside no fato de que as línguas de uma mesma família genética ou que são faladas em zonas contíguas apresentam características muito similares e, dessa maneira, não podem ser tomadas como base para todas as línguas. Já quanto à diversidade tipológica, as línguas podem ter características semelhantes por pertencerem a um mesmo tipo linguístico, fator difícil de ser controlado, pois parte dos traços tipológicos ainda não foram descritos ou não foram determinados.

Das muitas publicações que têm discutido o problema de selecionar amostras representativas para os estudos translinguísticos, destaca-se a de Rijkhoff *et al.* (1993). Os autores apontam que amostras podem sofrer vários tipos de viés e uma amostra enviesada pode afetar os resultados da pesquisa em diferentes graus. Os mais importantes tipos de viés envolvem proximidade genética, tipológica, geográfica e cultural entre as línguas, bem como desproporção no material bibliográfico referente a línguas individuais. De todos os vieses, o que tem consequências mais danosas é o do relacionamento genético. Se as línguas têm relacionamento genético próximo, é provável que tenham herdado tipos linguísticos comuns

de sua língua ancestral, falada na mesma área e por pessoas que compartilham a mesma cultura. Por essa razão, as propostas mais recentes de amostragem geralmente tentam desenvolver métodos para evitar o viés genético, caso deste trabalho.

Como explicitado na introdução desta dissertação, este projeto foi motivado pelos resultados da pesquisa anterior (D'ALARME-GIMENEZ, 2008), cujo *corpus* compreendeu dezoito línguas nativas. Para expandir o universo de análise, uma etapa deste trabalho consistiu na ampliação dessa amostragem, com a inclusão de outras línguas indígenas, que constituíssem um número razoável de gramáticas descritivas e que permitissem, desse modo, chegar a generalizações translinguísticas e explanatórias sobre a hipótese formulada.

Esse processo de ampliação e de constituição da amostragem partiu do levantamento realizado por Hengeveld (2007) para as línguas indígenas brasileiras que já haviam sido descritas, mas, mesmo assim, não foi tarefa fácil ter em mãos o material necessário para a descrição e análise da oração relativa. Além da dificuldade de acesso ao material, muitos deles acabaram sendo descartados, em razão da carência de informações em relação ao fenômeno em análise – as orações relativas – ou em razão de não parecerem claras e/ou válidas as informações apresentadas nos materiais. Assim, o *corpus* inicialmente constituído por quarenta línguas indígenas foi reduzido, no final, a trinta línguas, conforme mostra o quadro 1, em que se vê também a respectiva família linguística.

Família Linguística	Língua	
Aikaná	Kwaza	(Voort, 2004)
Aruák	Apurinã	(Facundes, 2000)
	Tariána	(Aikhenvald, 2003)
	Warekéna	(Aikhenvald, 1988)
Arawá	Paumarí	(Chapman, 1991)
	Jarawára	(Dixon, 2004)
Crioula	Karipúna Creole	(Tobler, 1983)
Karíb	Apalaí	(Koehn; Koehn, 1986)
	Hixkaryana	(Derbyshire, 1979)
	Ingarikó	(Cruz, 2005)
	Macuxí	(Abbott, 2001)
	Waiwái	(Hawkins, 1998)
Makú	Húpda	(Epps, 2005)
	Máku	(Martins, 2004)
Mura	Pirahã	(Everett, 1992)
Nambikwára	Nambikwára	(Kroeker, 2003)
	Sabanê	(Araújo, 2004)
Pano	Matis	(Ferreira, 2001)
	Katukína	(Cândido, 2004)
Tukáno	Tukáno	(Ramirez, 1997)
Txapakúra	Warí	(Everett; Kern. 1997)
Yanomámi	Sanumá	(Borgman, 1990)
Tronco Macro-Jê		
Tronco Macro-Jê Boróro	Boróro	(Crowell, 1979)
Tronco Macro-Jê Jê	Apinayé	(Oliveira, 2005)
Tronco Macro-Jê Timbira	Canela-Krahô	(Popjes; Popjes, 1986)
Tronco Tupi		
Tronco Tupi Mundurukú	Mundurukú	(Crofts, 1973)
Tronco Tupi Tupi-guarani	Guajá	(Magalhães, 2007)
	Kaiwá	(Cardoso, 2008)
	Kamayurá	(Seki, 2000)
	Urubú-Kaapor	(Kakumasu 1986)

Quadro 1. Amostragem da pesquisa

Com o material em mãos, iniciou-se o trabalho descritivo tanto da oração relativa como das classes de palavra, em especial da classe dos adjetivos. Primeiramente, buscava-se no material a seção em que o autor tratava de orações relativas, com o intuito de encontrar exemplos dessas orações. Muitas vezes, não havia nas gramáticas uma seção específica para esse tipo de oração. Diante disso, outras seções, tais como as de subordinação ou de modificação, eram investigadas e as informações necessárias eram, por fim, coletadas. Os exemplares de relativas disponíveis foram, então, analisados, visando, principalmente,

identificar qual a estratégia de relativização empregada pela língua, já que, na maioria das vezes, essa informação não era fornecida pelos autores. Em poucos casos, a estratégia foi fornecida, mas nem sempre ela condizia com os dados que os autores apresentavam, o que requereu maior cuidado ainda na definição da estratégia de relativização empregada por tal língua. Esse trabalho de reconhecimento de estratégia de relativização considerou o rol de estratégias já tratadas na seção 1.3 e teve sequência com a digitação dos exemplos.

Num segundo momento, com o mecanismo de relativização já definido, iniciou-se a procura pelos adjetivos na língua. Essa parte do trabalho investigativo estendeu-se à procura pelos advérbios e, mais especificamente, pelos advérbios de modo, principalmente quando a classe adjetiva era inexistente, uma vez que a ausência de adjetivos e a presença de advérbios não é prevista pela hierarquia de acessibilidade.

Um ponto importante do trabalho descritivo, seja da OR ou das classes de palavra, diz respeito aos exemplos retirados dos materiais. Os autores disponibilizam os dados sob a forma de glosas e, no final, propõem uma tradução, em inglês ou em português, para o que foi apresentado na língua indígena. Como cada autor abrevia as informações da glosa segundo critérios próprios, cada um se vale de um tipo de abreviação. Considerando que para cada uma das 30 línguas uma abreviação diferente era usada, optou-se por uniformizar as abreviações neste trabalho, assumindo como parâmetro as abreviações constantes na Gramática Discursivo-Funcional de Hengeveld e Mackenzie (2008). Ressalta-se que a categorização proposta por cada autor foi mantida, ou seja, apenas a abreviação foi alterada, para facilitar a interpretação das glosas e a comparação dos resultados. Como exemplo dessa padronização das glosas, tem-se a abreviação S, utilizada em algumas línguas para a marcação de *sujeito* e, em outras, para a marcação de *singular*. Para desambiguar as abreviações e padronizar todos os dados compilados neste trabalho, foi importante uniformizar as glosas. Para o sujeito, então, passou-se a empregar SBJ e para o singular, SG.

Por fim, quando o autor propõe uma tradução livre da língua indígena para a língua inglesa, foi acrescentada uma tradução livre para o português ao final de cada glosa, a fim de facilitar o entendimento do exemplo. Quando o exemplo está em português, a tradução original foi mantida.

2.3. As línguas da amostra

Esta seção traduz um relato descritivo, em termos externos, de cada uma das línguas indígenas que compõem a amostra, com base nas informações fornecidas pelos autores das gramáticas descritivas utilizadas como material de investigação desta pesquisa. O intuito desta subseção é contextualizar geograficamente as tribos que têm as línguas nativas como língua materna, bem como identificar o número de falantes. A apresentação dessas informações se inicia com os troncos linguísticos e as famílias linguísticas que os representam e segue com as demais famílias de línguas que constam na amostra, apresentadas em ordem decrescente, ou seja, parte-se das famílias que têm mais representantes e finaliza-se com as que têm apenas um representante.

Quanto ao conjunto de línguas pertencentes ao Tronco Tupi, a saber, guajá, kaiwá, kamayurá, urubú-kaapór e mundurukú, é importante dizer que, com exceção da mundurukú, que faz parte da família linguística de mesmo nome, as demais pertencem à família tupi-guarani. Essa família conta com 21 línguas faladas em território brasileiro, distribuídas em 12 estados, além de ser representada em regiões do Peru, Bolívia, Venezuela, Colômbia, Guiana Francesa, Argentina e Paraguai.

De acordo com Magalhães (2007), os índios guajá habitam as terras Carú, Alto Turiaçu e Aribóia, situadas a noroeste do Estado do Maranhão. A população desses índios é de aproximadamente 350 a 400 membros, incluindo grupos isolados, que não têm contato

com outros grupos indígenas e não-indígenas. Dos falantes guajá, poucos sabem o português, de maneira que grande parte do povo guajá é monolíngue.

O povo kaiwá, por seu lado, habita, no Brasil, terras nos Estados do Mato Grosso do Sul, do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, de São Paulo, do Rio de Janeiro e do Espírito Santo, sendo que a maior concentração de habitantes ocorre no Mato Grosso do Sul. A língua kaiwá é falada, hoje, por aproximadamente 18000 índios.

Os índios kamayurá constituem aproximadamente cerca de 300 falantes, que vivem nas proximidades da lagoa Ypawu, na região do Alto Xingu, no Estado do Mato Grosso. Esse povo se encontra dividido em duas aldeias.

A língua urubú-kaapór, por sua vez, é falada por aproximadamente 500 índios que vivem nas proximidades dos afluentes dos rios Gurupí, Maracaçume, Paraúa e Turiaçu no Estado do Maranhão, região do nordeste brasileiro. Essa tribo se encontra dividida em dez vilas, que perfazem cerca de 4500 quilômetros quadrados de extensão. No início dos anos 1970, os urubú-kaapór eram em sua grande maioria monolíngues. Como a construção da estrada entre Belém-São Luis favoreceu um maior contato entre os índios e a população não-indígena dessas regiões, teve um aumento significativo o número de bilíngues, principalmente entre os urubú-kaapór mais jovens.

Segundo Gomes (2006), a língua mundurukú, que hoje conta com aproximadamente 10000 falantes, já teve uma população de 40000 usuários. Os índios dessa etnia habitam as regiões do vale do rio Tapajós e seus afluentes, no Pará, além das proximidades do rio Madeira, no Amazonas, e da terra indígena Apiaká, situada na cidade de Juara, Estado do Mato Grosso.

Pertencem ao tronco Macro-Jê as línguas bororo, apinayé e canela-krahô. A primeira delas conta com aproximadamente 500 falantes que habitam a região do planalto central do Estado do Mato Grosso. Os bororo estão distribuídos em três reservas administradas pela

FUNAI, situadas próximas ao Rio Lourenço. Apesar do contato com os brasileiros e com a língua portuguesa, eles não perderam sua língua materna nem sua cultura, aspectos preservados principalmente por pessoas mais velhas, que falam exclusivamente o bororo. Vem aumentando progressivamente o número de jovens bororo bilingues, especialmente porque, como esses índios frequentam escolas, eles têm contato com a população não-índigena em diversas atividades.

Similarmente aos bororo, os índios apinayé mais velhos não têm domínio do português. O povo dessa etnia costuma manter suas crianças monolíngues até os 12 anos. Após essa idade, elas começam a frequentar a escola e a aprender sistematicamente o português. Há um número aproximado de 1300 índios apinayé que se espalham por treze vilas na região do planalto central brasileiro.

Os falantes do canela-krahô subdividem-se em três grupos: ramkokamekra canela, apanjekra canela e krahô. O primeiro grupo vive nas proximidades de Barra do Corda, Estado do Maranhão, e são aproximadamente 800 índios. O segundo, que conta com 350 índios, vive a oeste do grupo ramkokamekra canela. O terceiro, situado ao norte do Estado de Goiás, é representado por cerca de 900 membros. Nos últimos anos, praticamente não houve interação social entre o grupo krahô e as duas vilas canela.

A família Karíb é representada, neste trabalho, pelas línguas indígenas hixkaryána, apalaí, ingarikó, wáiwai e makuxí. O hixkaryána é falado por aproximadamente 350 habitantes, divididos em dois grupos localizados nas proximidades dos rios Nhamundá e Mapuera, norte do território brasileiro.

Contando também com cerca de 350 falantes, o povo apalaí vive nas regiões próximas aos rios Maicuru, Paru e Jarí, no Estado do Pará. De acordo com Koehn e Koehn (1986), os índios apalaí se integraram aos índios wayana devido à proximidade geográfica de suas tribos. Apesar desse contato, sua cultura linguística permanece inalterada.

Segundo Souza Cruz (2000), os ingarikó constituem aproximadamente 800 indivíduos, que habitam a área localizada nas montanhas de Pacaraima, região de fronteira entre Brasil, Venezuela e Guiana. Essa região que se localiza nas proximidades dos rios Panari, Wailhã e Cotingo, está cerca de 450 quilômetros distante da capital do Estado de Roraima.

O waiwái, por seu lado, é falado por aproximadamente 1800 indivíduos, que vivem nas proximidades do rio Mapuera, no Estado do Pará, e do rio Jatapuzinho, no Estado de Roraima. O povo waiwái vive próximo aos índios hixkaryána, localizados nas proximidades do rio Nhamundá, no Amazonas, e é encontrado também na Guiana, em Alto Essequibo, e na Suriname.

Com maior número de falantes – 15000 – os índios que falam a língua makuxí estão espalhados pelas regiões que medeiam o rio Rupununi, na Guiana, e o Cotingo e o Surumu, em Roraima. Há índios makuxí também em terras venezuelanas. Muitos makuxí são bilíngues e alguns são até trilíngues.

Quanto à família Aruák, são três as línguas que a compõem: apurinã, tariána e warekéna. O apurinã é falado por um grupo que vive a oeste do Amazonas brasileiro, espalhado ao longo dos afluentes do rio Purus, na parte sul do Amazonas e norte do Acre. Segundo Facundes (2000), são aproximadamente 2000 os índios apurinã, considerando tanto os que vivem nas vilas como os que já vivem nas cidades. Desse número, cerca de 30% ainda fala a língua apurinã, especialmente os mais velhos.

A língua tariána já foi falada por 1500 indivíduos que se localizavam às margens do rio Vaupés, no território do Alto Rio Negro. Em decorrência do catolicismo e da influência dos homens brancos, muitos abandonaram a língua materna, que é falada atualmente por apenas 100 indivíduos, principalmente adultos.

O warekéna é falado por aproximadamente 50 indivíduos, distribuídos em nove comunidades ao longo do rio Xie: Vila Nova, Campinas, Yuku, Nazaré, Kumati-cachoeira,

Tonu, Umaritiwa, Tokana e Anamoim. Segundo Aikenvald (1998), esse povo é bilíngue – falam tanto o warekéna como o nheengatú. O problema é que praticamente não usa mais o warekéna na comunicação diária, o que coloca essa língua em situação de extinção.

As línguas indígenas katukína e matís são as que representam a família linguística Pano. Os falantes do katukína são conhecidos também por shanenawa, nome que será empregado, neste trabalho, quando essa língua for mencionada. Esse povo indígena habita a região norte do Acre, mais especificamente a margem esquerda do rio Envira, no município de Feijó. Eles estão divididos em quatro grupos: Paredão, Cardoso, Nova Vida e Morada Nova. Cândido (2004) estima que, somente na aldeia Morada Nova, vivam cerca de 250 índios shanenawa. Para a autora, os dados referentes à demografia geral são controversos, uma vez que a FUNAI estima que o total de índios pertencentes a essa etnia é 356.

A língua matís é falada por cerca de 260 indivíduos, que habitam uma região conhecida como Igarapé do Rio Branco, situada no noroeste amazônico. De acordo com Ferreira (2005), os matís são praticamente monolíngues, pois poucos têm domínio da língua portuguesa.

As duas línguas que representam a família Makú na amostra deste trabalho são a hupda e a dâw. A língua hupda é falada por aproximadamente 1500 indígenas que vivem na fronteira entre Brasil e Colômbia, no Estado do Amazonas. Na parte brasileira, a região habitada por eles é conhecida como “Cabeça de cachorro” e é delimitada, ao sul, pelo rio Tiquié, ao norte, pelo rio Papuri, e, a leste, pelo rio Vaupé. Essa região compreende cerca de 5400 quilômetros quadrados. Segundo Epps (2005), algumas características dessa língua, principalmente algumas inovações, devem-se ao contato com os índios tukáno que vivem a leste da região hupda.

Com menos falantes que a hupda, a tribo dâw é composta por aproximadamente 94 indivíduos, que vivem na região denominada Alto Rio Negro, noroeste do Amazonas

brasileiro. Essa tribo, mais especificamente situada à margem direita do rio Negro, encontra-se próxima à cidade de São Gabriel da Cachoeira. A comunidade dâw é conhecida também por Waruá.

A família Nambikwára é representada na amostra pelo nambikwára e pelo sabanê. Os índios falantes do nambikwára⁷ vivem na região centro-oeste do Brasil e têm aldeias espalhadas ao longo dos afluentes orientais do rio Guaporé e dos afluentes ocidentais do rio Juruena. A população nambikwára é composta por 900 indivíduos, que vivem nas Reservas Federais, localizadas numa área aproximada de 50000 quilômetros quadrados no Estado do Mato Grosso. O povo dessa etnia se separa entre dois grandes grupos: do rio Guaporé e do rio Juruena. Os grupos ha³hã¹te²su², a³lãn¹te²su², wai²ki³su², wa³su³su² e ka³ti³tu³lhu² habitam o vale do rio Guaporé e os grupos ne³su², si³wxai³su², ki³thãu³lhu², sax³wen³te²su², ha³lo²te²su² e wa³ka³li³te²su² situam-se ao longo dos afluentes do rio Juruena. Os grupos falam variedades dialetais do nambikwára, que são mutuamente inteligíveis.

Segundo Araújo (2004), a língua sabanê, que também faz parte da família Nambikwára, inclui mais de quinze línguas e dialetos, que se encontram divididos em três grupos étnicos: os nambikwára do sul, os nambikwára do norte e os sabanê. O grupo sabanê habita duas vilas próximas de Vilhena, Estado de Rondônia. A população dessa etnia compreende aproximadamente 140 falantes, dos quais apenas três são falantes nativos do sabanê e menos de dez dominam a língua, o que a põe em sério risco de extinção.

O paumarí e a jarawára pertencem à família Arawá. A tribo dos paumarí, localizada no Estado do Amazonas, encontra-se dividida em três grupos. Um dos grupos contém cerca de 270 indivíduos que vivem nas proximidades do rio Purus; o outro, localizado próximo ao rio Ituxi, conta com 50 indivíduos e outros 200 paumarí vivem às margens do rio Tapauá.

⁷ Como essa língua é uma língua indígena tonal, verificar-se-á, nos vocábulos dessa língua, os números de índice superior ¹, ², e ³, que indicam, respectivamente, tom decrescente, ascendente e grave.

Os jarawára, assim como os paumarí, também vivem nas proximidades do rio Purus, divididos em sete vilas. Essa língua é falada por aproximadamente 170 índios.

As famílias linguísticas expostas até aqui são faladas por grupos étnicos com mais de um membro; na sequência, há informações sobre as línguas da amostra que são as representantes solitárias da família a que pertencem: kwaza, pirahã, tukáno, warí, sanumá e karipúna-creole.

A língua kwaza, representante da família Aikaná, é falada por aproximadamente vinte e cinco indivíduos que vivem na reserva indígena de Tubarão-Latundê, situada às margens do rio Apediá ou Pimenta Bueno a sudeste do Estado de Rondônia.

Pertencente à família Múna, o pirahã conta aproximadamente com 110 falantes, que vivem na região do rio Maici, no Estado do Amazonas. Os índios dessa etnia são praticamente monolíngues, mesmo estando próximos de trabalhos seringueiros, de moradores da região e de indivíduos pertencentes a outras tribos.

O tukáno, representante de família homônima, é falado na região amazônica que compreende a fronteira entre Brasil e Colômbia, por aproximadamente 10000 indivíduos, que se denominam, também, de ye'pâ-masa. A região ocupada por eles se situa na bacia do rio Uaupés-Caiari. Do lado brasileiro, são 2635 os índios tukáno, que foram os colaboradores do trabalho de Ramirez (1997).

A língua indígena warí, única representante da família Txapakúra na amostra, contém aproximadamente 1800 falantes, que são conhecidos por Pacaas Novos, nome de um rio da Amazônia. Os falantes dessa língua se dividem em subgrupos, que vivem entre os afluentes desse rio e do rio Mamoré no oeste de Rondônia. Os autores da gramática warí ressaltam que a descrição linguística feita por eles trata de um dialeto específico, conhecido por *oro nao*.

O sanumá, que representa a família Yanomámi, é falado por aproximadamente 2000 indivíduos, dos quais 500 moram no Brasil e o restante, na Venezuela. Essa tribo se encontra,

no território brasileiro, na região do rio Auaris, e na Venezuela, na região dos rios Matacuni, Ventuari, Caura e Erbato. O grupo sanumá é um povo basicamente monolíngue.

O povo que habita o norte do território do Amapá, próximo à fronteira com a Guiana Francesa, formado por aproximadamente 500 indivíduos, fala a língua karipúna-creole, uma língua pertencente à família crioula, já que é resultado de uma mescla linguística. Antes de chegar ao Amapá, os karipúna-creole viviam numa região do Estado do Pará e falavam uma língua tupi. Mais tarde, porém, esse grupo cultural se mudou para a Guiana Francesa, onde começou a falar o creole. Encontra-se, atualmente, nas margens do rio Curipi e vive em vilas ou em pequenos agrupamentos de casas ao longo desse rio.

3. ESTRATÉGIAS DE RELATIVIZAÇÃO NAS LÍNGUAS INDÍGENAS

3.1. O Tronco Tupi

Nas línguas representantes do Tronco Tupi, a única estratégia de relativização encontrada é a **nominalização**. Na sequência, encontram-se exemplos de nominalizações em todas as línguas desse tronco linguístico.

Em **guajá**, os afixos responsáveis pela relativização são *-(a)há(r)*, *-imi*, *-(i)pýr*, e *-ma'á*, exemplificados respectivamente em (3.01-3.04). Magalhães (2007) aponta a existência de outro nominalizador nessa língua, o morfema *-a(há)*. A autora, no entanto, não fornece nenhum exemplo com esse nominalizador.

- (3.01) Guajá (MAGALHÃES, 2007, p. 218)
 awá-wanihã-kér-a ma'á Ø-ika-**hár**-a o-hó ka'á-pe
 Guajá-homem- RETR-N caça R1-matar-NMLZ-N 3-ir mata- LOC
Os guajá homens que são caçadores foram para o mato.
(lit.: 'os guajá homens, caçadores, foram para o mato')

- (3.02) Guajá (MAGALHÃES, 2007, p.218)
 a'é kawá Ø-rukú tá, ha=r-**imi**-ru-kér-a
 DEM vasilha 3-ficar PROJ 1=R1-NMLZ-RETR-N
Ele vai ficar com a vasilha que eu trouxe.

- (3.03) Guajá (MAGALHÃES, 2007, p. 186)
 iká-**pyr**-y'ým-a Ø-wyhý ka'á r-ipí
 matar-NMLZ-NEG-N 3-correr mato R1-por
'o (veado) que não foi matado fugiu pelo mato'

- (3.04) Guajá (MAGALHÃES, 2007, p. 216)
 jahá karaí'ýr-a i-ĩ-ý-**ma'á**-Ø a-xá
 eu criança-N R2-dizer-NEG-NMLZ-N 1-ver
Eu vi a criança que não fala.

Na língua **kaiwá**, a partícula nominalizadora é *waʔe* e como ela pode co-ocorrer com a categoria de tempo nominal, são possíveis estas combinações: presente *wa(ʔe)-Ø*, passado *waʔe-kwe* e futuro *waʔe-rã*. Em (3.05), tem-se um exemplo de nominalização no kaiwá, em que a partícula nominalizadora co-ocorre com a marcação de passado:

- (3.05) Kaiwá (CARDOSO, 2008, p.156)
 o-ɲwãhẽ pětẽʔĩ kũnũ'mĩ ko o-ho **waʔe-kwe** moʔero-ɲwĩ
 3.Sa-chegar um menino este 3.Sa-ir NMLZ-PST escola-LOC
Chegou o menino que foi para a escola.

Em **kamayurá**, são oito os afixos responsáveis pela nominalização: *-tat* (agentivo), *-tap* (nome de ação/estado), *-emi* (nome de paciente/objeto), *-ipyɬ* (nome paciente), *-ama'e* (nome atributivo), *-uma'e* (nome atributivo negativo), *-wat* (nominalizador de circunstância) e *-hep* (nome de estado). Segundo Seki (2000, p. 121-123), o sufixo *-tat* é acrescentado a radicais de verbos transitivos; o *-tap*, a radicais verbais transitivos, intransitivos ativos e descritivos, formando nomes que indicam ação, lugar ou instrumento. Exemplos com *-tat* e *-tap* se encontram em (3.06) e (3.07), respectivamente.

- (3.06) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 121)
 -juka “matar” → -juka-**tat** “o que mata, matador”

- (3.07) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 121)
 -porajaj “dançar” → -porajaj-**tap** “dança, baile”

Já o nominalizador *-emi*, exemplificado em (3.08), é o único dos nominalizadores que se constitui como prefixo na língua, e pode ser acrescentado a radicais de verbos transitivos. Também pode ser acrescentado a verbos transitivos o sufixo *-ipyɬ*, como mostra (3.09). Tal sufixo, que só ocorre quando se combina com *-het* (passado nominal) e *-ram* (atributivo), é, por isso, pouco usado em kamayurá.

- (3.08) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 121)
 je=r-**emi**-juka → “o que eu matei”
 1sg=REL-NMLZ-matar

- (3.09) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 122)
 I=juka **-pyr** -et
 3-matar -NMLZ -PST
 “o que foi morto”

O morfema *-ama'e* é sufixado a verbos intransitivos ativos ou descritivos e a nominais com função descritiva, derivando nomes que indicam “o que é X” e “o que tem X”, como se vê respectivamente em (3.10) e (3.11):

- (3.10) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 122)
 i-pitsun-**ama'e**
 3-preto-NMLZ
O que é preto.

- (3.11) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 122)
 t-a'yr-**ama'e**
 3-filho-NMLZ
O que tem filho.

Por fim, o sufixo *-uma'e* é a contraparte negativa do sufixo *-ama'e* e o nominalizador *-wat* nominaliza adverbiais, formando nomes caracterizados por sua relação com a circunstância expressa pelo advérbio. O sufixo *-het* é pouco produtivo e, segundo a autora, foi registrado em poucas ocorrências em radicais descritivos. Em (3.12) e (3.13), há exemplos de nominalização atuando como oração relativa e a modificação tem por escopo os elementos *wyrapy-a* e *akawama'e-a*, respectivamente:

- (3.12) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 179)
 akawama'e-a o-juka wyrapy-a kunu'um-a pyhyk-**ar**-er-a
 homem- NUC 3-matar gavião- NUC menino-NUC pegar-NMLZ-PST- NUC
O homem matou o gavião que pegou o menino.

- (3.13) Kamayurá (SEKI, 2000, p. 179)
 o-yk akawama'e-a i-mono-**pyr**-er-a posto katy
 3-chegar homem-NUC 3-enviar-NLMZ-PST-NUC posto AL⁸
Chegou o homem que foi enviado ao posto.

As orações relativas em **urubú-kaapor** também ocorrem sob a forma de nominalizações, exemplificada em (3.14):

- (3.14) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 375)
 wasai kaitã we- rur **me'ẽ** ihẽ a- kamyryk
 açai Caetano 3- bring NMLZ I 1SG- knead
 I kneaded the açai fruit that Caetano brought.
Eu amassei o açai que Caetano trouxe.

Existem três formas de nominalizadores nessa língua: *-ha*, *-har* e *me'ẽ ke*. A primeira e a última forma, *-ha* e *me'ẽ ke*, nominalizam verbos, enquanto *-har* nominaliza advérbios e frases pospostas. O nominalizador *-ha* pode ocorrer como *-a*, se aparece depois da consoante *k*, ou como *-iha*, se aparece depois de outras consoantes. Alguns falantes, no entanto, segundo Kakumasu (1986), usam o sufixo *-iha*, ao invés de *-a*, seguindo a consoante *k*. O exemplo (3.15) mostra uma nominalização com *-iha* e o exemplo (3.16), com *-har*.

- (3.15) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 376)
 i-tawa tuti ke awa u-sak-**iha**
 3-yellow Tuti FOC person 3-see-NMLZ
 Tuti was yellow (to) the one seeing him.
Tuti tinha ciúmes daquele que olhava para ele.

- (3.16) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 377)
 jete-**har**
 trae- NMLZ 'thing that is true'
 'coisa que é verdadeira', 'coisa verdadeira'

⁸ Seki (2000) não fornece o significado dessa abreviação.

Com o emprego do nominalizador *-iha*, em (3.15), obtém-se o sentido de agente, ou seja, daquele que realiza a ação do verbo. Esse mesmo nominalizador pode expressar ação ou processo e, ainda, pode ter sentido de instrumento, como em (3.17):

- (3.17) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 376)
 petek-**iha**
 3+hit-NMLZ
 ‘thing with which to hit (something)’
 ‘coisa com a qual se bate (algo)’

O nominalizador *-har* geralmente significa “coisa que é”, como no exemplo anterior (3.16), ou “aquele que é”, como no exemplo (3.18):

- (3.18) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 377)
 rake-**har**
 beside-NMLZ ‘one who lives beside’
 ‘aquele que vive ao lado’

Uma construção com o nominalizador *me’ẽ ke* é mais usada para expressar o agente da ação, como em (3.19), agente do processo ou, ainda, o sujeito de um estado.

- (3.19) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 377)
 pe amõ u-hem Wainumby je’ẽ- py- **me’ẽ** ra’yr
 and another 3-appear Wainumby 3+speak- first- NMLZ child
 And another appeared, Wainumby, son of the one who first spoke (to the non-Indian).
 E outro apareceu, Wainumby, filho daquele que falou primeiro (ao não-índio).

A partícula *ke* do nominalizador *me’ẽ ke* pode estar ausente nas construções nominalizadas em que ocorre, como se pode notar em (3.19), sem diferença de significado. Kakumasu (1986) salienta que tal partícula também marca foco em urubú-kaapor; apesar

disso, o nominalizador *me'ẽ ke* não atua como focalizador ou enfatizador. A esse nominalizador pode-se intercalar a partícula *ta*, referente à marcação de plural, como no exemplo (3.20):

- (3.20) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 375)
amõ ahy **me'ẽ ta ke** tur
another pain NMLZ PL FOC 3 come
Others who were sick came.
Os outros que estavam doentes vieram.

A nominalização na língua **mundurukú** se realiza por meio do nominalizador *-iat* imediatamente após o verbo da oração subordinada, como no exemplo (3.21) abaixo. De acordo com Gomes (2007), a oração relativa em mundurukú se comporta como nome, pois ambos podem receber marcação de caso, constituir objetos de posposição, ser retomados catafórica e/ou anaforicamente e, ainda, passar por processos de morfologia nominal, como o de pluralização (*-yũ*).

- (3.21) Mundurukú (GOMES, 2007, p.1)
ayacat o'ajêm **iat** bio o'=t-akat kise-m
mulher 3Sa=chegar NMLZ anta 3Sa=R2-cortar faca-INS
A mulher que chegou cortou a anta com a faca.

As funções relativizadas nessa língua são Sujeito (3.22) e Objeto Direto (3.23), que, quando desempenhadas pelo item relativizado na oração matriz, não recebem marcação de caso e o nominalizador de relativas ocorre em sua forma básica, *-iat*.

- (3.22) Mundurukú (GOMES, 2007, p. 1)
ayacat i-cokcok **iat** bio o'=t-akat kise-m
mulher R2-estar.alegre NMLZ anta 3Sa=R2-cortar faca-INS
A mulher que está alegre cortou a anta com a faca.

(3.23) Mundurukú (GOMES, 2007, p. 2)

puy Ø-bu ayacat_____ o'=su-bu-aoka **iat** i-bu-pakpak
 cobra R1-CLF mulher.OD 3Sa=R2-CLF-matar NMLZ R2-CLF-ser.vermelho
A cobra que a mulher matou é vermelha.

Se as funções desempenhadas pelo item relativizado recebem marcação de caso ou, ainda, constituem posposições, ocorre marcação de caso na relativa:

(3.24) Mundurukú (GOMES, 2007, p. 2)

wamõat i-taybit wida-m ayacat o'=y-aoka **ia-n**
 pajé R2-saber onça-INS mulher 3Sa=R2-matar NMLZ-INS
O pajé sabe da onça que matou a mulher.

As cinco línguas representantes do Tronco Tupi são semelhantes no tocante à estratégia de relativização, uma vez que todas elas se valem de nominalização, como se vê no quadro a seguir:

Línguas		Estratégia de relativização
Tronco Tupi	Guajá	Nominalização
	Kaiwá	Nominalização
	Kamayurá	Nominalização
	Urubú-Kaapor	Nominalização
	Mundurukú	Nominalização

Quadro 2. Estratégias de relativização no Tronco Tupi

3.2. O Tronco Macro-Jê

Na língua **bororo**, as ORs sempre precedem o SN que modificam e contêm o enclítico *-wi*, que serve como um tipo de pronome substituto do elemento da oração modificada pela oração relativa. Como esse enclítico é invariável, ele não apresenta marcas de número, gênero ou caso; além disso, conecta-se à palavra imediatamente anterior à oração relativa, como se vê em (3.25):

- (3.25) Boróro (CROWELL, 1979, p. 109)
- | | | | | | |
|-------------|-----------|-----|-------------------|-------|-------------|
| u-tu-re | a-wai | kae | jawiji- wi | aredi | motu-re |
| 3SG-go-NEUT | 2SG-house | to | yesterday-REL | woman | pretty-NEUT |
- The woman who went to your house yesterday is pretty.
A mulher que foi a tua casa ontem é bonita.

Crowell (1979) compara o enclítico *-wi* com as palavras WH da língua inglesa, com a ressalva de que eles diferem em termos de posição e forma. No inglês, as palavras WH ocupam as posições iniciais da relativa e em bororo, ao contrário, o clítico se junta sempre ao último elemento da relativa. Além disso, em bororo, a posição do SN, que foi substituído por *-wi*, é deixada vazia, o que não ocorre no inglês. Nesse sentido, a estratégia de relativização do bororo é a de **lacuna**. A diferença relacionada à forma diz respeito ao fato de o enclítico ser invariável, não dependendo do tipo de elemento que ele substitui. Em outros termos, não há marcação de caso, uma vez que se determina a função por informações contextuais.

As orações relativas em bororo, portanto, são codificadas mediante o uso da estratégia de lacuna, segundo a qual a posição do SN modificado fica vazia na relativa, com sua substituição pelo enclítico *-wi*. Dois exemplos de relativas nessa língua estão dispostos em (3.26) e (3.27) a seguir.

(3.26) Boróro (CROWELL, 1979, p. 110)

jo-riḁi-re tapira-ji-wi ime etu-re toro
 3SG-see-NEUT cow-REFR-REL men 3PL-go-NEUT there
 ‘The men who saw the cow went there.’
 ‘Os homens que viram a vaca foram lá.’

(3.27) Boróro (CROWELL, 1979, p. 110)

a-re maki in-ai-wi dineheiro jeti-re wee
 2SG-NEUT give 1SG-BENF-REL money be-NEUT here
 ‘The money that you gave me is here.’
 ‘O dinheiro que você me deu está aqui.’

Nessa língua, também é possível encontrar relativas sem núcleo:

(3.28) Boróro (CROWELL, 1979, p. 113)

it-aidu-re maragodi-re-wi-ji
 1SG-like-NEUT work-NEUT-REL-REFR
 ‘I like the one who worked.’
Eu gosto daquele que trabalhou.

A relativização em **apinayé** é expressa em termos de subordinação, ou seja, uma das propriedades morfossintáticas das orações relativas nessa língua diz respeito ao fato de que a forma do verbo é a não-finita e, no caso de um verbo transitivo, o marcador de caso ergativo ocorre no primeiro constituinte nominal da oração subordinada. Além disso, o marcador de definitude *ja* pode aparecer na fronteira das orações, precedido ou não pelo nominalizador de agente *čwəŋ*, que tende a ocorrer com verbos de ação ou atividade.

Nessa língua, as relativas podem ser de núcleo externo (necessariamente pós-nominais) ou de núcleo interno, dependendo da posição relativizada. Assim, as relativas de Sujeito e Objeto são, na maioria dos casos, de núcleo interno, podendo ser de núcleo externo se um pronome lembrete de terceira pessoa for empregado. Quando as relativas são de núcleo interno, a relativização ocorre por meio de **não-redução**, caso de (3.29):

(3.29) Apinayé (OLIVEIRA, 2005, p. 282)

ic-tɛ a-mã bi jarẽŋ ja
1-ERG 2-DAT man R-tell.NF DEF.ART

na tɛ Ø krĩ õ kamã pa
RLS HAB 3 village one INSV live

‘This man I’m telling you about lives in the other village.’

Este homem de quem eu estou falando para vocês mora na outra vila.

Quando se relativiza Agente, o núcleo é externo, e o marcador ergativo funciona como pronome lembrete. A relativização de dativo-beneficiário também envolve um núcleo externo, mas não requer o emprego de um lembrete. Em ambos os casos, a estratégia é a da **nominalização**, exemplificada em (3.30):

(3.30) Apinayé (OLIVEIRA, 2005, p. 284)

di kɔt ip-mã me=kədəẽçə n-õr čwəp ja
woman 3.ERG 1-DAT INDF=counterpart R-give NMLZ.A DEF.ART

na Ø prɛ ra jã ma tẽ
RLS 3 PST ASP yesterday MOV go

‘The woman who gave me the medication left yesterday.’

A mulher que me deu o medicamento foi embora ontem.

Em **canela-krahô**, a modificação nominal pode ser exercida por adjetivos, demonstrativos, especificadores (nomes que modificam nomes mais genéricos na língua), pelas partículas *deceased* ‘falecido’ e *kwỳj* ‘nome feminino’ e por orações relativas.

A oração relativa no canela-krahô consiste em um modificador nominal marcado obrigatoriamente por um pronome demonstrativo, que funciona, aqui, como um pronome relativo correspondente ao núcleo nominal da oração matriz. Os pronomes demonstrativos são *ita* (este, esta, isto), *itajê* (estes, estas), *ata* (esse, essa, isso) e *atajê* (esses, essas), e ocorrem no final da oração relativa, e não na fronteira entre a OR e a oração matriz, como assinala Givón (1990). A posição desses pronomes pode estar relacionada ao fato de que eles também

indicam referência prévia no discurso. A estratégia empregada por essa língua é, portanto, a do **pronome relativo**, exemplificada em (3.31-3.34):

- (3.31) Canela-Krahô (POPJES; POPJES, 1986, p. 171)
 i-te hümre te rop curan **ita** pupun
 1-PST man PST dog kill DEM see
 I saw the man who killed the dog.
Eu vi o homem que matou o cachorro.

- (3.32) Canela-Krahô (POPJES; POPJES, 1986, p. 171)
 wa i-te rop pupun capi te ih-curan **ata**
 1 1-PST dog see Capi PST 3-kill DEM
 I saw the dog Capi killed.
Eu vi o cachorro que Capi matou.

- (3.33) Canela-Krahô (POPJES; POPJES, 1986, p. 171)
 i-te hümre pê rop curan **ata** pupun
 1-PST man MAL dog kill DEM see
 I saw the man whose dog I killed.
Eu vi o homem cujo cachorro eu matei.

- (3.34) Canela-Krahô (POPJES; POPJES, 1986, p. 171)
 i-te hümre mã rop curan **ata** pupun
 1-PST man BENF dog kill DEM see
 I saw the man for whom I killed the dog.
Eu vi o homem para quem eu matei o cachorro.

Segundo Popjes e Popjes (1986), o núcleo modificado pode estar dentro da OR ou pode precedê-la. Assim, as relativas nessa língua são de núcleo interno ou pré-nominais.

Ao contrário das orações relativas das línguas do Tronco Tupi, que são todas formadas por meio de nominalização, cada língua representante do Tronco Macro-Jê emprega uma estratégia de relativização diferente, conforme consta no quadro a seguir:

Línguas		Estratégia de relativização
Tronco Macro-Jê	Bororo	Lacuna
	Apinayé	Nominalização/Não-redução
	Canela-Krahô	Pronome relativo

Quadro 3. Estratégias de relativização no Tronco Macro-Jê

3.3. A família Karíb

No **hixkaryána**, a oração relativa pode se realizar mediante os seguintes mecanismos codificadores: (i) nominalização; (ii) Sintagmas Nominais justapostos em uma relação paratática, acompanhados de quebra entonacional; (iii) sentenças descritivas envolvendo uma oração equativa; ou (iv) uma combinação dessas estratégias. A **construção nominalizada** é o mecanismo mais comum para se obter o efeito pretendido por uma oração relativa.

No exemplo (3.35), a oração equativa *horykomo tho mokro*, que é opcionalmente seguida pela cópula *nehxakonĩ*, modifica o nome *hawana* em uma relação paratática. Um exemplo de nominalização nessa língua já foi mencionado na seção 1.3, mas encontra-se repetido na sequência:

- (3.35) Hixkaryána (DERBYSHIRE, 1979, p. 26.)
 nomokye hawana horykomo tho mokro (nehxakonĩ)
 he-came visitor adult-man devalued that-one (he-was)
 A visitor came who was an old man.
Um visitante que era um homem velho veio.

- (1.16) Hixkaryána (DERBYSHIRE, 1979, p. 26)
 nomokno harha (xofrye), **kanihnohnyenhiyamo**
 he-came back (sloth), one-who-destroyed-us (INCL)
 The sloth, who was destroying us all, has come back.
A preguiça, que estava destruindo todos nós, voltou.
 The one who was destroying us all has come back.
Aquilo que estava destruindo todos nós voltou.

As orações relativas em **apalaí** ocorrem basicamente por meio de **nominalização**. Há, no entanto, outros dois procedimentos: justaposição de SNs em uma relação paratática com quebra entoacional e sentenças descritivas que geralmente envolvem orações equativas. Em (3.36), a nominalização atua como uma OR e, em (3.37), a relativização ocorre por parataxe:

- (3.36) Apalaí (KOEHN; KOEHN, 1986, p. 91)

j-eky	wo- hpono	komo
1-pet.POSS	shoot-NMLZ.PST	PL

The one who shot my pet.
Aquele que atirou no meu animal de estimação.

- (3.37) Apalaí (KOEHN; KOEHN, 1986, p. 75)

mame	kanawa	aro-ko	repe	zakare	konôto	rokene
then	canoe	take-HIS	but	alligator	large	only

Then he took a canoe which was only a large alligator but (it functioned as a canoe).
Então ele pegou uma canoa que era apenas um grande jacaré mas (ela funcionava como uma canoa).

Geralmente, a nominalização em apalaí ocorre mediante adição de afixos a verbos, caso dos exemplos anteriores, e são vários os afixos que nominalizam raízes verbais nessa língua: *-ry* ‘nominalização possessiva de ação’; *-pyny* ‘nominalização negativa de ação referente ao ator ou ao ator em potencial’; *-topo* ‘coisa, tempo ou lugar associado a ação’; *-tamity* ‘pagamento pela ação realizada’; *-ne* ‘agente de ação presente’; *-hpono* ‘agente de ação no passado’; *-kety* ‘ator de ação presente’; *-hpyry* ‘ator de ação no passado’; *-ny-...-ry* ‘objeto resultante de uma ação’; *-semano* ‘item novo, sujeito de verbo intransitivo ou objeto de transitivo, resultado de uma ação recentemente realizada’; *-semy* ‘produto de ação no presente ou no futuro’; *-tozo* ‘companhia na ação’; e, por fim, *-tono* ‘nominalização geral’.

Menos frequente que a nominalização de raízes verbais é a nominalização de palavras adjetivas/adverbiais e de posposições, que ocorre por meio dos afixos *-no*, *-to* e *-my*. O exemplo (3.38) mostra a adição de um nominalizador a uma palavra adjetiva/adverbial. Quando ocorre nominalizações desse tipo, a construção resultante é deslocada para a direita como uma expansão da oração principal.

- (3.38) Apalaí (KOEHN; KOEHN, 1986, p. 87)

moroto	kana	ynan- anymy- ase,	pisararâkō	rokene
there	fish	1.3SBJ-3OBJ-lifit-RECPST	small.NMLZ.PL	only

There we caught some fish, just small ones.
Lá nós pegamos alguns peixes, apenas os pequenos.

As orações relativas na língua **ingarikó** também são tipicamente **construções nominalizadas**. Elas se realizam por meio dos sufixos *-pon* e *-nin* (sujeito); do prefixo *n-* ou *ni-* (objeto); do sufixo *-to?* (instrumento); e também por meio dos derivados da forma adverbial *t-* *-sen*, como nos exemplos seguintes.

- (3.39) Ingarikó (SOUZA CRUZ, 2005, p. 402)

pise	mĩre	kareta
PRO.ANM.PROX.VIS	criança	livro

eʔ-katĩrĩ-**pon**, enupa-nin kareta-i
 DETRANS-receber-NMLZ ensinar-NMLZ livro-POSS
Esta é a criança que recebeu o livro, o livro da professora.

- (3.40) Ingarikó (SOUZA CRUZ, 2005, p. 403)

se eki	imun	warawo?	ni-tërë-ʔpĩ	u-piya?
DEM.IMM.PROX.VIS	mandioca	homem	OBJ:NMLZ-dar-PST	1-DAT

Essa é a mandioca que o homem me deu.

- (3.41) Ingarikó (SOUZA CRUZ, 2005, p. 404)

kamoro **t-eʔnĩn-san**
 3PL ADV-dormir-NMLZ:PL
aqueles que dormem

- (3.42) Ingarikó (SOUZA CRUZ, 2005, p. 404)

t-enkarun-sem
 ADV-brincar-NMLZ
aquele que brinca

Há, no entanto, outro mecanismo para a relativização na língua ingarikó: a presença do marcador */-neʔ/*, singular, e */-nan/*, plural. Em (3.43), há um exemplo com o marcador de pluralidade:

- (3.43) Ingarikó (SOUZA CRUZ, 2005, p. 401)

ěnně	měřě	tě	itapai	yamě	w-e-sa?	nai- nam
longe	?	vir	casa	PL	1-ser-PERF	3.ser-REL:PL

As casas de onde eu vim são longe.

A **nominalização**, estrutura por meio da qual o **waiwái** realiza a relativização, ocorre mediante a adição à raiz verbal de um sufixo, que pode nominalizar uma ação possessiva (-*rî*); um objeto, resultado de uma ação (-*nî...-rî/-tho/-thîrî*); a negação de uma ação (-*hto*); as circunstâncias de uma ação (-*topo/-cho*); um objeto que recebeu uma ação no passado com resultados duradouros (-*xapu*); um associativo (-*yem*); o pagamento por um trabalho realizado (-*tamci*); o sujeito de uma ação recente (-*xan*); o agente de uma ação (-*ηe*); o agente ou paciente pessoal não-identificado da ação (-*no*); uma negação (-*hnî*); e uma nominalização anterior à posposição *xe* (-*Ø*). Na sequência, encontram-se exemplos com alguns dos nominalizadores da língua waiwái:

- (3.44) Waiwái (HAWKINS, 1998, p. 90)
 on ha waywî a-**n**-arma-thîrî.
 3.PRO 1.RES arrow 2-NMLZ-throw/drop-PST.POSS
 Here is the arrow you dropped.
Aqui está a flecha que você deixou cair.

- (3.45) Waiwái (HAWKINS, 1998, p. 95)
 ahowoka-**n** me mak eh-co-ko
 disheartened-NEG.NMLZ ADVR just be-COLL-2IMP
 ‘Don’t be ones who are discouraged’
Não seja daqueles que desanimam.

A língua **makuxí** se vale de três diferentes mecanismos para codificar a relativização:

- (i) a justaposição de duas orações, em que a segunda, uma oração equativa, modifica um constituinte da primeira; (ii) uma construção com palavras interrogativas que podem funcionar como pronomes relativos ou pronomes indefinidos; (iii) a nominalização, que pode ser de três tipos: de verbos, de advérbios e de posposições. A estratégia de relativização de que essa língua se vale é a **nominalização**.

No exemplo (3.46), há duas orações principais: a primeira apresenta como sujeito a nominalização de um Sintagma Posposicionado e a segunda é uma oração equativa, em que *teesrinkasannonkon* modifica o sujeito *inkamoro* da primeira oração.

(3.46) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 72)

Marakkan po-n-kon erepamî'pî
Maracanã from-NMLZ-COLL arrive-PST

te-es-rinka-sannon-kon inkamoro
ADVR-DETRANS-sing-NMLZ-COLL those

(erepamî-'san)
(arrive-SBJ:NMLZ)

The ones from Maracanã arrived. Those are ones who sing (the ones who arrived).
Os de Maracanã chegaram. Estes são os que cantam (os que chegaram).

As palavras interrogativas *o'non pata* e *i'pensa*, nos exemplos seguintes, introduzem orações relativas. Esse é outro mecanismo de relativização no makuxí.

(3.47) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 73)

paapa-ya mîîkîrî enepî-'pî sîrîrî pata pona **o'non pata**
god-ERG 3 bring-PST this place to which place

uurî'-nîkon ko'mamî manni pata ya'
1.PRO-COLL live that place in

God brought them to this place, to this place where we live.

Deus os trouxe para este lugar, para este lugar onde nós vivemos.

(3.48) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 73)

mîrîrî yai, **i' pensa** kono' iipî yai,
that at what time rain come at

tî-mî-ri-kon pîmî to'-ya
3.REFL-field-POSS-COLL plant 3.PL-ERG

At that time, at that time when the rain comes, they will plant heir fields.

Nessa época, nessa época em que a chuva chega, eles plantarão seus campos.

Uma construção nominalizada em makuxí pode ocorrer sem a presença de um núcleo nominal, ou seja, há relativas não-nucleares nessa língua. As construções relativas podem vir antes ou depois do nome modificado por questões de ênfase. Frequentemente, entre a oração relativa e o núcleo modificado aparece o verbo principal.

A nominalização de raízes verbais resulta em sujeitos, objetos e instrumentais. Os sujeitos podem ser nominalizados por meio dos sufixos *-koi/-ke* e *-nen*, como em (3.49), designando ações habituais; por meio de *-típon* e de *-'pî*, como em (3.50), designando uma ação específica no passado; e por meio de *-ton*, expressando uma ação potencial, como em (3.51):

- (3.49) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 93)
 inkamoro moro' pî' entamo'ka-**koi**-kon
 those fish at eat-SBJ.NMLZ-COLL
 Those are one who eat fish.
Estes são os que comem peixe.

- (3.50) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 94)
 uurî'-kon koneka-**típon** mîîkîrî Deus
 1.PRO-COLL make-SBJ.NMLZ 3.PRO God
 God is the one who made us.
Deus é aquele que nos fez.

- (3.51) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 94)
 anna pîika'tî-**ton** mîîkîrî
 1.EXCL help-SBJ.NMLZ 3.PRO
 He is our helper (i.e, one able to help us).
Ele é nosso ajudante (i.e, aquele capaz de nos ajudar)

Quando se nominalizam objetos, acrescenta-se o prefixo *n-/nî-* a verbos transitivos, como em (3.52). Para os instrumentos, adiciona-se sufixo *-to'* a raízes transitivas e intransitivas, como em (3.53):

(3.52) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 95)

pemonkon-yamî tî'ka-I-ya, tî-**n**-kupî'-san
 person-PL destroy-3-ERG 3.REFL-OBJ.NMLZ-make-NMLZ.PL
 He will destroy the people, the ones he himself made.
Ele destruirá os pessoas, aquelas que ele mesmo fez.

(3.53) Makuxí (ABBOTT, 1991, p. 96)

seni anna es-enyaka'ma'to
 this 1.EXCL DETRANS-work-INS.NMLZ
 This is our tool (i.e, what we work with)
Isto é nossa ferramenta (i.e, aquilo com que nós trabalhamos)

O quadro 4, na sequência, resume as informações sobre as estratégias de relativização nas línguas da família Karíb. Sua leitura permite dizer que elas se comportam de modo similar, uma vez que todas elas se valem de nominalização. As línguas dessa família se assemelham, por sua vez, com as línguas do Tronco Tupi.

Línguas		Estratégia de relativização
Família Karíb	Hixkaryana	Nominalização
	Apalaí	Nominalização
	Ingarikó	Nominalização
	Waiwái	Nominalização
	Macuxí	Nominalização

Quadro 4. Estratégias de relativização na família Karíb

3.4. A família Aruák

Segundo Facundes (2000), as orações relativas em **apurinã** são construídas por meio de marcadores pronominais relativos, que são afixados ao verbo da oração subordinada. Nesse sentido, a estratégia de relativização empregada nessa língua é a **nominalização**, uma vez que tais marcadores nominalizam o verbo da oração relativa. Os marcadores relativos, sintetizados no quadro seguinte, são também marcadores de correferencialidade, pois, além de indicarem a

função sintática do item relativizado, estabelecem relações correferenciais de gênero e número.

		Sujeito		Objeto	Não-agentividade		3> 1,2 PRON. 3> 1,2 PROCL.
		Positivo	Negativo		Positivo	Negativo	
SG.	M	-karu	-katu	-kutu	-koru	-kotu	-keru
	F	-karo	-kato	-kuto	-koro	-koto	-kero
PL.	M/F	-kanu		-kunu	-konu		-keno

Quadro 5. Sistema de relativizadores (FACUNDES, 2000, p. 246)

Os exemplos (3.54) e (3.55) mostram os marcadores de relativização na constituição de orações relativas no apurinã.

- (3.54) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 566)
 suto kuku karota-**karō** apo-pe
 woman man hurt-REL.F.POSS.SBJ arrive-PERF
 ‘The woman who hurt the man arrived.’
A mulher que feriu o homem chegou.

- (3.55) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 569)
 kuku suto karota-**karu** apo-pe
 man woman hurt-REL.M.POSS.SBJ arrive-PERF
 ‘The man who hurt the woman has arrived.’
O homem que feriu a mulher chegou.

No que se refere à posição do núcleo nominal em relação à OR, o autor afirma que, embora o apurinã disponha de relativas pós-nominais, pré-nominais e de núcleo interno, as pós-nominais são as mais frequentes (encontrada nos dois exemplos anteriores) e, por isso, é denominada não-marcada por Facundes (2000). As relativas pré-nominais, exemplificadas em (3.56), são de uso restrito na língua e as de núcleo interno, tais como (3.57), são consideradas marginais ou até mesmo agramaticais pelos falantes apurinã. Além de relativas nucleares, o apurinã também dispõe de relativas sem núcleo, como atestado em (3.58).

- (3.56) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 572)
suto atama-nanu-ta-karu kuku apo-pe
 woman see-PROG-VBLZ-REL.M.SBJ man arrive-PERF
 ‘The man who was looking at the woman has arrived.’
O homem que estava olhando para a mulher chegou.

- (3.57) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 574)
?suto kuku karota-karu apo-pe-ka
 woman man hurt-REL.M.SBJ arrive-PERF-PRED
 ?‘The man who hurt the woman has arrived.’
 ? *O homem que feriu a mulher chegou.*

- (3.58) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 584)
 n-apoka-ru suto oka-**karu**
 1SG-find-3M.OBJ woman kill-REL.M.POSS.SBJ
 ‘I found the one who/what killed the woman.’
Eu encontrei aquele/aquilo que matou a mulher.

Facundes (2000) aponta a existência de relativas passivas e inversas. As passivas envolvem o uso de partículas de não-agentividade (como em (3.59)) e as inversas, como o nome sugere, produzem uma inversão dos papéis sintáticos de sujeito e objeto. As inversas requerem o uso de marcadores relativos diferentes dos mencionados no quadro, que são *-kery* e *-keru*, como em (3.60):

- (3.59) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 575)
 kuku keta-**koru** upũpe
 man shoot-REL.M.PASS die
 ‘The man who was shot died.’
O homem que levou o tiro morreu.

- (3.60) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 579)
 kuku n-/pu-/a-/h-atama-ta-**keru** apo-pe
 man 1SG-/2SG-/1PL-/2PL-see-REL.M.INV arrive-PERF
 ‘The man who saw me/him/you/us/you (PL) has arrived.’
O homem que viu a mim/a ele/você/nós/vocês chegou.

As orações relativas da língua apurinã apresentadas até aqui envolvem predicados verbais. Conforme salienta Facundes (2000), é possível construir relativas com predicados não-verbais, caso do exemplo seguinte.

- (3.61) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 586)
 suto popũka-ro inha-**karo**-wa apo-pe
 woman Apurinã-F be-REL.F.POSS.SBJ-REFL arrive-PERF
 ‘The woman who was Apurinã has arrived.’
A mulher que era apurinã chegou.

Na língua **tariána**, os predicados das orações relativas são expressos por participios, que podem estar no presente, no passado ou no futuro. A oração principal e a relativa devem ter um argumento comum, e a oração relativa aparece justamente no lugar que esse argumento ocuparia na principal ou depois do argumento comum se ele está expresso, o que mostra uma tendência de pós-nominalidade dessas relativas.

Essa língua se vale de duas estratégias de relativização – **lacuna** e **nominalização** – na dependência da função sintática relativizada. Se, por um lado, houver relativização de Sujeito, aparece o relativizador *ka* e se emprega a estratégia da lacuna; se, por outro lado, houver relativização de Objeto Direto e de Oblíquo, a estratégia que se usa é a da nominalização. Em (3.62), a relativa é codificada pela estratégia de lacuna e em (3.63), pela estratégia da nominalização.

- (3.62) Tariána (AIKHENVALD, 2003, p. 538)
 [wa-phumi-se-se ka-miña-kani]
 1PL-after-LOC-CONTR REL-appear-PST.REL.PL

kaya wa-na nu-eri na:-mha
 so 1PL-OBJ 1SG-younger.brother 3PL.say:-PRES.NONVIS
 ‘Those who had appeared after us call us young brothers.’
Aqueles que tinham aparecido depois de nós chamam-nos de irmãos mais novos.

(3.63) Tariána (AIKHENVALD, 2003, p. 542)

tuki di-a di-keta-pidana [wali-peri
a.little 3SG.NF-go 3SG.NF-meet-REM.REP new-COLL

iha-pidana diha depita disu-**nipe**-pidana]
faeces-REM.REP art nighth.ADV 3SG.NF.excrete-NMLZ-REM.REP

‘He (the tapir) went on a little, he encountered new faces which were excreted (by the turtle) the same nighth.’

Ela (a anta) passou um pouco, ela encontrou novas fezes que foram excretadas (pela tartaruga) na mesma noite.

Aikhenvald (1998) considera que as relativas do **warekéna** são de dois tipos: um tipo correferencial e um tipo não-correferencial. Esse segundo tipo de “relativas”, que se conhece em português como oração adverbial, caso de (3.64), pode referir-se, nessa língua a estado de coisas anteriores ou posteriores ao da oração matriz. As relativas não-correferenciais não são tratadas neste trabalho, uma vez que expressam conceitos adverbiais.

(3.64) Warekéna (AIKHENVALD, 1998, p. 278)

[nuLuami wañuta-li] nu-nupa wani-hĩ
1SG.father order-REL 1SG-come here-PAUS

After my father having ordered, I came here.

Depois que meu pai ordenou, eu vim aqui.

As relativas correferenciais, cujo predicado é marcado pelo clítico *-li*, que também é usado como adjetivizador, tendem a ocorrer após o núcleo modificado. O exemplo (3.65) mostra o uso desse clítico tanto como adjetivizador (*futĩ-li*) como relativizador (*ayuza-li-hĩ*).

(3.65) Warekéna (AIKHENVALD, 1998, p. 273)

ella enami yue peya matseta futĩ-**li** enaba tĩnu
DEM man to one knife big - REL two dog

[ayuza-**li**-hĩ]

help-REL-PAUS

The man has a big knife (lit.: to him a big knife) (and) two dogs which are being helpful.

A faca grande e os dois cachorros que estão sendo úteis são do homem.

Em outro exemplo de oração relativa, ilustrado em (3.66) abaixo, a construção relativa *fia.li enuwabahã* restringe o significado de *we.luami* ‘nosso pai’:

(3.66) Warekéna (AIKHENVALD, 1998, p. 274)

a.le ni-ma yue-hẽ wa-weya weda-hã
thus 3PL - say to him-PAUS 1PL - want 1PL.see-PAUS

we.luami [fia-**li** enu-waba-hã]
1PL. father stay-REL sky-DIR-PAUS

So they said to him, we want to see our father who lives in the sky.

Então eles disseram para ele, nós queremos ver nosso pai que mora no céu.

A estratégia que codifica as orações relativas nessa língua é a de **lacuna**. Há, no entanto, pronomes interrogativos que podem ser usados como relativos. Esse uso é bastante restrito, já que só ocorre quando os interrogativos⁹ são precedidos pelo elemento *paya.lu* ‘tudo’, como em (3.67), em que a oração relativa restringe o sentido de ‘tudo’.

(3.67) Warekéna (AIKHENVALD, 1998, p. 277)

nu-ja nu-tsina-hã **paya.lu ifi** wa-patata-li wa-hã
1SG - go 1SG - tell - PAUS all what 1PL - work - REL then-PAUS

I shall tell all, whatever we then worked.

Eu contarei tudo, tudo o que/quanto nós trabalhamos.

As três línguas que pertencem à família Aruák dispõem, portanto, das estratégias de relativização contidas no quadro 6:

Línguas		Estratégia de relativização
Família Aruák	Apurinã	Nominalização
	Tariána	Lacuna/Nominalização
	Warekéna	Lacuna

Quadro 6. Estratégias de relativização na família Aruák

⁹ Segundo Aikhenvald (1998), o uso de interrogativos como relativos é influência do português.

A leitura desse quadro mostra que, embora os mecanismos de construção de relativas nessas línguas sejam diferentes, há certa semelhança no tocante à natureza da estratégia utilizada, pois ao passo que o apurinã se vale exclusivamente de nominalização e o warekéna, de lacuna, o tariána se vale de ambas as estratégias, a depender da função sintática relativizada.

3.5. A família Pano

Cândido (2004, p. 185) propõe, para a língua **shanenawa**, que “um constituinte da sentença maior (tradicionalmente chamada ‘matriz’ ou ‘principal’) é relativizado por meio do encaixamento de uma sentença restritiva na sentença maior”. Como não há um morfema que une essas orações, Cândido (2004) afirma que as relativas nessa língua são formadas por meio da estratégia de **lacuna**, como se vê em (3.68):

- (3.68) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 185)
 [[nukuhunɨ]_{Nu} [ɨn uin-a]_{OR} u-a-ki]_{Omatriz}
 homem 1 ver-PST vir/chegar-PST-DECL
O homem que eu vi chegou.

Nessa língua, as relativas podem ser nucleares, caso de (3.68), que apresenta o núcleo *nukuhunɨ* expresso, e não-nucleares, caso de (3.69). Cândido (2004) aponta que há certa regularidade de ocorrência da ordem entre o núcleo e a OR, em que a restritiva aparece após o núcleo, e as classifica, por isso, como pós-nominais.

- (3.69) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 187)
 [ɨn tapian-i [jura-Ø ɾiti-a]_{OR}]_{Omatriz}
 1 saber-PRES índio.ABS matar-PST
Eu sei o que matou o índio.

Embora o uso da estratégia de lacuna na formação de relativas seja o mais comum em shanenawa, a autora aponta a existência de duas construções alternativas: uma em que há repetição do SN na oração encaixada referente ao item relativizado, como em (3.70); e outra que envolve uma das poucas conjunções da língua, a conjunção *askaşun*, como em (3.71):

(3.70) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 188)

[[*in pişi-Ø uin-i*]_{OR} jura *pişi-ma-ki*]_{Omatriz}
 1SG casa-ABS ver-PRES índio casa-NEG-DECL
A casa que eu estou vendo não é de índio.

(3.71) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 188)

[*Militão-nu kaman-Ø kuşa-a*]_{Omatriz} [*askaşun fakihu-Ø naka-a*]_{OR}
 Militão-ERG cachorro-ABS bater-PST REL (TRANS) menino-ABS morder-PST
Militão bateu no cachorro que mordeu o menino.

O exemplo contido em (3.70) permite afirmar que a língua shanenawa também se vale da estratégia da **não-redução**, uma vez que há repetição do núcleo dentro e fora da relativa. A conjunção *askaşun*, em (3.71), faz o papel do pronome relativo ou do complementizador.

As orações relativas na língua **matís** tomam a forma de **nominalizações**, que são codificadas, por sua vez, por meio do acréscimo de *-akid*, *-bokid* e *-kid* ao verbo da relativa. O relativizador *-akid* se refere a passado recente paciente; *-bokid* se refere a passado não-recente paciente; e *-kid* se refere a agente. Assim, nas orações relativas em que se empregam *-akid* e *-bokid*, relativiza-se o objeto, enquanto as relativas de sujeito envolvem o uso do nominalizador *-kid*. Em (3.72), o objeto é relativizado por *-akid* e, em (3.73), há relativização de sujeito:

(3.72) Matís (FERREIRA, 2005, p. 275)

inbi tʃamo-akid nami-Ø mikui pe-bo-k
 1SG.ERG assar-NMLZ.PST.NREC carne-abs 2PL comer-PST.NREC.-DECL
Vocês comeram a carne que eu assei.

(3.73) Matís (FERREIRA, 2005, p. 276)

ɨnbi	sandalia-Ø	bɨda	kimo
1 SG.ERG	sandália-ABS	bonita	intens

ik- kid -Ø	bed-bonda-k
COP-NMLZ.AG-ABS	comprar-PST.DIST-DECL

Eu comprei a sandália que é muito bonita.

No tocante à posição do núcleo em relação à relativa, Ferreira (2005) afirma que a relativa tende a ser pós-nominal quando se relativiza objeto e tende a ser pré-nominal quando se relativiza sujeito.

Do exposto sobre as relativas nas línguas da família Pano, é possível formar o quadro 7, que mostra que o shanenawa e o matís não são línguas semelhantes no tocante à relativização, pois cada uma delas emprega uma estratégia diferente.

Língua		Estratégia de relativização
Família Pano	Shanenawa	Lacuna/Não-redução
	Matís	Nominalização

Quadro 7. Estratégias de relativização na família Pano

3.6. A família Makú

Epps (2005) aponta que, em **húpda**, as orações relativas podem conter um núcleo externo ou podem ser não-nucleares. Geralmente, as orações relativas nucleares são pré-nominais, ou seja, ocorrem antes do nome modificado. A posição que as relativas ocupam em relação ao nome modificado é diferente da posição dos adjetivos, que seguem o núcleo nominal. As relativas em húpda são constituídas por **nominalização** de verbos. Segundo a autora, como não há nenhuma marcação formal da relativização, essa estratégia pode se confundir com a de lacuna.

Epps (2005) trata da relativização em termos de um *continuum* entre oração relativa com núcleo e oração relativa sem núcleo. As relativas nucleares apresentam um núcleo nominal complexo, enquanto as não-nucleares não. Ambas se situam nos pólos extremos do *continuum*, encontrando-se, na parte intermediária, as relativas nucleadas por um nome simples, semanticamente menos explícito que um nome complexo.

O nominalizador de relativas é por excelência o marcador de dependência *-DEP*, um sufixo preso que é afixado diretamente ao verbo, que, por sua vez, desempenha outras funções além da relativização. Como já mencionado, a construção nominalizada antecede o nome modificado, que pode ser um nome simples ou complexo. A oração relativa, similarmente aos nomes compostos em hupda, atua como modificador de Sintagmas Nominais. Em (3.74), o núcleo da relativa é um nome simples e em (3.75), um nome complexo:

(3.74) Hupda (EPPS, 2005, p. 692)

yúp [híd key-ʔě-**p**] hōhōh=b'ay, ham-yiʔ ní-ay-áh
 that.ITG 3PL see-PERF-DEP today=again go-TEL be-INCH-DECL
 'That frog they were looking at, (it) went away.'
 'Aquele sapo que eles estavam olhando, fugiu.' (FS.2)

(3.75) Húpda (EPPS, 2005, p. 692)

yít=mah yúp húp=wəd
thus-REP that-ITG person=RESP

wĩʔ-g'ét-éy, mɔh̃ g'íg-ip=ʔih̃
hear-stand-DYNM inambu shoot.w.arrow-DEP=M

'There a man was standing listening, (it was) one who was shooting inambu.'
(E.SB.4)

'Havia um homem de pé escutando, aquele que estava arremessando inambu'.

Outra estratégia de relativização nessa língua envolve o uso do marcador de plural =d'əh, que pode ser empregado quando o nome relativizado é animado. Em relativas desse tipo¹⁰, o marcador funciona como o núcleo nominal, como se fosse um nome simples. O exemplo contido em (3.76) ilustra essa estratégia:

(3.76) Hupda (EPPS, 2005, p. 693)

ʔecáp cóʔ hid nán-ay-áh, [hid=n'ăn máh]=d'əh-əh
tomorrow LOC 3PL come-INCH-DECL 3PL=PL.OBJ kill=PL-DECL

'The next day they arrived, those who (would) kill them'.

'No próximo dia eles chegaram, aqueles que os matariam'.

Além do uso do marcador de dependência e do marcador de plural, relativas de Objeto e de Oblíquo, em húpda, são marcadas para caso (-ăn, Objeto e -Vt, Oblíquo). Em (3.77) e (3.78), respectivamente, há exemplos para essas situações:

(3.77) Hupda (EPPS, 2005, p. 694)

[ʔãh wɔn'-ʔé]-w-ăn ỹ təh-yiʔ-iy
1SG mingau-PERF-FLR-OBJ João break-TEL-DYNM

'John broke the one (i.e. a stick) with which I was making mingau'.

Jãoo quebrou aquilo (o pau) com o qual que estava fazendo mingau'.

¹⁰ As relativas com esse marcador de plural são as relativas intermediárias do *continuum* proposto por Epps (2005).

- (3.78) Hupda (EPPS, 2005, p. 695)
 tih hōhtēg-ét hám-áy, [tih=báb' biʔ-ʔé]-w-it]
 3SG canoe-OBL go-DYNM 3SG=sibling work-PERF-FLR-OBJ
 'He's going in the canoe, in the one his brother made'.
 'Ele está indo na canoa, na que seu irmão fez'.

Essas relativas são não-nucleares e, assim como as marcadas pelo pluralizador, perdem o marcador típico de relativas, o marcador de dependência –*DEP*. Esse tipo de relativa é mais comum para as funções de Objeto e Oblíquo.

Diferentemente do húpda, as orações relativas em **dâw** são formadas por meio da estratégia da **lacuna**. Essas orações envolvem os pronomes demonstrativos relativizadores *pàj* “aquele (a) que” e *ʔyg ~ yg* “esse (a) que enfático” (quando a função é enfatizar o antecedente a que se refere) ou a conjunção relativa *ʔuj*. As relativas nessa língua são pós-nominais e esses pronomes aparecem em posição pós-verbal. De acordo com Martins (2004), o emprego de um ou outro relativizador se relaciona com a função do termo relativizado. Assim, para Sujeitos e Objetos, é possível encontrar relativas tanto com *pàj* como *ʔyg ~ yg*; mas, com a conjunção *ʔuj*, há apenas relativas de Objeto. Em (3.79), há relativa de Sujeito com o relativizador *pàj* e, em (3.80), há relativa de objeto com a conjunção *ʔuj*:

- (3.79) Dâw (MARTINS, 2004, p. 596)
 ʔa-buɣ nĩ dɣw ʔǎj mʔẽʔ-ẽd buj-fuɣh **pàj**
 esse-aí haver gente fêmea um-ESP menstruar DEM.REL
Daí havia uma moça que menstruou pela primeira vez.

- (3.80) Dâw (MARTINS, 2004, p. 596)
 mẽɲ tug cɔm jũt gid
 1SG.POSS marido banhar PERF CONJ

ʔǎh xa háp tih láj **ʔuj**
 1SG cozinhar peixe 3SG pescar CONJ

Quando meu marido acabar de banhar, eu vou cozinhar o peixe que ele pescou.

Martins (2004) aponta para o fato de que o pronome demonstrativo *ʔáʔ* “este” também pode ser empregado como um relativizador. Diferentemente dos demais relativizadores, ele ocupa a posição inicial da oração e pode ocorrer isolado ou aglutinado.

(3.81) Dâw (MARTINS, 2004, p. 596)

hăp ʔáʔ ʔăh lóʔ ʔa dɔx
 peixe este 1SG comprar esse estar estragado
O peixe, este que eu comprei, está estragado.

O quadro 8, disposto a seguir, resume as estratégias de relativização empregadas pelas línguas húpda e dâw, representantes da família Makú:

Línguas		Estratégia de relativização
Família Makú	Húpda	Nominalização
	Dâw	Lacuna

Quadro 8. Estratégias de relativização na família Makú

3.7. A família Nambikwára

Segundo Kroeker (2003), a língua **nambikwára** apresenta orações subordinadas adverbiais, completivas e relativas. As relativas, que funcionam como modificadores de substantivos, são classificadas como não-pessoal, culminante ou dinâmica, dependendo do tipo de morfema existente. Os sufixos *-sxã³* ‘sequência imediata’ e *-nũ²la²* ‘sequência atrasada’ marcam as relativas do tipo não-pessoal, enquanto os sufixos *-te³na¹* ‘resposta imediata’ e *-na³na¹* ‘resposta atrasada’ codificam as relativas culminantes, que são sempre marcadas para pessoa. O tipo dinâmico, por fim, apresenta os sufixos *-hak²xai³* ‘causal’ e *-kxa²yu³su²* ‘adicional’. Além disso, como as relativas em nambikwára são sempre nucleares, o

núcleo pode tanto ser abertamente expresso como consistir em uma referência feita por meio de um gesto a algo/alguém que não foi mencionado.

Como Kroeker (2003) não informa a estratégia de relativização empregada pelo nambikwára, os exemplares de orações relativas nessa língua foram analisados e a interpretação deles permite dizer que as ORs são formadas por meio da estratégia de **lacuna**, conforme os exemplos (3.82) e (3.83):

- (3.82) Nambikwára (KROEKER, 2001, p. 68)
 in³txa2 yen³kxa2 kãĩ³ki²-ne³-jah¹l-a² ã²-a¹- hẽ³-la²
 homem coisa roubar-1+2-CLF.homem-DEF ver-1SG-T/E.IO.PST-PERF
 ‘Vi o homem que nos roubou’

- (3.83) Nambikwára (KROEKER, 2001, p. 68)
 in³txa2 kãĩ³ki²-ne³-jah¹l-a² wa³lxi²-Ø-na2hẽ³-la²
 homem roubar-1+2-CLF.homem-DEF voltar-3sg- T/E.IO.PST-PERF
 ‘O homem que nos roubou voltou.’

Na língua **sabanê**, as orações relativas são construções subordinadas a um nome ou a um verbo nominalizado, que tomam a forma de **nominalizações**. Em (3.84), a relativa é subordinada a um verbo nominalizado e, em (3.85), a um nome. Esses dois exemplos mostram relativas com núcleo, enquanto o exemplo contido em (3.86) mostra uma relativa sem núcleo:

- (3.84) Sabanê (ARAUJO, 2004, p. 192)
 kan.i.ta.mi {m-ip-i-datinan} m-yaya-mi-datinan
 dead (body) 2OBJ-to.see-VS-PST.EV 2POSS-brother-REFR-PST.EV
 ‘The corpse {that you have seen} is your brother’s.’
O cadáver que você viu é do seu irmão.

- (3.85) Sabanê (ARAUJO, 2004, p. 192)
 miakali-ka {hala.n.ta.mi} t-ilup-a-datinan
 manioc-OBJ putrid 1OBJ-to.vomit-VS-PST.EV
 ‘I vomited the manioc {which was putrid}.’
Eu vomitei a mandioca que estava podre.

- (3.86) Sabanê (ARAUJO, 2004, p. 192)
 hilikan-n-bi-ta-mi
 to.play-VS-PAC.NMLZ-ACT.NMLZ-REF
 ‘Player/The one who plays.’
O jogador/Aquele que brinca.

A expressão da estratégia da nominalização em sabanê, como se pode ver nos exemplos mostrados, é o sufixo nominalizador de ação, *-ta*, e o sufixo de referência *-mi* adicionados, ambos, a uma raiz verbal (raiz + sufixo verbal). Em (3.87), há um exemplo de nominalização de ação:

- (3.87) Sabanê (ARAUJO, 2004, p. 125)
 kan-i-ta-mi
 to die-VS-PAC.NMLZ-ACT.NMLZ-REF
 ‘the dead/the death’
 O morto/ a morte.

Quando a nominalização se refere ao participante da nominalização, aparece, ainda, o sufixo *-bi*. Parece ser esse o caso das relativas sem núcleo, já exemplificada em (3.86), e, também, em (3.88):

- (3.88) Sabanê (ARAUJO, 2004, p. 125)
 kan-i-bi-ta-mi
 to die-VS-PAC.NMLZ-ACT.NMLZ-REF
 ‘the killer’
 O matador/ Aquele que mata

Como visto, o nambikwára e o sabanê empregam estratégias de relativização diferentes: enquanto o primeiro constroi relativas por meio de lacuna, o segundo se vale de nominalização.

Línguas		Estratégia de relativização
Família Nambikwára	Nambikwára	Lacuna
	Sabanê	Nominalização

Quadro 9. Estratégias de relativização na família Nambikwára

3.8. A família Arawá

As orações relativas em **paumarí** apresentam um verbo flexionado com o sufixo *–ki*, responsável pela construção de orações relativas na língua, como em (3.89).

- (3.89) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 238)
- siri** ka-jokira-ri-**ki** ho-**ra** na-ihamahi-'i-hi
 turtle VBLZ-salt-NEG-REL me-OBJ CAUS-be:angry-ASP-THEM
 The turtle which was unsalted angered me.
A tartaruga que estava sem sal me irritou.
 I was angry because the turtle was unsalted.
Eu estava irritado porque a tartaruga estava sem sal.

As ORs podem ser nucleares, caso do exemplo (3.89), que são mais comuns na língua, e podem ser, também, não-nucleares. Além disso, ORs geralmente são pós-nominais e recebem marcação de caso: *-ra*, para Objeto, e *-a*, para Sujeito. O exemplo anterior (3.89) mostra a marcação de objeto e o (3.90), a seguir, a de sujeito. A estratégia de relativização empregada em paumarí é a de **lacuna**, exemplificada tanto por (3.89) como por (3.90):

- (3.90) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 239)

jara anani pa'isi-**a**
non.Indian female small-ERG

bi-ka-va-ki'daraha-'i-**ki** ida sapiva
1SG-away-NOM.CLF-COMIT-MOV-ASP-REL DEM.F hat
'The little non-Indian girl ran with the hat which I had brought.'
A menininha não-índia correu com o chapéu que eu tinha trazido.

De acordo com Dixon (2004), na língua **jarawára** a relativização ocorre por simples justaposição de nomes e as relativas são de núcleo interno. No entanto, os dados fornecidos parecem contrariar essa afirmação. Observe os exemplos contidos em (3.91) e em (3.92):

- (3.91) Jarawára (DIXON, 2004, p. 526)

[Jara_A sirikaa_O siri ne-no]_{REL:O} mee wasi-witiha
Branco.M rubberM tap AUX-IP¹¹.NM 3SG.AG find-from.PLACE.F
'They encountered a Branco who had been tapping rubber.'
Eles encontraram o Branco que estava extraindo borracha.

- (3.92) Jarawára (DIXON, 2004, p. 525)

[jama_S ka-wina]_{REL:O} sota to-ka-ne
thing.F APPLIC-be.hanging.F take.off away-APPLIC-AUXM
'He takes down the thing which was hanging (on a hook).'
Ele levou para baixo a coisa que estava pendurada (em um gancho).

Em primeiro lugar, se fosse uma simples justaposição de SNs, não haveria a relação de subordinação vista em (3.91) e em (3.92); em segundo lugar, se fosse uma relativa de núcleo interno, haveria, na oração principal, alguma marca de correferencialidade ligada ao núcleo da relativa, condição para que a relativa seja de núcleo interno nos termos de Keenan e Comrie (1977). Parece não ser esse o caso do jarawára, e a interpretação dos dados leva a considerar que a estratégia de relativização empregada por essa língua é a de **lacuna**, uma vez que a subordinada se encaixa à principal sem nenhuma expressão do núcleo nominal nessa oração.

¹¹ Dixon (2004) não fornece o significado dessa abreviação.

De acordo com a descrição das relativas nas línguas da família Arawá, tanto a língua paumarí como a jarawára apresentam o mesmo mecanismo de construção de relativas, o de lacuna.

Línguas		Estratégia de relativização
Família Arawá	Paumarí	Lacuna
	Jarawára	Lacuna

Quadro 10. *Estratégias de relativização na família Arawá*

3.9. A família Aikaná

Adiantando uma informação relevante a ser discutida no item subsequente, a língua **kwaza** não dispõe de adjetivos como classe de palavra. Nesse sentido, todas as modificações nominais atributivas ocorrem por meio da justaposição de um nome-modificador a um nome-núcleo. O nome-modificador pode ser um nome simples ou derivado de outro nome, de um verbo ou de um advérbio. Há dois importantes subtipos de modificação nominal: as construções possessivas, em que a um nome se afixa o morfema possessivo *-dy-*, e a justaposição, que supre a carência de adjetivos na língua, em que um nome dependente modifica um núcleo nominal em uma relação paratática.

Um nome ou verbo nominalizado com sentido atributivo (adjetivo) pode ser justaposto ao núcleo nominal que ele modifica. Também verbos com sentido não-atributivo podem ser nominalizados e apresentarem, assim, um sentido atributivo por meio de justaposição. Isso depende da especificidade da raiz ou radical verbal envolvido na nominalização. A construção atributiva mais simples consiste na justaposição de nomes, ilustrada em (3.93):

(3.93) Kwaza (VOORT, 2004, p. 187)

da'mũ 'tswa
 duck man
 'male duck'
pato macho

Muitos nomes contêm radicais verbais, nominalizadores e classificadores, caso de (3.94) e de (3.95). Em (3.96), há um exemplo com quatro nomes justapostos, número máximo de nomes-modificadores possível de ser encontrado em uma construção atributiva.

(3.94) Kwaza (VOORT, 2004, p. 187)

((hiri'ni) jere'xwa) a're-wa-**hỹ**
 shaman jaguar turn-INDF.SBJ-NMLZ
 'enchanted jaguar' (lit. 'shaman which was tuned into jaguar')
onça encantada (lit. *pajé que se transformou em onça*)

(3.95) Kwaza (VOORT, 2004, p. 187)

tsitō'jě txi-**tōi**-**te**
 star big-CLF:eye-NMLZ
 'big star'
estrela grande

(3.96) Kwaza (VOORT, 2004, p. 187)

axe'hỹ-da-ki tã'jã wade-'xyi bu-ni'te 'bu-hỹ
 find-1SG-DECL chief tucuma-CLF:hair put-INST put-NMLZ
 'I met the chief wearing a hat made of fibre of tucuma'
Eu encontrei o chefe usando um chapéu feito de fibra de tucuma.

Não há diferença, em kwaza, entre a formação de **nominalização** e de oração relativa. Verbos nominalizados podem ser finitos e justapostos a um nome, que pode ser o objeto de um radical verbal, caso de (3.97). Como qualquer outra construção de modificação nominal nessa língua, uma oração relativa pode ser não-nuclear¹², caso de (3.98).

¹² Van der Voort (2004) ressalta que a ausência de núcleo em orações atributivas pode, em alguns casos, não soar naturalmente na fala.

- (3.97) Kwaza (VOORT, 2004, p. 188)
 a'ru-xy-nite awỹi-'já-da-day-**hỹ**
 cross-CLF:leaf-INST see-INDEF.OBJ-1SG-1SG-NMLZ
 photo I.having.seen.something
 'the photograph I took'
a fotografia que eu tirei

- (3.98) Kwaza (VOORT, 2004, p. 689)
 a'wỹi-da-hỹ-ki (tswa) 'mε-hata-**hỹ**
 see-1SG-NMLZ-DECL man hit-3SBJ.2OBJ-NMLZ
 'I saw that one (man) who beat you'
Eu vi aquela (o homem) que te bateu

Em relação às orações relativas não-nucleares, é válido acrescentar que essa situação pode ser encontrada tanto em orações que relativizam sujeitos, caso do exemplo (3.98), como em orações que relativizam objetos, exemplificado em (3.99):

- (3.99) Kwaza (VOORT, 2004, p. 690)
 ay-'hỹ bo'nεka 'ta-wa-**hỹ**
 that-NMLZ boneka talk-INDF.SBJ-NMLZ
 'that one called "puppet", 'that one they call "puppet"
aquilo chamado "fantoche", aquilo a que chamam "fantoche"

Como visto, não há marcação formal que indique se o núcleo de uma oração atributiva é sujeito ou objeto da oração principal. É possível, no entanto, que objetos animados recebam o marcador *wã*. No exemplo (3.100), somente o nome encaixado como um objeto dentro da oração atributiva recebe marcação de caso.

- (3.100) Kwaza (VOORT, 2004, p. 692)
 etohoi-'wã jere'**xwa** ka'hε-tsy-hỹ a'wỹi-da-ki
 child-OBJ.ANM jaguar bite-GER-NMLZ see-1SG-DECL
 'I saw the dog which bit the child'
Eu vi o cachorro que mordeu a criança

Quanto às funções relativizadas, o autor da gramática kwaza afirma que a língua relativiza sujeito (3.101) e objeto (3.102). No entanto, ele identificou uma única construção

em que o núcleo é semanticamente Instrumento, e gramaticalmente objeto, e outra em que é a função de Locativo que parece ser relativizada. Tais ocorrências são, respectivamente, (3.103) e (3.104):

- (3.101) Kwaza (VOORT, 2004, p. 687)

haru'rai i'si-tsy-**hỹ** a'wỹi-da-ki
 armadillo die-GER-NMLZ see-1SG-DECL
 'I saw the dead armadillo'
Eu vi o tatu morto
Eu vi o tatu que morreu

- (3.102) Kwaza (VOORT, 2004, p. 688)

atxitxi'nũ barɛ-'ri-da-**hỹ**
 pancake heat-CLF:flat-1SG-NMLZ
 'maize pancake which I baked'
panqueca de milho que eu assei

- (3.103) Kwaza (VOORT, 2004, p. 689)

'tauBa a'xy-dy-a-**hỹ**
 board house-CAUS-1PL-NMLZ
 'boards to build a house'
tábuas para construir uma casa

- (3.104) Kwaza (VOORT, 2004, p. 689)

txu'hũi 'enũ ti-nãi-'hỹ hu'ri (já-tsy-hỹ)
 small barrier what-NMLZ-NMLZ paca eat-GER-NMLZ

haru'rai 'já-tsy-**hỹ**-ko
 armadillo eat-GER-NMLZ-INST
 'the small barrier where the paca eats, and the armadillo'
a pequena grade por onde a paca come, e o tatu

Além de não dispor de adjetivos como classe de palavra, o kwaza não dispõe de pronomes relativos. Para a codificação da modificação nominal, mais uma vez, emprega-se a estratégia paratática, segundo a qual nomes ou orações nominais modificam outros nomes por meio de justaposição. As construções resultantes do processo de nominalização, aliadas à

justaposição, atuam como orações atributivas, comparáveis às orações denominadas relativas em outras línguas. A oração atributiva é dependente, e modifica o núcleo justaposto, com o qual forma uma construção atributiva. Tais construções exercem a função de argumento do verbo da oração principal, que pode ser sujeito ou objeto.

No quadro 11, encontra-se a estratégia de relativização empregada pelo kwaza, única língua da amostra representante da família Aikaná.

Língua		Estratégia de relativização
Família Aikaná	Kwaza	Nominalização

Quadro 11. *Estratégia de relativização na família Aikaná*

3.10. A família Mura

A oração relativa do **pirahã** pode ser formada a partir de duas estratégias: a de **lacuna** e a de **não-redução**. Os exemplos a seguir trazem casos da estratégia da lacuna, em (3.105), e da estratégia da não-redução, em (3.106):

(3.105) Pirahã (EVERETT, 1992, p. 139)

gai xaoxái gai gíxai bikadogía xopí sigíai
aquele INTER aquele 2 mercadoria tirar mesmo
Não é aquele que roubou sua mercadoria?

(3.106) Pirahã (EVERETT, 1992, p. 140)

xoogíai hi go-ó **hoasígikoi** bíib-í
nome 3 PRO-OBL chumbo enviar-PROX

híx **hoasígikoi** koab-aó-b-í-i
INTER.COMP chumbo acabar-TEL-PERF-PROX.CER.COMP
O chumbo que Xoogíai me vendeu acabou.

Everett (1991) afirma que não existe pronome relativo nessa língua; em vez dele, ocorre, não-obrigatoriamente, nos dois tipos de relativas, o morfema *gó*, que é um tipo de pronome interrogativo, assim como no português. O autor afirma, ainda, que é mais seguro analisar o morfema *gó* como parte do SV, visto apresentar um sufixo oblíquo *-ó*, posposto ao sujeito. Além disso, percebe-se a presença dos morfemas interrogativos *híx* e *sigíai*, que atuam nessas orações como complementizadores. Embora não sejam constituintes obrigatórios, como salienta o autor, há uma correlação entre tais complementizadores e a relativa.

Na sequência, tem-se o quadro 12, que resume as estratégias de relativização identificadas para o pirahã.

Língua		Estratégia de relativização
Família Mura	Pirahã	Lacuna/Não-redução

Quadro 12. Estratégias de relativização na família Mura

3.11. A família Tukáno

Para Ramirez (1997), o funcionamento mais produtivo dos nominalizadores¹³ em **tukáno** está relacionado à formação de orações subordinadas, sejam elas relativas, substantivas ou adverbiais. Os nomes resultantes do processo de nominalização podem ter a mesma função de outros nomes, já que podem ser seguidos pelos sufixos tipicamente nominais, como se vê em (3.107). Neste exemplo, o verbo *da'ra* /*da'dá*/ “trabalhar” se nominaliza com o acréscimo de *-gó* e, depois, a este nome resultante são afixados o sufixo nominal especificador *-ta* e o sufixo nominal diminutivo *-akã*:

¹³ São muitos os nominalizadores nessa língua, uma vez que eles também servem como classificadores nominais. Eles recebem marcação de gênero e número e cada um dos nominalizadores apresenta um traço semântico que o difere dos demais, como animacidade e forma geométrica.

- (3.107) Tukáno (RAMIREZ, 1997, p. 279)
 da'ra *traballar*
 da'ragó *trabalhadeira*
 da'ragóta *trabalhadeira mesmo*
 da'ragóakã *trabalhadeira pequena*

Os exemplos (3.108) e (3.109) identificam casos de **nominalização** funcionando como oração relativa, estratégia empregada pela língua tukáno para a modificação nominal:

- (3.108) Tukáno (RAMIREZ, 1997, p. 280)
 Péduru da're-**kawi**-re ã'yaápĩ
 Pedro fabricar-NMLZ.FTUB.PERF-REFR ver-RECPST.VIS
Vi a canoa que Pedro fabricou/ tinha fabricado.
- (3.109) Tukáno (RAMIREZ, 1997, p. 284)
 ãsã wesé bu'a-pĩ wi'í wee-átehe
 nós roça montículo-FOC casa fazer-NMLZ.INANM.PL.FUT

 yukĩ yehê-rã' wee-á-pĩ
 madeira serrar-IMPL/MSBJ AUX-RECPST.VIS
Nós estamos serrando madeira com que faremos casa no montículo da roça.
(lit: madeira, ser não-contável do nosso futuro fazer de casa no montículo da roça).

Nesses exemplos, assim como em todos os casos de orações relativas na língua, a nominalização geralmente se encaixa no lugar de um argumento verbal da oração principal, seguindo as regras de ordem de palavras. Em (3.109), por exemplo, quando se encaixa a oração relativa *wesé bu'apĩ wi'í weeátehe* “faremos casa no montículo da roça” (ordem S L_{ugar} O₂ V₂) na principal *ãsã yukĩ yehêrã' weeápĩ* “nós estamos serrando madeira” (ordem não marcada S O₁ V₁), tem-se, ao final, a ordem S [L_{ugar} O₂ V_{2-nom}] O₁ V₁.

Para a representante tukáno de família homônima, a estratégia de construção de relativas é a nominalização, informação destacada no quadro 13 a seguir:

Língua		Estratégia de relativização
Família Tukáno	Tukáno	Nominalização

Quadro 13. Estratégia de relativização na família Tukáno

3.12. A família Txapakúra

Para Everett e Kern (1997), as orações relativas em **warí** são finitas ou não-finitas. As finitas podem ser marcadas por qualquer um dos três morfemas de flexão *realis* *passado/presente*: morfema *ca*, neutro *realis* *passado/presente*; morfema *co*, masculino/feminino *realis* *passado/presente*; morfema *iri*, gênero não-específico; ou, ainda, pelo morfema *irrealis* *xi* quando apareça antes do verbo e/ou quando um clítico de flexão verbal apareça depois dele. Os exemplos (3.110-3.113) mostram o emprego de cada um desses morfemas:

(3.110) Warí (EVERETT E KERN, 1997, p. 83)

ma' na waram **ca** cao' quiwo'
 exist 3SG:RLSPST/PRES monkey:species INFL>NEUT.RLSPST/PRES eat arrow
 There is a *waram* monkey that breaks (eats) arrow.
Há um macaco waram que quebra a flecha com a boca.

(3.111) Warí (EVERETT; KERN, 1997, p. 85)

taxi' na- -in 'i ma'
 know 3SG:RLS.PST/PRES 3NEUT NEUT that:PROX:hearer

co tucunimim' ma'
 INFL:M/F. RLS.PST/PRES shaman that:PROX:hearer
 (He) who is a shaman knows that.
(Ele) que é um pajé sabe disso. (Quem é um pajé sabe disso)

(3.112) Warí (EVERETT; KERN, 1997, p. 311)

mam' tata jami- -ocon
 find PASS:3PL spirit 3PL.M

'iri' cono' nana ma'
 INFL: RLS.PST/PRES die:p 3PL: RLSPST/PRES that:PROX:hearer
 The spirits of those who died are found.
Os espíritos dos que (daqueles) morreram foram encontrados.

- (3.113) Warí (Everett e Kern, 1997, p. 311)
 wirico xi tomi' ha' 'iri' cwa'
 EMPH:3SG.M INFL:IRLS speak pay:attention 1 this:M/F
 He (is) the one whom we should obey.
Ele (é) aquele a quem deveríamos obedecer.

Nesse tipo de relativa, a presença do morfema de flexão é opcional. Já nas relativas não-finitas é obrigatória a presença do marcador de infinitivo/particípio *wa*, como se vê no exemplo (3.114):

- (3.114) Warí (EVERETT; KERN, 1997, p. 89)
 wara hwara' pin na taraji- -con wari'
 already big:SG completely 3SG:RLSPST/PRES ear 3SG.M person

 co wara 'oc wa ma'
 INFL:M/F.RLS.PST/PRES already stick inf that:PROX:hearer
 The (hole in the) ear of the person who was already pierced was already large.
O buraco na orelha da pessoa (que já estava) furada era largo.

É possível dizer que, embora em warí não existam formas especiais para os pronomes ditos relativos, sufixos flexionais são empregados em uma construção relativa e são eles que exercem função similar à desses pronomes¹⁴. Nesse caso, a estratégia de relativização dessa língua é a do **pronome relativo**, como se vê no quadro seguinte:

Língua		Estratégia de relativização
Família Txapakúra	Warí	Pronome Relativo

Quadro 14. Estratégia de relativização na família Txapakúra

¹⁴ Vale lembrar que também na língua portuguesa não existem formas específicas para os pronomes relativos, que consistem em gramaticalizações dos interrogativos.

3.13. A família Yanomámi

A língua **sanumá** dispõe de relativa de núcleo interno, seguida por uma anáfora na oração matriz. Essa anáfora é o pronome relativo *ĩ*, correferencial ao núcleo interno, que vem seguido, por sua vez, de um pronome classificador que marca pessoa e número, de acordo com os traços do núcleo interno. É possível omitir tanto a anáfora quanto o classificador, mas a situação mais comum é a da co-ocorrência. A estratégia de relativização em sanumá é a **não-redução**, em que há expressão completa do núcleo nominal na oração relativa. A OR em (3.115) tem característica de correlativa, a do tipo que Keenan (1965) se refere como interna deslocada à esquerda.

(3.115) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 133)

ipa ulu kökö lo-le *ĩ* **kökö** hu mai kite
 my son 3.PL sit-PRES REL 3.PL go NEG FUT
 My sons who are sitting here will not go.
Meus filhos que estão sentados aqui não irão.

Há, no entanto, algumas diferenças entre orações relativas com verbos não-descritivos e relativas com verbos descritivos. As relativas com verbos não-descritivos contam com os marcadores indefinidos *wi* e *noai*, com os marcadores de testemunho *-le*, *-e*, *-pi*, *-pili* e *-li* ou ainda com o especificador *hai*, usado em orações de identificação e que pode ser considerado parte de uma construção possessiva. A anáfora *ĩ* segue a oração relativa, em geral imediatamente; entretanto, alguns elementos, como tempo e locação, podem aparecer intercalados e com ocorrência de uma pausa marcada fonologicamente depois da relativa quando *ĩ* aparece. O núcleo da oração relativa consiste em um nome ou em um pronome classificador, mas pode haver também a ausência do nome, quando ele pode ser recuperado no contexto. As orações relativas com verbos não-descritivos podem estar na posição de

Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto e Oblíquo (tempo e lugar). O exemplo contido em (3.116) ilustra uma relativa de sujeito em sanumá com verbo não-descritivo:

(3.116) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 136)

setenapi töpö-nö a tha **noai**, **ĩ** sa pi kule
 non:Indian 3.PL-AG 3.SG make INDEF.PERF REL 1.SG.SBJ.3SG.OBJ want PRES
 I want the one wich the non-Indians made.
Eu quero aquilo que os não-índios fizeram.

As ORs com verbos descritivos ou com verbos existenciais em sanumá têm o marcador *-i*, que é uma forma presa afixada ao verbo. Esses dois tipos de verbos, quando presentes em construções relativas, perdem o morfema de aspecto durativo *-a* ou o morfema de aspecto pontual *-o*. Por isso são chamados por Borgman (1990) de não-aspectuais. Esse tipo de OR pode ocupar a posição de Sujeito, Objeto Direto, Objeto Indireto e Oblíquo, mas apenas no caso locativo.

Há, ainda, distinções entre as ORs com verbos descritivos e as ORs com verbos existenciais. As ORs com verbos descritivos frequentemente aparecem com o núcleo nominal seguindo a oração relativa. Nesse caso, o pronome relativo é opcional, mas o sufixo indefinido *-i* sempre aparece junto ao verbo da OR. Em (3.117), há uma construção relativa com o verbo descritivo *pe* “ser grande”, em que o núcleo *tiso* segue a relativa, o marcador relativo *ĩ* é expresso e o indefinido *-i* aparece sufixado ao intensificador do verbo da restritiva:

(3.117) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 140)

pe epi-**ĩ**, **ĩ** a **tiso** pata tha-kö
 be.big INTENS-INDEF REL 3.SG path AUG make-FOC
 Make a path which is very big.
Faça um trajeto que seja muito grande.

As ORs com verbos existenciais não-aspectuais têm um núcleo interno e, geralmente, um pronome classificador aparece como a anáfora correferencial na oração principal, apesar de que o núcleo do SN pode ser repetido. É a mesma forma das ORs com verbos não-descritivos. O marcador relativo, no entanto, é *-i*, como nas ORs com verbos descritivos. O verbo existencial é *ku-*, ‘ser’, e aparece em conjunto com um dos dois sufixos antes do indefinido *-i*: o não-aspectual *-ö* ou o presente *-le*¹⁵. O exemplo contido em (3.118) mostra um caso de OR com verbo existencial. Nesse exemplo, o núcleo *u* “rio” é repetido, há o marcador relativo *ĩ*, o não-aspectual *-i* e o indefinido *-i* juntos ao verbo existencial *ku* “ser”:

(3.118) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 142)

ĩ	naha	u	pata	ku-i-i	u	pata
REL	like	river.CLF	AUG	be-NONASP-INDEF	river.CLF	AUG

ha	sa	pili-o	pasi-o-ma
on	1.SG	live-PUNCT	separate-PUNCT-COMP

I lived separately on the big river, on that one which is this big.
Eu vivi isoladamente no grande rio, naquele que é grande.

A análise das ORs em sanumá permite formular o quadro subsequente, em que consta a estratégia de relativização dessa língua, a de não-redução:

Língua		Estratégia de relativização
Família Yanomámi	Sanumá	Não-redução

Quadro 15. *Estratégia de relativização na família Yanomámi*

¹⁵ Junto com *-le*, *ku-* geralmente se transforma em *-ki* e com *-ki*, o *-le* se transforma em *-kili-i*.

3.14. A família Crioula

Segundo Tobler (1983), uma oração relativa em **karipúna-creole**, única língua representante da família Crioula, ocorre com um marcador relativo obrigatório em um SN ou em um Sintagma Locativo. Os relatores de que essa língua se vale para construir orações relativas são *ki*, *pu* e *kote*, exemplificados, respectivamente, em (3.119-3.122):

- (3.119) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 77)
 mo wé / sa fam **ki** te vini pase fét isi la
 1SG see that woman which PST come pass holiday here
 I saw that woman who had come to spend the holiday here.
Eu vi a mulher que veio passar o feriado aqui.

- (3.120) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 77)
 u mém pa txue / sa hẽ mux **ki** móde u
 2SG self NEG kill that only wasp which bite 2SG
 ‘You yourself did not kill only that wasp which bit you.’
‘Você mesmo não matou aquela vespa que te picou.’

- (3.121) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 77)
 mo pa-õko wé / kaho **pu** mo ale lãdã
 1SG NEG-yet see car for 1SG go there=in
 I had not yet seen the car which I was to go in.
Eu ainda não vi o carro em que eu ia entrar.

- (3.122) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 78)
 li ale / la **kote** ye teka bhiga
 3SG go there where 3PL PST=INTENS fight
 He went where they were fighting.
Nós fomos ao lugar onde eles estavam lutando.

Nessa língua, emprega-se o relator *ki* quando se relativiza Sujeito ou Objeto. Por outro lado, quando a relativização é de Oblíquo e Locativo, empregam-se, respectivamente, os relatores *pu* e *kote*, o que permite dizer que há marcação de caso na relativa para essas funções. Além disso, a obrigatoriedade desses relatores na construção relativa permite

aproximá-los dos pronomes ditos relativos. Embora não sejam assim denominados por Tobler (1983), tais relatores atuam como verdadeiros pronomes relativos, já que, seguindo Givón (1990), esse tipo de conectivo aparece na fronteira entre a oração matriz e a oração relativa, o que sempre ocorre em karipúna-creole. Desse modo, os relatores *pu* e *kote* exercem dupla função: a de subordinação (caso também do relator *ki*) e a de marcação do caso do elemento relativizado na oração relativa. Com base nessas observações, considera-se que a língua karipúna-creole se vale da estratégia do **pronome relativo**.

Língua		Estratégia de relativização
Família Crioula	Karipúna-creole	Pronome relativo

Quadro 16. *Estratégia de relativização na família Crioula*

4. OS ADJETIVOS COMO CLASSE DE PALAVRA NAS LÍNGUAS INDÍGENAS

4.1. O Tronco Tupi

De acordo com as informações referentes às classes de palavras presentes nas gramáticas das línguas do Tronco Tupi, a aparente disponibilidade das línguas para as classes predicadoras é a que consta no quadro 17a.

Tronco Tupi		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Mundurukú Tupi-guarani	Mundurukú	X	X		X
	Urubú-Kaapor	X	X		X
	Kaiwá	X	X		X
	Kamayurá	X	X		X
	Guajá	X	X	X	X

Quadro 17a. *Aparente disponibilidade de classes de palavras nas línguas do Tronco Tupi*

Assim sendo, todas as línguas, exceto a guajá, transporiam a classe dos adjetivos, o que comprometeria, em princípio, a validade da hierarquia de acessibilidade de Hengeveld (1992), já que o princípio básico de uma hierarquia implicacional é o de que nenhum grau seja transposto. A elaboração desse quadro requereu maior investigação da classe dos advérbios nessas línguas.

Na língua kaiwá, os advérbios expressam propriedades semânticas de tempo, locação, interrogação e negação. Na kamayurá, os advérbios compreendem palavras locativas, temporais, interrogativas, modalizadoras, de quantidade, de intensidade, de qualidades e, ainda, palavras que designam atitudes do falante. Não foram encontrados em nenhuma dessas línguas exemplos que mostrassem a modificação do predicado, ou seja, exemplos de advérbios ou orações adverbiais modificando o verbo. Como é justamente a existência de advérbio de modo em uma dada língua que justifica a presença da classe adverbial, considera-

se que, em kaiwá e em kamayurá, não existem advérbios de predicação, já que os advérbios de que essas línguas dispõem são todos não-predicadores. Seguindo os pressupostos teóricos que embasam a constituição da hierarquia para as classes predicatoras, nenhum grau realmente é transposto.

Diferentemente dessas duas línguas, a mundurukú e a urubú-kaapor constituem contra-exemplos da hierarquia de classes de palavras, uma vez que foram encontrados advérbios que modificam predicados verbais. No mundurukú, os advérbios podem ser de tempo, de intensidade, de modo, de lugar e de modalização. Eles podem ter como escopo parte da oração ou a oração inteira e ocorrem como argumento se nominalizados. Os advérbios de modo funcionam sempre como adjunto, e não podem ser usados como argumento. Em (4.01), o advérbio *i-me)n* ‘assim, desse modo’ modifica o verbo *kap*, e, no exemplo (4.02), o advérbio *daoma* ‘rapidamente’ modifica *jo* ‘o’.

- (4.01) Mundurukú (GOMES, 2006, p. 143)
 o=ø-kpit **i-me)n** o'=kap
 1=R1-filho ?-assim 3S=passar
 ‘Meu filho nasceu assim.’

- (4.02) Mundurukú (GOMES, 2006, p. 144)
daoma e=jo-‘o
 rapidamente 2S=R2-comer.IMPER
 ‘Coma rápido.’

Já na língua urubú-kaapor, os advérbios podem ser de tempo, de espaço e de modo. Em (4.03), encontra-se um exemplo do advérbio *wewe* ‘vagarosamente’ atuando sobre o verbo *oho*:

- (4.03) Urubú-kaapor (KAKUMASU, 1986, p. 397)
 pe **wewe** katu o-ho
 and slowly well 3-go
 ‘And he went very slowly’
 ‘E ele foi muito vagarosamente’

A explicação acerca dos advérbios nas línguas do Tronco Tupi justifica a distribuição contida no quadro 17b, versão revista do quadro 17a, no qual se encontram, de fato, as classes de palavras nas línguas desse tronco linguístico.

Tronco Tupi		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Mundurukú	Mundurukú	X	X		X
Tupi-guarani	Urubú-Kaapor	X	X		X
	Kaiwá	X	X		
	Kamayurá	X	X		
	Guajá	X	X	X	X

Quadro 17b. *Classes de palavra nas línguas do Tronco Tupi*

O comportamento das línguas representantes desse tronco no tocante às classes de palavras permite aproximar, de um lado, as línguas kaiwá e kamayurá, por apresentarem classes de verbos e nomes, e, de outro, as línguas mundurukú e urubú-kaapor, por disporem de verbos, nomes e advérbios. Mesmo assim, todas elas, incluindo a guajá, se aproximam por serem línguas flexíveis.

O guajá é a única língua desse grupo que dispõe das quatro classes lexicais, que são diferenciadas, segundo Magalhães (2007), com base em critérios semânticos, morfológicos e de distribuição sintática. Semanticamente, a classe adjetiva, em termos de estabilidade temporal, ocupa a posição intermediária entre nomes e verbos. Em outros termos, situa-se entre os nomes menos prototípicos (os menos estáveis no tempo, como *kwe'ẽ*, “madrugada”) e os verbos menos prototípicos (os mais estáveis no tempo, como *-irará*, “alegrar-se”). Dos sete tipos semânticos propostos por Dixon (1982), a autora identifica a presença de seis deles, exemplificados em (4.04), e afirma que os elementos classificados por Dixon (1982) como “propensão humana” não pertencem à classe dos adjetivos em guajá, mas, sim, à classe dos verbos, já que recebem flexão de pessoa. Os adjetivos de velocidade, diferentemente dos demais tipos, só ocorrem com os pronomes dependentes de terceira pessoa singular.

(4.04) Guajá (MAGALHÃES, 2007, p. 21)

Dimensão	- <i>amãj</i> (grande, largo), - <i>japa'a</i> (curto, baixo)
Propriedade física:	- <i>hĩ</i> (macio), - <i>paháj</i> (pesado), - <i>wíwí</i> (leve), - <i>akú</i> (quente)
Cor:	- <i>xũ</i> (branco), - <i>pinuhũ</i> (preto), - <i>pirỹ</i> (vermelho)
Idade:	- <i>wajá</i> (novo, jovem);
Valor:	- <i>parahỹ</i> (bom, perfeito), - <i>manyhỹ</i> (ruim, imperfeito, estragado);
Velocidade:	- <i>apáj</i> (rápido), - <i>mé</i> (devagar)

Morfologicamente, os adjetivos admitem flexão relacional, o que os diferencia dos nomes e verbos; sintaticamente, podem constituir núcleos de predicados intransitivos estativos e podem funcionar como modificadores de núcleos nominais, usos exemplificados respectivamente em (4.05) e (4.06). Quando recebem sufixos nominalizadores, podem também exercer função de argumento secundário, como em (4.07):

(4.05) Guajá (MAGALHÃES, p. 22)

ha=r-**ahý**
 1=R1-doente
 'eu estou doente'

(4.06) Guajá (MAGALHÃES, p. 22)

a-pyhý [ha= Ø-taký Ø-**mukú**] -a Ri
 2/IMP-pegar 1=R1-faca R1-comprida-N Logo
 'pegue logo minha faca comprida!'

(4.07) Guajá (MAGALHÃES, p. 22)

Ø-pá h-**ahy-há**-Ø
 3-acabar R2-doente-NMLZ-N
 'a doença dele acabou'

Os advérbios em guajá constituem uma classe mista em termos semânticos, morfológicos e sintáticos. Eles podem ser simples, quando representados por um item lexical, ou complexos, quando funcionam como adjuntos circunstanciais oracionais. Não são elementos obrigatórios nas orações e, sintaticamente, podem modificar verbos ou orações inteiras. Os advérbios são mais flexíveis em termos de posição nas orações, que é determinada

segundo a natureza do advérbio. Também de acordo com a natureza do elemento adverbial, são determinadas as características morfológicas e semânticas. Em guajá, os advérbios são locativos, temporais ou de modo. Em (4.08) e (4.09), há exemplos de advérbios de modo:

- (4.08) Guajá (MAGALHÃES, p. 43)
 a'é i-'ĩ-**manyhỹ** tá ni=Ø-pé
 DEM 3-falar-errado PROJ 2=R1-para
 'ele vai falar errado para você'

- (4.09) Guajá (MAGALHÃES, p. 43)
 Ø-watá-**mé** tá
 3-andar-devagar PROJ
 'ele vai andar devagar''

4.2. O Tronco Macro-Jê

As três línguas que representam o Tronco Macro-Jê se assemelham, em termos de classe de palavra, por apresentarem classes lexicais de verbos e nomes e por não apresentarem uma classe específica para os adjetivos. Mais que isso, os autores das gramáticas dessas línguas consideram que os adjetivos constituem um subtipo verbal. A diferença nas línguas desse tronco linguístico consiste no fato de apenas a língua bororo dispor de advérbios de modo, como ilustra o quadro 18.

Tronco Macro-Jê		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Timbira	Canela-Krahô	X	X		
Jê	Apinayé	X	X		
Bororo	Bororo	X	X		X

Quadro 18. Classes de palavra nas línguas do Tronco Macro-Jê

Na língua canela-krahô, os verbos-adjetivos modificam tanto os nomes como os verbos, ou seja, essa classe verbal em canela-krahô exerce a função dos adjetivos e dos

advérbios de outras línguas, o que permite identificá-la como língua flexível. Percebe-se a diferença entre um modificador de nome (“adjetivo”) e um modificador de verbo (“advérbio”) por meio da forma que o verbo do tipo adjetivo assume: se o verbo contém um prefixo de pessoa, ele expressa um conceito adjetivo; se o verbo ocorre em sua forma básica, ou seja, sem flexão, ele expressa um conceito adverbial, atuando como modificador de um verbo flexionado. Nesse sentido, adjetivos e advérbios são expressos por verbos denominados adjetivos. Em (4.10), há um exemplo de “adjetivo” e, em (4.11), há exemplos de “advérbios”:

(4.10) Canela-Krahô (POPJES; POPJES, 1986, p. 187)

rop	ita	im -pej-ti
dog	DEM	3-good-AUG
‘This dog is very good’		
<i>‘Este cachorro é muito bom.’</i>		

(4.11) Canela-Krahô (POPJES; POPJES, 1986, p. 187)

ihcuran pej	‘(someone) killed it well’	<i>‘(alguém) o matou bem’</i>
intoj pej	‘he jumped well’	<i>‘ele pulou bem’</i>
ihkĩn hi	‘he stopped liking’	<i>‘ele parou de gostar’</i>
ihkrẽr jicu	‘he stopped eating’	<i>‘ele parou de comer’</i>

A modificação nominal no apinayé pode ocorrer mediante justaposição de nomes, como no exemplo contido em (4.12), e pode envolver também os verbos do tipo descritivo quando em função atributiva no SN, em uma construção de oração relativa. Nesse caso, o descritivo é o elemento modificador e segue o núcleo nominal, caso de (4.13).

(4.12) Apinayé (OLIVEIRA, 2005, p. 201)

kupẽ	di
foreign	woman
‘foreing woman’	
<i>mulher estrangeira</i>	

- (4.13) Apinayé (OLIVEIRA, 2005, p. 203)
 na pa [[go j-**akri**]_{NP} ɔ]_{pp} amɲĩ krẽ kaʔõ.
 RLS 1 water R-cold INST REFL head wash
 ‘I washed my head with cold water’
Eu lavei minha cabeça com água fria.

Segundo Oliveira (2005), o apinayé dispõe de advérbios de tempo, de locação e de intensidade. Assim, a língua não dispõe de advérbios predicadores, situação semelhante à da língua canela-krahô e diferente à da bororo, apresentada na sequência.

No bororo, a modificação nominal pode ser realizada por meio de orações relativas, pronomes demonstrativos, possessivos e indefinidos, numerais, partículas de apropriação (*appropriate leads*) e partículas de comparação. Os adjetivos tomam a forma de verbos e, por isso, não são considerados modificadores. Os verbos-adjetivos se comportam de maneira similar aos verbos intransitivos, já que recebem marcação de sujeito, aspecto e negação, como em (4.14). Em (4.15), há outros verbos-adjetivos do bororo:

- (4.14) Boróro (CROWELL, 1979, p. 26)
I-kuri-re.
 1SG-big-NEUT
 “I am big.”
Eu sou grande.

- (4.15) Boróro (CROWELL, 1979, p. 27)
 kigadi → “white” *branco*
 pega → “bad” *mal*
 kigidi → “soft” *macio*
 uru → “hot” *quente*
 bararu → “fat” *gordo*

Os advérbios nessa língua são de lugar, de tempo, de modo, de intensidade e de sentença (*sentential adverbs*). Para Crowell (1979), os advérbios de modo são ideofônicos ou intensificadores e, ainda, há outros que não se incluem em nenhuma dessas duas classes. O exemplo contido em (4.16) ilustra um caso de advérbio ideofônico. O advérbio *gɪ* “slow” (devagar) tem sua vogal bastante alongada para mostrar quão lento era o andar da onça.

- (4.16) Boróro (CROWELL, 1979, p. 129)
 adugo meru podu-nire **giuuuuu.**
 jaguar walk quiet-STAT slow, continuous action
 The jaguar was walking quietly and slowly, on, on, on.
A onça estava andando quieta e vagarosamente.

4.3. A família Karíb

A análise das classes de palavras nas línguas da família Karíb permite concluir que todas elas apresentam as classes de verbos e nomes, além de uma única classe que agrupa adjetivos e advérbios, como se vê no quadro 19, fato que as identifica como línguas flexíveis.

Família Karíb	Verbo	Nome	Adjetivo / Advérbio
Hixkaryana	X	X	X
Apalaí	X	X	X
Ingarikó	X	X	X
Macuxí	X	X	X
Waiwái	X	X	X

Quadro 19. Classes de palavra nas línguas da família Karíb

Para Derbyshire (1979), o hixkaryana dispõe das categorias gramaticais de nome, pronome, verbo, advérbio, relator posposicional, numeral/quantificador, partículas e ideofones. Não há uma classe específica para os adjetivos nessa língua, que, segundo o autor, são tratados como advérbios. Os advérbios simples podem ocorrer como complementos de cópula e como adjuntos oracionais e constituem uma pequena classe de palavra, mas que cobre semanticamente muitos domínios. Nessa classe, incluem-se os modificadores gerais, que, em outras línguas, são os adjetivos; palavras temporais e locativas; numerais e quantificadores; e ainda palavras de modo, como ‘então’ e ‘como?’. São exemplos de palavras adjetivas/adverbiais em hixkaryana as seguintes: *ohxe* (bom, bem), *atxke* (mal), *kawo* (longo, alto), *karyhe* (forte, rápido).

Em apalaí, assim como em hixkaryána, os adjetivos e os advérbios parecem constituir, juntos, uma só classe morfológica, responsável pela modificação. Segundo Koehn e Koehn (1986), a modificação que tende a aparecer após o núcleo modificado pode ser exercida por palavras adjetivas/adverbiais, como *konõto* “largo”, *zumo* “grande” e *pitiko* “pequeno”. Outros modificadores são formados pela adição da posposição *me* a um nome, como *anusasa me* “doce” e *itamuru me* “muito”. Há, ainda, modificadores derivados de nomes ou de verbos, em que se afixa *t(y)-...-re(e)*, como em *t-onor-e* “seco” (*anory* “ser seco”). Outro tipo de modificador resulta da derivação de nomes com *-hpe* “infestado, infectado, com valor negativo”, tal como *maxi-hpe* “infectado com gripe, gripado”.

Segundo Souza Cruz (2005), em ingarikó os valores semânticos dos adjetivos e a função de modificação exercida por eles em línguas indoeuropeias encontram-se diluídos na classe dos nomes e na classe dos advérbios, quando assumem as mesmas características apresentadas por advérbios. Além disso, nomes do tipo descritivo, como *aʔneʔ* ‘quente’ e *iʔko* ‘frio’, também podem funcionar como modificadores simples. Os nomes descritivos constituem uma subclasse nominal, que admite marcação de número e grau (diminutivo e aumentativo); exerce função de Sujeito ou Objeto; aparece como argumento de posposição; e admite a partícula */pe/*, que é restrita aos nomes. O exemplo seguinte mostra um adjetivo/advérbio em ingarikó.

- (4.17) Ingarikó (SOUZA CRUZ, 2005, p. 183)
 urẽ enarike pe si
 eu estou com medo (‘eu sou medroso’)

Não diferente do hixkaryána, do apalaí e do ingarikó, no makuxí os adjetivos e os advérbios constituem uma única classe morfológica. Com exceção de alguns numerais e de algumas partículas ou afixos modificadores, somente nomes modificam nomes. De acordo com Abbott (1991), suas glosas podem dar a entender que alguns advérbios se parecem a

adjetivos, mas eles não são adjetivos, ou seja, atuam como advérbios e precisam ser nominalizados para funcionar como modificadores em SNs, caso de *kure'ne* (grande), *tu'na* (profundo) e *sa'me* (difícil).

Por fim, em waiwái, são os nomes e as construções nominalizadas que modificam outros nomes. Há nominalizações de Sintagmas Adverbiais que também podem exercer a modificação nominal, como em (4.18).

- (4.18) Waiwái (HAWKINS, 1998, p. 33)
- | | | | | | |
|---------------|-----------|--------|--------|-------|--------------|
| tu-wuhre-ke-m | komo | kíwyam | [tan | to-no | komo] |
| ADVR-weapon- | ADVR-NMLZ | COLL | 1+2PRO | here | at-NMLZ COLL |
- ‘We all who live here have weapons’
Nós todos que moramos aqui temos armas.

Sobre os advérbios, essa língua dispõe dos de modo, como *yohno* (rapidamente) e *yamoro* (vagarosamente), exemplificado em (4.19):

- (4.19) Waiwái (HAWKINS, 1998, p. 36)
- | | | | |
|-----------------------|-------------------|-------------------|--------|
| kayka, | yarí | k-mok-ya-sí | yamoro |
| let's.go, (you first) | in.your.direction | 1SG-come-SG.F-IMP | slowly |
- ‘Let's go, I will come your way slowly’
Vamos, eu irei do seu jeito vagaroso.

Hawkins (1998) afirma que o waiwái não dispõe de adjetivos como classe separada de palavra e que os advérbios expressam, também, conceitos descritivos e atributivos, se são nominalizados. Diante das informações adquiridas durante a análise do waiwái e com base nos exemplos analisados sobre relativização e classes de palavra, é possível interpretar que o comportamento de advérbios e palavras que funcionam como adjetivos é semelhante. Nesse sentido, e em termos morfológicos, sintáticos e principalmente semânticos, consideram-se adjetivos e advérbios como constituintes de uma única classe, o que contraria a opinião de Hawkins (1998) sobre os adjetivos.

4.4. A família Aruák

As três línguas representantes da família Aruák têm comportamento diferente em relação às classes de palavra, como pode ser visto no quadro seguinte:

Línguas		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Aruák	Apurinã	X	X		
	Warekéna	X	X	X	
	Tariána	X	X	X	X

Quadro 20. *Classes de palavra nas línguas da família Aruák*

Em apurinã, são duas as classes predicatoras existentes, verbos e nomes, já que nem adjetivos nem advérbios constituem classes isoladas. A função dos adjetivos é desempenhada por meio de nomes classificadores ou de verbos descritivos. Quando desempenhada por nomes classificadores, a interpretação da modificação se refere à forma ou à consistência do nome modificado; quando desempenhada por verbos descritivos, esse sentido de modificação se refere a categorias tais como tamanhos (grande, pequeno, comprido), qualidades (novo, velho, quente) e valores (bom, mal). O exemplo contido em (4.20) constitui caso de verbo descritivo funcionando como adjetivo em apurinã:

- (4.20) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 343)
- | | |
|-------------------------|-------|
| mita-ru | aiko |
| be.big-3M.OBJ | house |
| ‘The house is big’ | |
| <i>A casa é grande.</i> | |

Os advérbios constituem uma subclasse de partículas e, por esse motivo, não formam uma classe lexical. As partículas se agrupam em uma classe fechada na língua responsável pelo exercício de várias funções, dentre as quais está a de modificação adverbial. As

partículas adverbiais podem expressar tempo, modo, grau e dêixis espacial. Um exemplo de modificação adverbial de modo expressa por uma partícula está em (4.21):

- (4.21) Apurinã (FACUNDES, 2000, p. 369)
arikika sãki-rewa-ta-karu kuku apo-pe
 slowly speak-INTRANS-VBLZ-REL man arrive-PERF
 “The man who speaks slowly arrived”
O homem que fala vagarosamente chegou.

Em warekéna, os modificadores simples são os adjetivos, os quantificadores, os numerais e os demonstrativos. Não há adjetivos¹⁶ que não resultem de derivações nessa língua, ou seja, os adjetivos são o resultado da adição do morfema adjetivizador *-li*¹⁷ a verbos do tipo estativo, caso dos exemplos contidos em (4.22). Como visto na seção anterior deste trabalho, o mesmo morfema é responsável por marcar tanto as orações relativas como os adjetivos.

- (4.22) Warekéna (AIKHENVALD, 1998, p. 304)
 ila ‘ser/estar vermelho’ → ila-**li** ‘vermelho’
 anetua ‘ser/estar bom’ → anetua-**li** ‘bom’
 akune ‘ter medo’ → akune-**li** ‘medroso’

De acordo com Aikhenvald (1998), ocasionalmente nomes podem modificar nomes. Os únicos elementos que exercem essa função são os que se referem a gênero, *neyawa* ‘mulher’ e *enami* ‘homem’, usados, principalmente, nas relações de parentesco: *nu-matuimhẽ* *neyawa* ‘sogra’ e *nu-matuimhẽ enami* ‘sogro’.

Os advérbios constituem uma classe aberta (assim como os adjetivos) e parecem funcionar, para Aikhenvald (1998), como modificadores de verbos de todos os tipos. Não modificam adjetivos e podem ser de dois tipos: primários e secundários. Os advérbios primários constituem uma pequena classe que agrupa, principalmente, palavras referentes a

¹⁶ Poucos adjetivos são derivados de nomes, como *akumena* ‘susto’ → *akumena-li* ‘ser/estar assustado’.

¹⁷ A autora aponta a existência de dois adjetivizadores não produtivos na língua: *-ni* e *-mi*.

tempo, como *bena* ‘antes de ontem’ e *umina* ‘há um longo tempo’, e podem ocupar qualquer posição na oração. Já os advérbios secundários precedem ou seguem o predicado que modificam, e há uma tendência em não haver nenhum material interveniente entre eles. Todos os advérbios secundários podem se combinar com *-lu-* ‘enfático’, *-ba-* ‘aumentativo’ e *-ma-* ‘delimitativo’. Além disso, alguns adjetivos com *-li* podem, algumas vezes, ser usados em função adverbial, como em (4.23). A autora afirma que esses casos podem ser entendidos também como adjetivos sem núcleo.

(4.23) Warekéna (AIKHENVALD, 1998, p. 398)

yubua	pajiwa- li
dig	deep-REL
‘He (the rabbit) was digging deep’ (the ground)’	
<i>Ele (o coelho) estava cavando profundamente (o chão).</i>	

Com base nessas informações, os advérbios do warekéna, embora sejam agrupados em uma mesma classe lexical para a autora, não são predicadores; logo, não constituem uma classe de palavra no âmbito deste trabalho.

Aikhenvald (2003) afirma que a língua tariána dispõe de três classes lexicais abertas, duas classes semi-fechadas e doze classes fechadas. As classes abertas compreendem os nomes, os verbos e os adjetivos, diferenciados pelas categorias gramaticais, pelos processos de derivação de que participam e pelos espaços oracionais que cada um deles tipicamente ocupa. Os verbos são prototipicamente predicados; os nomes, núcleos de sintagmas nominais e os adjetivos, modificadores.

Os adjetivos partilham de propriedades típicas dos nomes e dos verbos estativos, embora algumas propriedades sejam exclusivas dessa classe. Assim como os nomes, podem ser núcleos de SNs e podem ser usados como complementos de cópula; similarmente aos verbos estativos, eles partilham da mesma morfologia desses verbos quando usados como predicados, além de poderem ser usados em algumas sentenças imperativas. Das

características que lhes são próprias, é importante destacar que adjetivos são classificadores de todos os tipos, apresentam um marcador específico de pluralidade (*-peni*) e têm o aproximativo *-iha* como sufixo (e não como clítico, caso dos nomes e verbos).

Além disso, os adjetivos podem ser derivados e não-derivados e denotam dimensão, idade, valor, cor, propriedades físicas e noções como “(não) ser amado (por alguém)”. O exemplo (4.24) contém um adjetivo não-derivado e o exemplo (4.25), um adjetivo derivado de um SV:

(4.24) Tariána (AIKHENVALD, 2003, p. 74)

heku-na	hanu-na
wood-CLF.VERT	big-CLF.VERT
“a big tree”	
<i>Uma árvore grande</i>	

(4.25) Tariána (AIKHENVALD, 2003, p. 74)

ḡāri	di-thi-sedite
man	3.SG.NF-eye- NEGEX+NCLF:ANM
“an eyeless man”	
<i>Um homem cego</i>	

Os advérbios e palavras referentes a tempo constituem uma classe semi-fechada em tariána e a função básica deles é a modificação verbal. Segundo a autora, são poucos os sufixos na língua que permitem a formação de advérbios de modo, o que justifica a ausência de uma classe lexical específica para eles. Exemplos de advérbio de modo são as formas *kiyaku* “fortemente” e *kwame-ku* “vagarosamente”, resultantes, respectivamente, de *kiya* “forte” e do sufixo *ku* e de *kwame* “desse jeito” com o mesmo sufixo.

4.5. A família Pano

Representada na amostra pelo shanenawa e pelo matís, a família Pano apresenta comportamento semelhante no que diz respeito às classes de palavra, já que ambas dispõem das quatro classes lexicais, o que as classifica como línguas diferenciadas, como ilustrado na sequência:

Línguas		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Pano	Shanenawa	X	X	X	X
	Matís	X	X	X	X

Quadro 21. *Classes de palavra nas línguas da família Pano*

Os adjetivos no shanenawa atuam como modificadores e como predicativos, usos exemplificados respectivamente por (4.26) e (4.27). Além disso, a maioria dos adjetivos¹⁸ termina por *-pa*, fenômeno ilustrado em (4.28):

(4.26) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 100)

ʃua faki na-a-ki
forte menino morrer-PST-DECL
'O menino forte morreu.'

(4.27) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 100)

piʃi iwapa Bruno-ki
casa grande Bruno-DECL
'A casa grande é de Bruno.'

(4.28) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 90)

ʃuatapa 'gordo'
paʃinipa 'amarelo'
turukupá 'redondo'
juitapa 'pesado'

¹⁸ No shanenawa, adjetivos não concordam em gênero e número com os nomes, fenômeno que ocorre, por exemplo, nas línguas latinas.

Quanto à posição em relação ao nome modificado, os adjetivos no shanenawa tendem a aparecer depois do núcleo. Quando o nome é modificado por mais de um adjetivo, no entanto, os modificadores costumam se distribuir antes e depois do núcleo, como em (4.29):

- (4.29) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 100)
 şafu-nu **şaka** ini **matji** aia-a-ki
 jabuti-ERG suja (ruim) água gelada beber-PST-DECL
 ‘O jabuti bebeu a água suja e gelada.’

Cândido (2004) afirma que os advérbios são representados pelos locativos, temporais, intensificadores e interrogativos e que eles têm grande mobilidade de posição na sentença. Os advérbios predicadores são considerados intensificadores pela autora, eis dois exemplos:

- (4.30) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 100)
 fakihu-Ø **funataka** ka-i-ki
 menino-ABS ADV(INTENS=depressa) andar-N.PST-DECL
 ‘O menino anda depressa.’

- (4.31) Shanenawa (CÂNDIDO, 2004, p. 100)
 fakihu-Ø **kuruşi** ka-i-ki
 menino-ABS ADV(INTENS=devagar) andar-N.PST-DECL
 ‘O menino anda devagar.’

Na língua matís, os modificadores nominais simples pertencem a cinco das sete categorias propostas por Dixon (1977). Em (4.32), há um exemplo de cada tipo de adjetivo e, em (4.33), outro exemplo, que mostra, também, a tendência a pós-nominais dos adjetivos.

- (4.32) Matís (FERREIRA, 2005, p. 165)
- | | | |
|--------------------|-------------|-------------------|
| Dimensão | tuku → | “baixo” |
| Propriedade física | itis → | “quente” |
| Propriedade humana | widan → | “nervoso” |
| Idade | paşa → | “novo(a)” |
| Valor | iksamadap → | “ruim/não presta” |

(4.33) Matís (FERREIRA, 2005, p. 161)

minbi	[waka	waduş] _{SN}	-Ø	ak-	-a	-k
2.SG.ERG	água	frio	-ABS	beber-	-RECPST	-1/2.DECL

“Você bebeu água gelada.”

Os advérbios nessa língua tendem a aparecer antes do verbo ou do adjetivo que modificam. Eles podem ser de tempo, lugar, modo, quantidade e intensidade. No exemplo abaixo, há emprego do advérbio de modo *bişka* “lentamente”:

(4.34) Matís (FERREIRA, 2005, p. 152)

şawî	-Ø	bişka	kapo-	-e	-k
tartaruga	-ABS	lentamente	andar-	-NPST	DECL

“A tartaruga anda lentamente”

4.6. A família Makú

Em hupda são reconhecidas três grandes classes de palavras, todas constituídas basicamente por raízes: nomes, verbos e adjetivos. Os nomes e os verbos são considerados classes abertas, enquanto os adjetivos constituem uma pequena classe fechada. Essas classes são diferenciadas com base em critérios semânticos, sintáticos e morfológicos.

De maneira geral, os nomes prototípicos consistem em raízes que ocupam núcleos de SNs e exercem tipicamente a função de argumento da oração. Diferentemente dos verbos, os nomes podem ocorrer de forma simples em uma oração, sem flexão morfológica ou partículas formativas. Além disso, alguns nomes podem se diferenciar entre si pelo tom. Os nomes podem vir acompanhados de marcadores de caso e de número, o que também pode ocorrer com verbos, mas somente quando estes são nominalizados ou introduzem orações adverbiais. Contrariamente aos verbos, nomes podem sofrer modificação, seja por meio de numerais, seja por meio de adjetivos, seja por meio de demonstrativos, e, ainda, podem portar informações

relativas à posse, inalienável ou alienável. Já os verbos prototípicos em hupda consistem em raízes que ocupam o núcleo de predicados, e podem ser transitivos, intransitivos ou bitransitivos. Os verbos podem ocorrer sozinhos ou em formas compostas.

Os adjetivos se definem com base em duas características principais. A primeira característica diz respeito ao fato de poderem atuar como predicados em orações principais e, nesses casos, não requererem a presença de um sufixo. Eles também podem receber as mesmas flexões de um verbo, o que os aproxima dessa classe. A segunda característica se refere ao fato de que os adjetivos podem atuar como modificadores nominais em SNs, quando seguem ao núcleo nominal (exemplo (4.35)). Assumindo essa função, os adjetivos se assemelham aos nomes compostos.

(4.35) Hupda (EPPS, 2005, p. 101)

nút=mah	tĩh-ăn	nõh-g'ét-éh,	wowõw	põg
here=REP	3.SG-OBJ	fall-stand-DECL	fly.sp.	big

'Here, it's said, it hit and stuck to her, a big fly.' (M.KTW.108)
'Aqui, ele diz, ele bateu e matou ela, a mosca grande.'

Semanticamente, os adjetivos do hupda denotam dimensão (*téh*, 'pequeno'), cor (*tohó*, 'branco'), idade e valor. Epps (2005), citando Dixon (1977), afirma pautar-se pelas características translinguísticas propostas por esse autor para incluir elementos dessa natureza na classe designada adjetiva.

Os advérbios estão relacionados aos verbos e, segundo Epps (2005), constituem formas derivadas de outras partes do discurso e funcionam como modificadores de verbos e, em poucos casos, de adjetivos. Mesmo assim, não há uma classe isolada para os advérbios nessa língua. Muitas expressões adverbiais são desempenhadas por adjetivos, como *do?kékéy* 'corretamente'; além disso, verbos, nomes e orações inteiras podem funcionar como modificadores verbais, inclusive ideofones. Os advérbios tendem a aparecer com o marcador

=yiʔ¹⁹, principalmente quando se derivam de adjetivos, o que permite diferenciá-los dos adjetivos quando usados em função adverbial.

- (4.36) Hupda (EPPS, 2005, p. 327)
 tiyĩʔ pib=yiʔ way-yiʔ-iy
 man fast=TEL go.out-TEL-DYNM
 ‘The man went out fast’
 ‘O homem foi embora rapidamente’.

De acordo com Martins (2004), as classes de palavras em dâw são estabelecidas por meio de critérios morfológicos e sintático-funcionais, segundo os quais “se descrevem suas propriedades gramaticais de conformidade com suas categorias morfológicas manifestas, com a distribuição que apresentam na oração e com as funções sintáticas que exercem” (MARTINS, 2004, p. 123).

Nessa língua, as classes de palavras são abertas ou fechadas. As abertas são os nomes, os verbos e os advérbios. As classes fechadas são os pronomes, os numerais, os conjuntivos, as posposições, os direcionais, as conjunções, as interjeições e as partículas modais. Os adjetivos não constituem uma classe isolada e funcionam gramaticalmente como verbos em dâw. As palavras que expressam conceitos adjetivais, como *grande*, *magro* e *vermelho*, por exemplo, tomam a forma de verbos estativos, diferentemente do húpda, e funcionam como predicativos e modificadores de nome.

A língua dâw só apresenta sufixos, que podem se unir a mais de uma classe de palavra. As operações sintáticas realizam-se, na maioria das vezes, por meio de palavras gramaticais e não de afixos, o que difere essa língua de outras da amostra desta pesquisa.

Os verbos estativos são equativos ou descritivos. Os equativos codificam as noções de existência e de identificação, enquanto os descritivos codificam as noções expressas pela classe adjetiva em outras línguas. Os descritivos estão subdivididos em atributivos,

¹⁹ Esse enclítico também funciona, em hupda, como um marcador de verbos télicos e como marcador de foco contrastivo.

qualificativos e posicionais. Segundo Martins (2004, p. 217) “os atributivos exprimem estados ligados às configurações físicas inerentes aos seres e objetos, como formas, texturas, tamanhos, cores etc; os qualificativos expressam estados emotivos e comportamentais de um ser e qualidades dos seres ou dos objetos, vistos numa perspectiva subjetiva; os posicionais indicam a posição que uma entidade ocupa no espaço.” Os verbos do tipo descritivo podem ocorrer em um SN e, neste caso, funcionam como modificadores nominais, como nos exemplos seguintes:

- (4.37) Dâw (MARTINS, 2004, p. 221)
 bõhõ **peg** døk hãm mʔẽʔ-**pég**-ẽnʔ
 fogo grande apagar ir um-grande-REINF
O fogo grande apagou-se de repente.

- (4.38) Dâw (MARTINS, 2004, p. 222)
 tih bæ-uu nõx Jet cax **jéw** wyʔ
 3.SG árvore-semente cair estar no chão terra ser bom.AUG em cima
A semente dele caiu na terra muito fértil.

Em dâw, os advérbios exprimem noções de tempo, modo e lugar. Eles são palavras independentes que possuem grande mobilidade na sentença, mas frequentemente são pós-verbais. Um advérbio de modo designa a maneira segundo a qual os eventos se realizam, e é exemplificado abaixo por *jʔéwʔ*, “devagar”:

- (4.39) Dâw (MARTINS, 2004, p. 333)
 ʔid jy -ẽh buub **jʔéwʔ** -ẽnʔ
 1.PL voltar -NEG amanhã devagar - REINF
Amanhã, nós vamos voltar bem devagar.

Assim, húpda e dâw, as duas línguas que representam a família Makú na amostra, são diferentes em termos de sistemas de classes de palavra, uma vez que, embora apresentem três

classes, somente o húpda dispõe de adjetivos e somente o dâw dispõe de advérbios, informações resumidas no quadro seguinte:

Línguas		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Makú	Húpda	X	X	X	
	Dâw	X	X		X

Quadro 22. *Classes de palavra nas línguas da família Makú*

4.7. A família Nambikwára

A língua nambikwára apresenta as quatro classes de palavras. Quanto aos adjetivos, eles podem modificar sujeitos ou objetos da oração, podem aparecer após o núcleo modificado e, ainda, podem funcionar como predicados em orações adjetivais equativas. Os adjetivos nessa língua expressam categorias como cor, tamanho, contorno, atributos e formas onomatopaicas. Em (4.40), há dois adjetivos em um SN:

- (4.40) Nambikwára (KROEKER, 2001, p. 97)
 wã²la² wai¹-wain-ta² he³-hen³-ka³-lo³a² ...
 pano riscado-RED-CO.LOC vermelho- RED-CLF.pano
 ‘O pano vermelho riscado...’

Os advérbios, por sua vez, podem ser de tempo, locação e modo. Os advérbios de modo são formados por meio do sufixo adverbializador de modo, como se vê no exemplo seguinte:

- (4.41) Nambikwára (KROEKER, 2001, p. 102)
 win¹-txi³ ai³-ain¹-Ø-na³-la².
 devagar- ADVR ir-3.PL-3.SG- T/E.IO.PRES-PERF
 ‘Eles vão devagar’.

Na língua *sabanê*, ao contrário da *nambikwára* que dispõe das quatro classes, é possível dizer que há três classes: verbos, nomes e advérbios. Segundo Araújo (2004), os adjetivos não são considerados uma classe morfológica independente, em razão de serem mais verbais que nominais. Para o autor, os adjetivos constituem verbos do tipo adjetivo²⁰, ou seja, constituem uma subclasse verbal (assim como nas línguas do tronco tupi, por exemplo). Esses verbos-adjetivos podem ser modificadores em um SN, mas para exercerem essa função devem ser nominalizados pelo sufixo *-ta*:

- (4.42) *Sabanê* (ARAÚJO, 2004, p. 125)
 katatali? isun-n-ta-mi
 white man to be angry-VS-ACT.NMLZ-REFR
 ‘angry white man’
 homem branco bravo

Nessa língua, existem advérbios como classe de palavra, divididos, por sua vez, em duas subclasses. A primeira subclasse compreende palavras livres que expressam noções de modo e de tempo, como exemplificado pelos advérbios de modo contidos em (4.43) e (4.44). Os advérbios dessa subclasse não podem ser usados como argumentos e não permitem afixação.

- (4.43) *Sabanê* (ARAÚJO, 2004, p. 195)
 yalakanin → “slowly” (vagarosamente)
 holiapa → “far” (longe)
 ileytica → “yesterday” (ontem)
 tuni → “inside” (dentro)

- (4.44) *Sabanê* (ARAÚJO, 2004, p. 200)
 ip -i -datinan **yalakanin**
 to run -VS-PST.EV slowly
 “S/He ran slowly”
Ela/ele correu vagarosamente.

²⁰ Esses verbos-adjetivos geralmente são seguidos por um sufixo verbal (VS), que pode fazer as vezes de uma cópula, tipo verbal que não existe em *sabanê* como uma categoria independente.

O segundo tipo de advérbios são os advérbios presos, que incluem morfemas presos, usados geralmente em função verbal, caso de *ano*, “much/many” (muito/muitos), e de *amulu*, “only” (somente). De acordo com Araújo (2004), esses advérbios têm características especiais que os tornam diferentes de verbos e de advérbios livres.

Assim sendo, a língua *sabanê* constitui um contra-exemplo para a hierarquia de acessibilidade das classes predicatoras, uma vez que não dispõe de adjetivos como classe, mas apresenta advérbios predicaadores, representados pelos advérbios que Araújo (2004) denomina livres.

Da descrição das orações relativas, na seção anterior, e das classes de palavras no *nambikwára* e no *sabanê*, é possível dizer que, embora pertençam à mesma família, elas não são muito semelhantes, uma vez que diferem tanto na estratégia de relativização como no fato de apresentarem ou não adjetivos (veja o quadro 23). Vale recordar que a língua *nambikwára* se vale da lacuna para construir uma oração relativa e dispõe de adjetivos como classe enquanto a *sabanê* se vale de nominalização e não apresenta adjetivos.

Línguas		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Nambikwára	Nambikwára	X	X	X	X
	Sabanê	X	X		X

Quadro 23. *Classes de palavra nas línguas da família Nambikwára*

4.8. A família Arawá

Na língua paumarí, os modificadores ocorrem após o nome modificado e podem ser adjetivos ou verbos. Os adjetivos ocorrem como modificadores nominais em sua forma básica (exemplo (4.45)) e os verbos, para funcionarem como modificadores, recebem um afixo verbalizador (exemplo (4.46)):

(4.45) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 259)

gora	karaho	hida
house	large	DEM.F

‘It’s a big house.’
‘casa grande’

(4.46) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 259)

a- ‘bo’da-ki	hida	ava
STAT.VBLZ-old-REL	DEM.F	wood

‘This wood endures (i.e., doesn’t rot quickly)’
Esta madeira resiste (não apodrece rapidamente)

Os adjetivos que apresentam o sufixo final *–ni/–na* concordam em gênero com o nome que eles modificam, caso de (4.47), e se o nome modificado pertencer à classe denominada *ka*, os adjetivos concordam com ele em número e classe, como em (4.48):

(4.47) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 260)

bi-va-hoja-ki	ida	ohi	itxa- ni
3SG-COMIT-be-REL	DEM.F	beads.F	many:small-F

‘She has lots of small beads’
Ela tem muitas pequenas pérolas.

(4.48) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 260)

o- ka -namonaha-ja	hida	vanami	ka -pa’itxi
1SG-N.CLF-CAUS:make-IMM	DEM.F	paddle.F	N.CLF-small

‘I made this small paddle’
Eu fiz esse pequeno remo.

Um modificador do tipo verbal é geralmente um verbo intransitivo, ou seja, um verbo do tipo descritivo com o sufixo *-ki*, e ele concorda em número e classe com o modificado, caso de (4.49):

- (4.49) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 260)
- | | | | |
|-------------------|-------|--------|-----------|
| o-nofi- ki | oni | makari | nadara-ki |
| 1SG-want-REL | DEM.F | cloth | red-REL |
- ‘I want the red cloth’
Eu quero o tecido vermelho.

Há, em paumarí, além de adjetivos, uma classe para os advérbios. Segundo Chapman e Derbyshire (1991), são poucos os adjetivos e os advérbios que ocorrem em sua forma básica na língua, ou seja, a maioria dos adjetivos e advérbios é obtida por meio de derivação. A derivação adverbial mais comum é a que ocorre com o prefixo *afo-* “ADVR” acrescentado a um verbo, como em *afo-’iana* “de novo” e *afo-mai* “próximo”.

É importante dizer que muitos adjetivos e verbos que ocorrem como modificadores nominais podem desempenhar, também, função adverbial. Os casos mais comuns dessa ocorrência são os que envolvem *-jahaki* (“bom, bem”), *-joraki* (“rapidamente”), *-pa’itxi* (“pequeno”), *-bo’da* (“velho, há muito tempo”), *-danoki* (“forte, insistentemente”). Em (4.50), há um exemplo com *-joraki*:

- (4.50) Paumarí (CHAPMAN; DERBYSHIRE, 1991, p. 320)
- | |
|------------------------------------|
| o-hado-ha- joraki -’iana-hi |
| 1SG-knife-ACT-quickly-again-THEM |
- ‘I cut again quickly.’
Eu cortei de novo rapidamente.

Para a língua jarawára, Dixon (2004) propõe as seguintes classes de palavras: nomes, verbos, adjetivos, modificadores finais de orações (que são palavras do tipo adverbial, para o

autor), pronomes, demonstrativos e locativos, interrogativos, marcadores de tempo e de discurso, posposições e interjeições.

Os adjetivos nessa língua constituem uma classe fechada com um número reduzido de itens: apenas 14 palavras, que denotam dimensão (“bite/bití”, pequeno), propriedade física (“tati”, fruta que ainda não está madura), idade (“jati”, novo), valor (“towe”, mau), e qualificação/quantificação (“hinita”, vazio ou sozinho). O autor aponta que há, em jarawára, adjetivos derivados, mas que funcionam como complementos de cópula e não como modificadores de SN.

Ainda quanto aos adjetivos, Dixon (2004) ressalta que há muitos outros conceitos que seriam expressos por adjetivos, mas que, nessa língua, são codificados por verbos. Eles incluem formas referentes a cor, a velocidade, a propensões humanas e a números. Todos os adjetivos tendem a aparecer após o nome que modificam, como no exemplo contido em (4.51):

- (4.51) Jarawára (DIXON, 2004, p. 338)
- | | | | |
|----------------------------------|---------------|--------------|----------------|
| [jará | botee] | era | haa-ka |
| branco.M | old | 1PL.INCL.OBJ | call.to-DECL.M |
| the old branco calls to us | | | |
| <i>o velho branco nos chamou</i> | | | |

Parece não haver em jarawára uma classe que agrupe os adverbiais. Tais conceitos são expressos na língua por elementos pertencentes a outras classes de palavra. No que diz respeito aos advérbios de modo de outras línguas, tais como *rapidamente* e *vagarosamente*, o autor admite que faltam lexemas que veiculem esses sentidos isoladamente.

Há, em jarawára, um verbo, *kana-na*, que significa “mover-se rapidamente”, que pode cobrir semanticamente a ideia de uma pessoa correndo, de um peixe ou uma canoa em movimento rápido pela água. Porém, não existe verbo ou advérbio isolado que denote a ideia de modo, ou seja, predicções do tipo *ele trabalha rapidamente/vagarosamente* ou *ele come*

rápido não são realizadas pela língua. Desse modo, assume-se que não há advérbios como classe em jarawára, o que a difere da outra língua da mesma família, a paumarí. A disponibilidade das línguas da família Arawá para as classes de palavra é resumida a seguir:

Línguas		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Arawá	Paumarí	X	X	X	X
	Jarawára	X	X	X	

Quadro 24. *Classes de palavra nas línguas da família Arawá*

4.9. A família Aikaná

As classes de palavras em kwaza incluem nomes, verbos, advérbios e algumas partículas. Segundo Voort (2004), a divisão entre os diferentes tipos de raízes fornece a base para a distinção entre as partes do discurso na língua. A coincidência de certas propriedades formais e funcionais de elementos livres justifica a distinção majoritária das categorias gramaticais de nomes, advérbios e partículas como opostas à categoria de verbos. Não há justificativas para adjetivos, artigos e adposições como categorias separadas.

Em kwaza, as raízes nominais ocorrem como morfemas livres, e esta é a propriedade formal mais importante que as diferencia das raízes verbais; podem funcionar como argumentos de predicados ou como modificadores atributivos de outros nomes; podem receber marcação de caso, considerando que as raízes nominais não recebem flexão de gênero, definitude e número; podem ser o resultado de nominalizações de verbos; e, ainda, podem consistir na raiz semanticamente vazia *e-* e em um morfema preso classificatório, propriedade formal importante que distingue os nomes de advérbios.

Os verbos formam uma classe aberta e compartilham um número de propriedades com membros de outras categorias que não existem. Eles consistem em raízes que não podem ser

usadas como elementos livres (diferença básica com os nomes, advérbios e partículas) e requerem flexão de pessoa e de modo e podem ser nominalizados por fixação de sufixos nominais ou classificadores. Um verbo pode ser o único constituinte de uma sentença completa.

Quanto aos advérbios, o autor assinala que eles podem ocorrer como morfemas livres, o que os distingue efetivamente de raízes verbais. Além disso, podem produtivamente ser formados pela raiz semanticamente vazia *a-* e por um morfema direcional preso, propriedade esta importante que os distingue dos nomes. São poucas as palavras adverbiais básicas em kwaza e elas são de dois tipos: as representadas por lexemas independentes morfologicamente simples (*ka'tsy* 'logo, rapidamente'; *la'to* 'ontem'; *wa'txi* 'verdadeiro, correto') e as representadas por lexemas morfologicamente complexos, ou seja, as que envolvem uso de morfemas produtivos na língua (*anãi'dy* 'certamente, propriamente'; *keredy'ta* 'cuidadosamente, vagarosamente, suavemente'). Em (4.52) e (4.53) abaixo, há exemplos para esses dois tipos de advérbios:

(4.52) Kwaza (VOORT, 2004, p. 488)

ka'tsy ehỹ-'ra wãỹ'dy
soon make-IMP food
'make the food quickly!'
'faça a comida rapidamente!'

(4.53) Kwaza (VOORT, 2004, p. 488)

keredy'ta o'ja-da-ki
carefully go-1SG-DECL
'I went slowly'
Eu fui vagarosamente/cuidadosamente.

Segundo Voort (2004), não há razão para distinguir adjetivos como categoria separada em kwaza. O autor explica que conceitos veiculados por adjetivos são usualmente expressos por raízes verbais seguidas de flexões verbais canônicas. A modificação atributiva é realizada

por justaposição de nomes, que inclui verbos nominalizados. Em (4.54), o núcleo nominal é modificado por um dependente nominalizado:

- (4.54) Kwaza (VOORT, 2004, p. 94)
 'mangka 'ki-hỹ 'ja-da-ki
 mango ripe-NMLZ eat-1SG-DECL
 'I ate a ripe mango'
Eu comi uma manga madura.

Desse modo, o kwaza apresenta as seguintes classes de palavra:

Língua		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Aikaná	Kwaza	X	X		X

Quadro 25. *Classes de palavra na língua da família Aikaná*

4.10. A família Mura

Quanto às classes de palavra na única língua representante da família Mura, Everett (1991) postula que, segundo critérios morfossintáticos, o pirahã dispõe de nomes, pronomes, posposições, partículas, modificadores e verbos. Segundo o autor, adjetivos e advérbios constituem, juntos, uma classe maior, denominada de modificadores, devido à falta de diferenças morfológicas ou distribucionais entre eles. O autor não descarta a possibilidade de haver algumas restrições em razão de diferenças semânticas. O exemplo contido em (4.55) ilustra um caso de modificador em pirahã atuando, em (a), como adjetivo e, em (b), como advérbio:

(4.55) Pirahã (EVERETT, 1992, p. 183)

- (a) boitóhoi **báíhiigi**
 barco devagar
“Um barco devagar”
- (b) boitóhoi **báíhiigi** xab-op-ai
 barco devagar virar-ir-NONTEL
“O barco volta devagar.”

Por apresentar uma única classe que inclui adjetivos e advérbios, que pode ser visualizada no quadro seguinte, o pirahã se assemelha às línguas da família Karíb, já descritas na seção 4.3.

Língua		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Mura	Pirahã	X	X	X	

Quadro 26. *Classes de palavra na língua da família Mura*

4.11. A família Tukáno

Segundo Ramirez (1997), são quatro as grandes classes de palavras em tukáno: nomes, verbos, nomes dependentes e verbos dependentes, que são definidas com base em critérios estruturais e sustentadas por critérios fonológicos. De maneira geral, os nomes designam principalmente os animais e os vegetais, os graus de parentesco, as partes do corpo, os elementos da natureza e outras situações, tais como “fome”, “sede” e “ferida”, e a eles podem ser afixados sufixos de número, diminutivo, aumentativo, marcadores de função sintática ou semântica. Já os verbos designam ação, processo, posição ou estado e permitem acréscimo de sufixos cumulativos que expressem tempo, aspecto, modalidade epistêmica, pessoa, gênero e número, além de sufixos de negação e de força centrípeta e centrífuga.

No que diz respeito aos adjetivos, Ramirez (1997) afirma que eles são considerados estruturalmente como verbos e, nesse sentido, levam os sufixos característicos de verbos, como no exemplo (4.56) seguinte:

- (4.56) Tukáno (RAMIRES, 1997, p. 95)
 sikó sô'âmo
 /sikó sô'â -bo/
 aquela estar vermelho -PRES.VIS.3+ F.SG
 (veja que) *aquela está vermelha*

O autor destaca que há algumas palavras em tukáno que podem se parecer aos advérbios da língua portuguesa, principalmente por causa da tradução que consta na glosa dos exemplos. No entanto, Ramirez (1991) ressalta que não existe uma classe de advérbios estruturalmente definida nessa língua e conclui que as palavras traduzidas por advérbios, como, por exemplo, *yamiákã* “manhã” e *upíti* “muito, intensamente”, são verdadeiros nomes primários ou secundários, formados a partir de raízes nominais primárias ou verbos nominalizados. As classes de palavra da língua tukáno estão assinaladas no quadro 27:

Língua		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Tukáno	Tukáno	X	X		

Quadro 27. *Classes de palavra na língua da família Tukáno*

4.12. A família Txapakúra

Segundo Everett e Kern (1997), a língua warí dispõe de nomes e verbos como classes de palavra, mas não de adjetivos nem de advérbios, distribuição que consta no quadro seguinte:

Língua		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Txapakúra	Warí	X	X		

Quadro 28. *Classes de palavra na língua da família Txapakúra*

A modificação nominal nessa língua pode ser expressa por alguns nomes quando em uma relação paratática ou de justaposição, caso de (4.57). As noções adverbiais podem, por sua vez, ser expressas na língua por meio de verbos compostos, como em (4.58):

(4.57) Warí (EVERETT; KERN, 1997, p. 342)

‘iri’ wom
truly cotton
‘good clothes’
roupas boas

(4.58) Warí (EVERETT; KERN, 1997, p. 241)

mao **hwap** na wari’.
go:SBJ/SG fast:SBJ/SG 3.SBJ/SG: RLS.PST/PRES person
‘The person went quickly.’
(lit. ‘The person went and was fast.’)
A pessoa veio rapidamente.

4.13. A família Yanomámi

A língua sanumá dispõe de poucos adjetivos em seu inventário de palavras que modificam nomes em um SN. Borgman (1990) afirma que são três os tipos de adjetivos: os descritivos, que são derivados dos verbos descritivos, os quantitativos, que são aqueles especificadores de quantidade, e os locativos, que se dividem, por sua vez, em dois tipos: os intrínsecos e os extrínsecos. Os intrínsecos dizem respeito à locação em relação ao nome em si, como *ola* ‘parte de cima’. Os extrínsecos dizem respeito a algum objeto que está fora do nome, e a sanumá conta com apenas um adjetivo deste tipo: *pi*, que significa *dentro de*. No exemplo seguinte, tem-se exemplos de adjetivos:

(4.59) Sanumá (BORGMAN, 1990, p. 130)

pelupö	a	õsiti	wai	amisi	toti	-a	apa
son	3.SG.CLF	young	DIM	thirsty	good	-DUR	INTENS

‘His little young son is good and thirsty.’
O pequeno jovem filho dele é bom e sedento.

Há menção na gramática do sanumá a uma classe para os advérbios, relacionados a tempo, locação e modo. Borgman (1990) afirma que só existe um advérbio de modo que não é incorporado ao verbo, o advérbio *naha* “como”, que é mais usado quando em função comparativa. Parece que as palavras adverbiais que mais se aproximam dos conceitos expressos por advérbios de modo são *opi* “devagar” e *lope* “rápido”; elas fazem parte, no entanto, dos verbos do tipo descritivo.

Nesse sentido, não serão consideradas tais palavras como advérbios de modo, o que permite dizer que o sanumá parece não dispor de uma classe de advérbios condizente com o ponto de vista teórico adotado neste trabalho. As classes presentes no sanumá são as que constam no quadro 29:

Língua		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Yanomámi	Sanumá	X	X	X	

Quadro 29. *Classes de palavra na língua da família Yanomámi*

4.14. A família Crioula

Segundo Tobler (1983), em karipúna-creole os nomes são núcleos de SNs e os verbos ocorrem como núcleos de SVs, podem ser auxiliares ou, ainda, podem exercer função adjetiva quando pospostos a um SN. Os adjetivos atuam como modificadores nominais, caso de (4.60), mas também ocorrem como núcleo num SV do tipo descritivo, como em (4.61):

(4.60) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 102)

mo **joli** kaz
 1SG pretty house
 ‘my nice house’
 ‘*Minha casa bonita*’

(4.61) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 102)

li **ble**
 3SG blue
 ‘It’s blue’
 ‘*Isso é azul*’

As palavras adjetivas em karipúna-creole podem vir antes ou depois do nome modificado. Os adjetivos possessivos, os demonstrativos, os numerais, os quantificadores, os qualificativos – caso de (4.60) – e os adjetivos de tamanho/idade são os que antecedem os nomes. Já os adjetivos relativos a cores – caso de (4.62) – e os referentes à textura e comprimento ocorrem depois do nome modificado. As orações relativas são, assim como estes últimos, modificadores pospostos, o que os classifica, então, como pós-nominais.

(4.62) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 103)

mayê **blã**
 medium white
 ‘more ou less white’
 ‘*mais ou menos branco*’

Os advérbios modificam o núcleo verbal, e o karipúna-creole dispõe de advérbios de modo, como em (4.63) a seguir:

(4.63) Karipúna-Creole (TOBLER, 1983, p. 133)

dusmã **dusmã** li hele
 quietly quietly 3SG call
 ‘He called very quietly’
 ‘*Ele chamou muito calmamente*’

É importante salientar que, no karipúna-creole, a maioria das palavras consiste de uma raiz simples. Poucos nomes e locativos podem ser o resultado de uma combinação de duas raízes; nomes possessivos e um número reduzido de verbos e advérbios são junções de uma raiz a um afixo derivacional. Tobler (1983) classifica as palavras do karipúna-creole em dois grupos: palavras de conteúdo, que apresentam um único significado (verbos, nomes, adjetivos e advérbios), e palavras funcionais, que dependem de outra palavra para significarem (marcadores de tempo, de negação, relatores, conjunções e outros). Por apresentar as classes de palavra, destacadas no quadro seguinte, o karipúna-creole é considerado uma língua diferenciada.

Língua		Classes de palavra			
		Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Família Crioula	Karipúna-creole	X	X	X	X

Quadro 30. *Classes de palavra na língua da família Crioula*

5. GENERALIZAÇÕES E CONCLUSÕES

A hipótese que se investiga neste trabalho prediz que uma construção nominalizada assume a função de oração relativa nas línguas sob análise e que, paralelamente, esse tipo de construção é o recurso mais recorrente para cobrir o domínio funcional dos adjetivos em línguas que não apresentam esses elementos em uma classe isolada. As línguas indígenas que fazem parte desta amostra confirmam essa hipótese e, ainda, permitem que se correlacione a nominalização como modificação complexa na ausência de adjetivo como classe de modificadores simples. A discussão dos dados proposta nesta seção visa à comprovação desta hipótese.

A descrição feita sobre as orações relativas nas línguas indígenas conduz à formulação do quadro 31, que mostra a distribuição das estratégias de relativização encontradas na amostra. A leitura inicial desse quadro permite afirmar que parece haver uma tendência nas línguas para a existência de apenas uma estratégia de relativização, uma vez que somente quatro línguas (shanenawa, pirahã, tariána e apinayé) apresentam duas estratégias.

É importante mencionar que algumas línguas, além da(s) estratégia(s) contida(s) no quadro 31, também se valem da estratégia paratática²¹, considerada, muitas vezes, marginal, em decorrência de seu uso na língua coloquial ou de seu uso como estratégia secundária²². Na descrição das orações relativas disposta na seção 3, é possível observar esse fato, principalmente nas línguas da família Karíb, em que todas se valem de nominalização e de parataxe como um recurso alternativo. Deve-se lembrar aqui, de passagem, que Meira (2006) afirma ser a justaposição ou parataxe a estratégia diacronicamente primitiva nas línguas

²¹ A estratégia paratática não consta nos quadros desta seção por ser considerada uma estratégia marginal e por não funcionar como estratégia secundária em nenhuma das línguas da amostra. Além disso, seu emprego como estratégia nas línguas do *corpus* é bem menos frequente do que a nominalização e quase sempre essa estratégia mantém relação direta com a nominalização, ocorrendo em associação a ela.

²² Entende-se por estratégia secundária aquela que relativiza funções sintáticas diferentes das de Sujeito e Objeto, ou seja, funções mais baixas na hierarquia de acessibilidade proposta para a relativização. Denomina-se estratégia primária, portanto, a que se aplica às funções mais altas.

Karíb. A nominalização apareceu depois, especialmente nas línguas da Venezuela, fora das fronteiras da Amazônia brasileira.

Línguas	Estratégia de relativização
Mundurukú	Nominalização
Guajá	Nominalização
Kaiwá	Nominalização
Kamayurá	Nominalização
Urubú-Kaapor	Nominalização
Apalaí	Nominalização
Hixkaryana	Nominalização
Ingarikó	Nominalização
Macuxí	Nominalização
Waiwái	Nominalização
Húpda	Nominalização
Matís	Nominalização
Sabanê	Nominalização
Apurinã	Nominalização
Tukáno	Nominalização
Kwaza	Nominalização
Nambikwára	Lacuna
Dâw	Lacuna
Warekéna	Lacuna
Paumarí	Lacuna
Jarawára	Lacuna
Boróro	Lacuna
Canela-Krahô	Pronome relativo
Karipúna-creole	Pronome relativo
Warí	Pronome relativo
Sanumá	Não-redução
Shanenawa	Lacuna/Não-redução
Pirahã	Lacuna/Não-redução
Tariána	Lacuna/Nominalização
Apinayé	Nominalização/Não-redução

Quadro 31. *Estratégias de relativização*

Quanto à estratégia utilizada, a nominalização é, sem dúvida, a mais empregada pelas línguas do *corpus*. Do total de 30 línguas, 18 delas se valem dessa estratégia para a formação de relativas e, dessas 18, em 16 a nominalização é a única estratégia de relativização; as exceções são o apinayé, que se vale, também, da estratégia da não-redução e o tariána, que se vale da nominalização e da estratégia da lacuna.

A segunda estratégia mais recorrente é a de lacuna, empregada por nove línguas da amostra, seguida da estratégia da não-redução, empregada por quatro línguas. A estratégia do pronome relativo é a menos recorrente, já que é representada por apenas três línguas.

A distribuição contida no quadro 31 não registra qualquer ocorrência das demais estratégias tratadas na literatura sobre relativização. Dos nove mecanismos de formação de relativas previstos inicialmente, estes não foram encontrados no *corpus*: ordem de palavras, parênteses, equivalência de caso e retenção pronominal.

No que diz respeito às línguas que se valem de mais de uma estratégia de relativização, é interessante notar a natureza da combinação que empregam. Das quatro línguas do *corpus* que se valem de duas estratégias, a tariana e a apinayé empregam, além da nominalização, lacuna e não-redução, respectivamente; e a pirahã e a shanenawa empregam, ambas, lacuna e não-redução.

De acordo com a descrição da oração relativa dessas línguas, é interessante notar que, embora a pirahã e a shanenawa empreguem duas estratégias, não há restrição morfossintática²³ para o emprego de uma ou outra estratégia, ou seja, sujeitos e objetos podem ser relativizados pelos dois mecanismos, situação diferente da que se apresenta para a tariana e a apinayé. A nominalização em tariana é responsável por relativizar objeto direto e oblíquo, enquanto a de lacuna relativiza apenas sujeitos. Nos termos de Keenan e Comrie (1977), essa língua dispõe, portanto, de estratégia primária para relativizar a função mais alta na HA e de estratégia secundária para codificar funções mais baixas.

Em apinayé, sujeito e objeto indireto são relativizados por nominalização e sujeito e objeto direto, por não-redução. Nesse caso, a posição mais alta²⁴ da HA pode ser relativizada por ambas as estratégias; a segunda mais alta, a de objeto direto, apenas por não-redução, e a

²³ Ressalta-se que se trata de restrições de natureza morfossintática. Restrições de natureza semântica provavelmente podem interferir no uso de uma ou outra estratégia.

²⁴ A noção de Sujeito na HA de Keenan e Comrie (1977) é sintática, portanto não se consideram as funções semânticas e/ou pragmáticas exercidas por essa relação gramatical. Sobre restrições de ordem semântica que podem interferir na acessibilidade das relações relativas, veja Oliveira (no prelo).

mais baixa delas, a de objeto indireto, apenas por nominalização. Song (2001), citando Croft (1990), aponta que há línguas, como o malaio, que relativizam, formalmente, apenas sujeitos. Para relativizar funções mais baixas da hierarquia, suprindo, assim, a carência de elementos gramaticais para a relativização dessas funções, as línguas se valem de estratégias “conspiratórias”, ou seja, de mecanismos gramaticais alternativos para cobrir, indiretamente, o domínio funcional das ORs. Parece ser esse o caso da tariána e da apinayé. Nesse sentido, a nominalização é a estratégia “conspiratória”, já que nas duas línguas esse é o recurso que relativiza a posição mais baixa da HA para essas línguas, a de oblíquo, na tariána, e a de objeto indireto, na apinayé.

No tocante à acessibilidade das línguas às classes predadoras de palavra, a distribuição das classes por línguas está contida no quadro 32.

É importante esclarecer, quanto aos advérbios, que alguns dos autores das gramáticas descritivas consultadas, como Cardoso (2008) e Seki (2000), estudiosas das gramáticas kaiwá e kamayurá, respectivamente, assumem a existência de uma classe para os advérbios. No entanto, como já mencionado anteriormente, eles não são advérbios predadores, princípio básico para que os advérbios sejam considerados classes lexicais (HENGEVELD, 1992). Nesse sentido, mesmo que os autores apontem a existência de uma classe para os advérbios, se eles não são predadores, não são considerados como advérbios neste trabalho²⁵. Esta é uma razão para considerar que a transposição da hierarquia implicacional é apenas indiretamente afetada.

A distribuição contida no quadro 32 permite deduzir que todas as línguas apresentam uma classe de palavra própria para verbos e nomes, ou seja, não ocorre na amostra nenhum caso em que a língua disponha apenas da classe dos verbos, situação mencionada na seção 1 deste trabalho para a língua tuscarora, que tem de adaptar a uma predicação verbal todos os

²⁵ O quadro 32 registra a interpretação feita das informações fornecidas pelos autores e da análise dos dados, em consonância com o embasamento teórico deste trabalho.

demais tipos de predicação. Nesse sentido, nenhuma língua desta amostra pode ser considerada um caso extremo de língua rígida.

Línguas	Classes de palavra			
	Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio
Apinayé	X	X		
Canela-Krahô	X	X		
Kaiwá	X	X		
Kamayurá	X	X		
Apurinã	X	X		
Tukáno	X	X		
Warí	X	X		
Jarawára	X	X	X	
Sanumá	X	X	X	
Húpda	X	X	X	
Warekéna	X	X	X	
Urubú-Kaapor	X	X		X
Mundurukú	X	X		X
Dâw	X	X		X
Sabanê	X	X		X
Boróro	X	X		X
Kwaza	X	X		X
Apalaí	X	X	X	
Hixkaryana	X	X	X	
Ingarikó	X	X	X	
Macuxí	X	X	X	
Waiwái	X	X	X	
Pirahã	X	X	X	
Karipúna-creole	X	X	X	X
Shanenawa	X	X	X	X
Matís	X	X	X	X
Nambikwára	X	X	X	X
Tariána	X	X	X	X
Paumarí	X	X	X	X
Guajá	X	X	X	X

Quadro 32. *Classes de palavras*

Das 30 línguas do *corpus*, sete não dispõem de nenhuma das outras duas classes, ou seja, apinayé, canela-crahô, kaiwá, kamayurá, apurinã, tukáno e warí não dispõem de adjetivos nem de advérbios como classes de palavras. Das línguas que apresentam três classes morfológicas, quatro delas, jarawára, sanumá, húpda e warekéna, apresentam, além de verbos

e de nomes, a classe dos adjetivos e não a dos advérbios. Por outro lado, as línguas urubú-kaapór, mundurukú, dâw, sabanê, boróro e kwaza dispõem de advérbios, mas não de adjetivos, o que afeta, em parte, a hierarquia de classes proposta por Hengeveld (1992), uma vez que um grau é transposto, o da classe dos adjetivos, comprometendo, à primeira vista, o princípio prescritivo das hierarquias implicacionais, de que nenhum grau pode ser transposto.

Em termos de sistemas de classes de palavra, essas 17 línguas, que apresentam duas ou três classes morfológicas, independente de quais sejam, são **línguas não-diferenciadas**, já que apresentam menos do que quatro classes para o exercício das funções pretendidas por elas. Também fazem parte do grupo das **línguas não-diferenciadas** as línguas da família Karíb e a língua pirahã, da família Mura, pois elas dispõem igualmente de três classes lexicais. A diferença entre elas, no entanto, consiste no fato de serem agrupadas, em uma mesma classe, as palavras adjetivas e as palavras adverbiais, o que não foi atestado para outras línguas da amostra. Na direção do que é proposto por Dixon (2006), o fato de línguas incluírem adjetivos e advérbios no mesmo grupo é extremamente possível, ou melhor, é o mais plausível de ocorrer nas línguas do mundo, já que ele propõe que seriam três as grandes classes de palavra presentes numa língua, e não quatro, como sustenta Hengeveld (1992).

Por fim, sete línguas dispõem das quatro classes predificadoras e são consideradas, por isso, **línguas diferenciadas**, já que cada classe de palavra exerce uma determinada função, assim como a língua portuguesa. A divisão das línguas do *corpus* em termos de sistemas de classes de palavra está contida no quadro 33 a seguir.

Línguas	Classes de palavra				Sistema de classe de palavra
	Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio	
Apinayé	X	X			Não-diferenciada
Canela-Krahô	X	X			Não-diferenciada
Kaiwá	X	X			Não-diferenciada
Kamayurá	X	X			Não-diferenciada
Apurinã	X	X			Não-diferenciada
Tukáno	X	X			Não-diferenciada
Warí	X	X			Não-diferenciada
Jarawára	X	X	X		Não-diferenciada
Sanumá	X	X	X		Não-diferenciada
Húpda	X	X	X		Não-diferenciada
Warekéna	X	X	X		Não-diferenciada
Urubú-Kaapor	X	X		X	Não-diferenciada
Mundurukú	X	X		X	Não-diferenciada
Dâw	X	X		X	Não-diferenciada
Sabanê	X	X		X	Não-diferenciada
Boróro	X	X		X	Não-diferenciada
Kwaza	X	X		X	Não-diferenciada
Apalaí	X	X		X	Não-diferenciada
Hixkaryana	X	X		X	Não-diferenciada
Ingarikó	X	X		X	Não-diferenciada
Macuxí	X	X		X	Não-diferenciada
Waiwái	X	X		X	Não-diferenciada
Pirahã	X	X		X	Não-diferenciada
Karipúna-creole	X	X	X	X	Diferenciada
Shanenawa	X	X	X	X	Diferenciada
Matís	X	X	X	X	Diferenciada
Nambikwára	X	X	X	X	Diferenciada
Tariána	X	X	X	X	Diferenciada
Paumari	X	X	X	X	Diferenciada
Guajá	X	X	X	X	Diferenciada

Quadro 33. *Sistemas de classes de palavras*

No grande grupo das línguas não-diferenciadas, que totalizam 23 línguas, é possível, ainda, fazer uma subdivisão entre as línguas que são rígidas e as que são flexíveis. Essa subdivisão consta no quadro 34 seguinte, que mostra, também, o número de classes presente em cada língua:

Línguas	Classes de palavra				Sistema de classe de palavra	Número de classes
	Verbo	Nome	Adjetivo	Advérbio		
Apinayé	X	X			Rígida	2
Canela-Krahô	X	X			Rígida	2
Kaiwá	X	X			Rígida	2
Kamayurá	X	X			Rígida	2
Apurinã	X	X			Rígida	2
Tukáno	X	X			Rígida	2
Warí	X	X			Rígida	2
Jarawára	X	X	X		Rígida	3
Sanumá	X	X	X		Rígida	3
Húpda	X	X	X		Rígida	3
Warekéna	X	X	X		Rígida	3
Urubú-Kaapor	X	X		X	Rígida	3
Mundurukú	X	X		X	Rígida	3
Dâw	X	X		X	Rígida	3
Sabanê	X	X		X	Rígida	3
Boróro	X	X		X	Rígida	3
Kwaza	X	X		X	Rígida	3
Apalaí	X	X		X	Flexível	3
Hixkaryana	X	X		X	Flexível	3
Ingarikó	X	X		X	Flexível	3
Macuxí	X	X		X	Flexível	3
Waiwái	X	X		X	Flexível	3
Pirahã	X	X		X	Flexível	3

Quadro 34. *Línguas não-diferenciadas*

Faz-se válido esclarecer, quanto às línguas não-diferenciadas, que, segundo Hengeveld e Mackenzie (2008), elas dispõem de diferentes graus de flexibilidade e de rigidez. No *corpus*, as línguas flexíveis parecem apresentar o mesmo grau de flexibilidade, pois todas dispõem de três classes lexicais, e uma delas é formada tanto por palavras adjetivas como por palavras adverbiais. Já as línguas rígidas mostram certa variação, em razão da quantidade de classes de que elas dispõem: há sete línguas rígidas com apenas duas classes – nome e verbo – e dez línguas rígidas com três classes lexicais – nome, verbo e adjetivo ou advérbio. Assim, é possível dizer que há, pelo menos, dois graus diferentes de rigidez nas línguas da amostra.

As línguas da família Karíb bem como a língua pirahã, da família Mura, podem ser identificadas como flexíveis, na medida em que apenas uma classe morfológica desempenha

duas grandes funções, a de adjetivo e a de advérbio. Essa conjugação entre a classe adjetiva e a classe dos advérbios não configura contra-exemplo para a hierarquia de acessibilidade, pois nenhum grau é transposto. A classificação como flexíveis aproxima tipologicamente as línguas apalaí, hixkaryána, ingarikó, makuxí e wáiwai, que compõem a família Karíb, e as aproxima, por sua vez, da língua pirahã, de família linguística diferente.

Tratando especificamente dos adjetivos nas línguas e da estratégia de relativização empregada por cada uma delas, com vistas à comprovação da hipótese deste trabalho, apresenta-se o quadro 35, que traz o cruzamento dessas informações.

A leitura do quadro 35 permite afirmar que 18 línguas da amostra, as que foram listadas na parte superior, não dispõem de adjetivos como classe isolada de palavra, enquanto as outras 12, ao contrário, apresentam a classe.

Das 18 línguas que carecem de adjetivos como classe morfológica, 14 constroem nominalizações para exercer a função pretendida por uma OR; duas delas, dâw e boróro, se valem da estratégia da lacuna; outras duas, warí e canela-krahô, empregam a estratégia do pronome relativo, e apenas uma, a apinayé, se vale tanto de nominalização como da não-redução para construir uma oração relativa.

A hipótese de que a nominalização assume a função de adjetivos nas línguas que carecem dessa classe de palavra se confirma com os dados que constam nesse quadro. Embora quatro línguas se valham de uma estratégia diferente de nominalização, o que é menos esperado, a maioria indica que esse recurso é o mais comumente empregado quando a língua se encontra na situação mencionada. Além disso, fica confirmada a correlação entre ausência de adjetivos e presença de nominalização como estratégia de relativização.

A situação inversa, ou seja, a das línguas indígenas que apresentam adjetivos como classe, listadas na parte inferior do quadro, também favorece a afirmação da hipótese que se propôs para este trabalho, pois quando uma língua exerce tanto a modificação simples (por

meio de adjetivos) como a modificação complexa (por meio de relativas), é menos provável o uso de nominalização como estratégia. Isso fica evidente na leitura do quadro 35, já que das 12 línguas que possuem adjetivos em seu léxico, nove usam uma estratégia diferente de nominalização, com a ressalva de que a tariána se vale de duas estratégias, em que uma delas é a nominalização.

Línguas	Presença de adjetivo	Estratégia de relativização
Kaiwá		Nominalização
Kamayurá		Nominalização
Apurinã		Nominalização
Tukáno		Nominalização
Kwaza		Nominalização
Urubú-Kaapor		Nominalização
Mundurukú		Nominalização
Sabanê		Nominalização
Apalaí		Nominalização
Hixkaryana		Nominalização
Ingarikó		Nominalização
Macuxí		Nominalização
Waiwái		Nominalização
Apinayé		Nominalização/Não-redução
Canela-Krahô		Pronome Relativo
Warí		Pronome Relativo
Dâw		Lacuna
Boróro		Lacuna
Jarawára	X	Lacuna
Warekéna	X	Lacuna
Nambikwára	X	Lacuna
Paumarí	X	Lacuna
Pirahã	X	Lacuna/Não-redução
Shanenawa	X	Lacuna/Não-redução
Tariána	X	Lacuna/ Nominalização
Sanumá	X	Não-redução
Karipúna-creole	X	Pronome Relativo
Húpda	X	Nominalização
Matís	X	Nominalização
Guajá	X	Nominalização

Quadro 35. Presença de adjetivos e estratégias de relativização

No tocante às estratégias empregadas pelas línguas que dispõem de adjetivos como classe, nota-se que a estratégia de lacuna ocorre em sete línguas, mas no tariána, como já mencionado, no shanenawa e no sanumá, ela não é a única, pois nas duas últimas línguas ocorre também relativização por meio de não-redução. Nesse sentido, parece haver uma tendência, pelo menos quantitativamente, das línguas que contêm adjetivos como classe lexical em empregarem a estratégia de lacuna para a construção relativa.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi o de refletir sobre as estratégias de relativização tratadas na literatura tipológica em relação às propriedades particulares mostradas por cada língua do *corpus* com base nos resultados obtidos na pesquisa tipológica na amostra composta por trinta línguas indígenas. Mais que isso, este trabalho pretendeu correlacionar o uso da estratégia de nominalização com a ausência de adjetivos como classe de palavra. Pode-se afirmar que o objetivo, dentro dos limites impostos pela amostra, em termos descritivos, foi atingido.

A nominalização se mostra um recurso versátil, capaz de cobrir o domínio funcional pretendido pelas construções relativas e se constitui, portanto, como estratégia de relativização. Conspiram a favor desse argumento a versatilidade do uso desse recurso já apontada por Noonan (1997), a recorrência de seu uso como estratégia, para línguas da família Karíb, atestada por Meira (2006), e ainda o reconhecimento do uso de nominalização como estratégia em outras línguas, como em gavião de Rondônia (MOORE, 2006) e em sakurabiat (GALUCIO, 2006).

Outro argumento que confere estatuto de estratégia ao recurso da nominalização segue na direção do que dizem Shibatani e Makhachen (2009), de que a nominalização pode ser vista como estratégia se ela funcionar, em primeiro lugar, como entidade referencial (sua função prototípica) e, em segundo, como modificador, situação atestada nas línguas da amostra.

A busca pela confirmação da hipótese de trabalho conduziu a alguns desdobramentos, que dizem respeito principalmente às classes de palavra. Não consta dos objetivos específicos deste estudo tratar particularmente dos advérbios, mas apontar a existência deles como classe, seguindo as informações contidas no material de análise e em consonância com o ponto de vista teórico adotado sobre o tema. Mesmo assim, deduziu-se que faltam, ainda, critérios

consistentes que diferenciem adjetivos de advérbios, classes com alto nível de complexidade. Os critérios, quando explícitos, são, muitas vezes, controversos e insuficientes para a delimitação da fronteira que separa essas classes. Outro ponto instigante a respeito dos advérbios é que, quando há menção dos advérbios de modo nas gramáticas, a avassaladora maioria aponta a existência dos elementos “vagarosamente” e/ou “rapidamente”, como se fossem os únicos advérbios possíveis para o exercício dessa função. A esse fato pode estar associada, talvez, a importância conferida pelos índios ao *movimento*, em decorrência de seu estilo de vida. Esse aspecto, certamente, é uma possibilidade de investigação futura.

Retomemos a hierarquia de classes proposta por Hengeveld (1992), contida em (1.22), que distingue quatro classes predadoras. Nessa hierarquia, adjetivos e advérbios ocupam as posições mais baixas, o que implica ser mais difícil estarem presentes nas línguas. A ideia básica dessa hierarquia é a de que verbos e nomes, posições mais altas, atuam como núcleos, enquanto adjetivos e advérbios atuam como modificadores desses núcleos: o primeiro modificando nomes e o segundo, verbos. A busca por essas categorias nas gramáticas não é tarefa descritiva simples, principalmente pela ausência de critérios consistentes que as diferenciem entre si.

Ao lado da proposta de Hengeveld (1992), pode-se contar com a alternativa de Dixon (2006), segundo a qual são três as grandes classes de palavra e não quatro. Dixon (2006) sustenta que não é necessário distinguir uma classe morfológica para os advérbios nas línguas e que, além de nomes e verbos, as línguas devem dispor apenas de mais uma classe, que ele denomina de adjetivos, classe em que estariam incluídos os advérbios predadores sugeridos por Hengeveld (1992).

Diante da situação que se apresenta para as classes de palavra nas línguas indígenas do *corpus*, proponho uma hierarquia implicacional, mas que é formada por três categorias. Essa hierarquia está apresentada na sequência:

(6.01) Predicado > Sintagma Referencial > Modificadores

A proposta dessa hierarquia caminha, portanto, ao encontro da opinião de Hengeveld (1992) e de Dixon (2006), embora com algumas adaptações. Diferentemente de ambos os autores, as três categorias relevantes na gramática de uma língua não são tratadas sob um ponto de vista estritamente morfológico, mas, sim, sob um ponto de vista funcional, ou seja, que considere a função semântica dos elementos constituintes dessas classes. Por isso, a hierarquia implicacional contida em (6.01) não é formada pelas classes morfológicas que compreendem verbos, nomes, adjetivos ou advérbios, mas, sim, pelas classes semânticas *predicado, sintagma referencial e modificadores*.

Com essa hierarquia implicacional, sugiro um olhar mais abrangente, e até mesmo mais abstrato, sobre as classes de palavra (especialmente para a dos adjetivos e a dos advérbios), pelo menos nas línguas do *corpus*. Como visto na descrição dos dados, não há problemas na fronteira entre verbos e nomes, ou seja, as características distintivas entre uma e outra classe lexical são suficientemente claras, ao contrário das características de adjetivos e de advérbios.

A inclusão de adjetivos e advérbios em uma única classe atribui a essa nova classe um caráter mais abstrato e, portanto, mais abrangente e mais flexível. A eliminação da fronteira entre adjetivos e advérbios parece traduzir mais adequadamente as observações feitas na análise particular desses elementos em cada uma das línguas que apresenta uma ou outra classe ou ambas as classes.

A conjugação de classes e a mudança para uma categoria mais abstrata parecem teoricamente pertinentes na medida em que transformam a hierarquia estritamente morfológica das classes predadoras em uma hierarquia semântica. Como resultado

tipológico, todas as línguas da amostra seguem a escalaridade estabelecida na hierarquia em (6.01), ilustrada no quadro 36, mesmo as que dispõem de apenas duas classes:

Línguas	Classes semânticas		
	Predicado	Sintagma Referencial	Modificadores
Jarawára	X	X	X
Sanumá	X	X	X
Húpda	X	X	X
Warekéna	X	X	X
Urubú-Kaapor	X	X	X
Mundurukú	X	X	X
Dâw	X	X	X
Sabanê	X	X	X
Boróro	X	X	X
Kwaza	X	X	X
Apalaí	X	X	X
Hixkaryana	X	X	X
Ingarikó	X	X	X
Macuxí	X	X	X
Waiwái	X	X	X
Pirahã	X	X	X
Karipúna-creole	X	X	X
Shanenawa	X	X	X
Matis	X	X	X
Nambikwára	X	X	X
Tariána	X	X	X
Paumari	X	X	X
Guajá	X	X	X
Apinayé	X	X	
Canela-Krahô	X	X	
Kaiwá	X	X	
Kamayurá	X	X	
Apurinã	X	X	
Tukáno	X	X	
Warí	X	X	

Quadro 36. *Classes semânticas de palavra*

Nesse sentido, a hierarquia de classes semânticas de palavra resolve um dos principais problemas discutidos no decorrer deste trabalho: o da transposição de uma classe morfológica, a dos adjetivos, princípio que contraria a constituição de uma hierarquia implicacional. Vale a

pena esclarecer, entretanto, que a validade da hierarquia fica, por ora, restrita às línguas da amostra. Sua possível universalidade ainda está por ser testada em outras amostragens tipológicas, que disponham de um número maior de línguas.

Conclui-se, portanto, que esta pesquisa de cunho tipológico:

- (i) reconhece a nominalização como estratégia formal de relativização;
- (ii) correlaciona o emprego de nominalização como estratégia de relativização com a ausência de adjetivos como classe morfológica de palavra;
- (iii) sugere a adoção de um ponto de vista semântico sobre as classes predadoras;
- (iv) propõe uma hierarquia implicacional que soluciona a transposição da classe adjetiva, por meio da conjugação desta com a classe dos advérbios em uma mesma classe semântica, denominada *modificadores*.

Diante desses resultados, é possível dizer que, de fato, esta investigação propôs direções teoricamente relevantes para a interface léxico/classes de palavras e morfossintaxe/estratégias de relativização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISMARCK, P. V. Aspectos morfosintáticos de la relativización en shipibo-konibo (pano). *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p.123-134, 2003.
- BYBEE, J. *Morphology: a Study of the Relation between Meaning and Form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985.
- CAMACHO, R. G. A nominalização como estratégia de relativização em línguas nativas da Amazônia brasileira. *Luso-Brazilian Review*, University of Wisconsin. No prelo.
- COMRIE, B. *Language Universals and Linguistic Typology*. Oxford: Blackwell, 1989.
- CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.
- CROFT, W. *Explaining Language Change: an Evolutionary Approach*. Harlow, Essex: Longman, 2000.
- D'ALARME-GIMENEZ, A. *Análise tipológico-funcional da oração relativa*. (FAPESP – Proc. 2007/57341-3). São José do Rio Preto (Relatório de Iniciação Científica). Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, UNESP, 2008.
- DEVRIES, M. *The Syntax of Relativization*. Utrecht: Lot, 2002.
- DIXON, R. M. W. Adjective Classes in Typological Perspective. In: AIKHENVALD, A. Y.; DIXON, R. M. W. (Ed.) *Adjective Classes: a Cross-linguistic Typology*. Oxford: Oxford University Press, 2006, p. 02-49.
- DUBOIS, J.A. Competing Motivations. In: HAIMAN, J. (Ed.) *Iconicity in Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 343-366.
- DUBOIS, J.A. The Discourse Basis of Ergativity. *Language*, n. 64, p. 805-855, 1987.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part I: The Structure of the Clause. 2 ed., Ed. by K. Hengeveld. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.
- DIK, S. C. *The Theory of Functional Grammar*. Part II: Complex and Derived Constructions. 2 ed., Ed. by K. Hengeveld. Berlim/Nova Iorque: Mouton de Gruyter, 1997.
- FACUNDES, S. Estratégias de relativização em Apurinã (Aruák). *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p.71-85, 2003.
- FOX, B. The Noun Phrase Accessibility Hierarchy Reinterpreted: Subject Primacy at the Absolutive Hypothesis. *Language*, n. 63, p. 856-870, 1987.
- GALUCIO, A. V. Relativização na língua Sakurabiat (Mekens). *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p.49-59, 2003.
- GIVÓN, T. *On Understanding Grammar*. New York: Academic Press, 1979.

- GIVÓN, T. *Syntax: a Functional-typological Introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1990.
- GREENBERG, J.H. Some Universals of Language, with Particular Reference to the Order of Meaningful Elements. In: GREENBERG, J.H. (Ed.). *Universals of Language*. Cambridge: MIT Press, 1988.
- HENGEVELD, K. Parts of Speech. In: HENGEVELD, K. *Non-verbal Predication: Theory, Typology, Diachrony*. (Functional Grammar series 15). Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1992.
- HENGEVELD, K. Linguistic Typology. In: MAIRAL, R.; GIL, J. (Ed.). *Linguistic Universals*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. p. 46-66.
- HENGEVELD, K. *Sources on Native Languages of Brazil*. SIL, 2007.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J.L. *Functional Discourse Grammar: a Typologically-based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- HOPPER, P. Emergent Grammar. In: *Proceedings of the Thirteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistic Society*, p. 213-41, 1987.
- KEENAN, E. L. Relative clauses. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description*. Cambridge: University Press, 1985, v.2.
- KEENAN, E. L.; COMRIE, B. Noun Phrase Accessibility and Universal Grammar. *Linguistic Inquiry*, n. 8, p. 63-99, 1977.
- LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive Applications*. Standford: University Press, 1991.
- LEHMANN, C. On the Typology of Relative Clause. *Linguistics*, n. 24, p. 663-680, 1986.
- MEIRA, S. Orações relativas em línguas Karíb. *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p. 105-121, 2003.
- NOONAN, M. Versatile Nominalizations. In: BYBEE, J.; HAIMAN, J; THOMPSON, S.A. (Eds). *Essays on Language Function and Language Type*. Amsterdam: John Benjamins, 1997. p. 373-394.
- MOORE, D. Cláusulas relativas em Gavião de Rondônia. *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p.135-143, 2003.
- OLIVEIRA, G. *Acessibilidade semântica das construções relativas em línguas indígenas brasileiras: um estudo tipológico-funcional*. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto. No prelo.

- PEZATTI, E.G. *A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais*. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 1992.
- RIBEIRO, E. R. Orações subordinadas em Karajá. *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p.17-47, 2003.
- RIJKHOFF, J. et al. A Method in Language Sampling. *Studies in languages*, n. 17, p. 169-203, 1993.
- RODRIGUES, A. D. *Línguas brasileiras*. Para entender as línguas indígenas brasileiras. São Paulo: Edições Loyola. 1994.
- RODRIGUES, C. L. R. Relativização em Xipaya. *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p. 61-69, 2003.
- SEKI, L. A linguística indígena no Brasil. *Delta*, v. 15, p. 257-290, 1999.
- SHIBATANI, M; MAKHASHEN, K. A. Nominalization in Soqotri, a South Arabian Language of Yemen. In: WETZELS, W. L. (Ed.) *Endangered Languages: Contributions to Morphology and Morpho-syntax*. Leiden: Brill, 2009, p. 9-31. disponível em <<http://www.ruf.rice.edu/~eivs/papers/Soqotri%20nominalization.pdf>>. Acesso 25 fev. 2011
- SONG, J. S. *Linguistic Typology*. Morphology and Syntax. London: Lonmans, 2001.
- TARALLO, F. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. Univesity of Pennsylvania, PhD dissertation, 1983.
- VAN VALIN, R.D. On Distruibution of Passive and Anti-passive Constructions in Universal Grammar. *Lingua*, v.50. North-Holland, p. 303-327, 1980.
- VOORT, H. van der. Construções atributivas em Kwazá. *Ciências Humanas*, Belém, v.1, n.1, p.87-104, 2003.

Gramáticas de línguas indígenas

- ABBOTT, M. Macushi. In: DERBYSHIRE, D.C.; PULLUM, G.K. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 3. Berlin: Mounton de Gruyter, 1991. p. 23-160.
- AIKHENVALD, A. Y. *A Grammar of Tariana, from Northwest Amazonia*, Cambridge: CUP, 2003.
- AIKHENVALD, A.Y. Warekena. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*, Vol. 4. Berlin: Mouton de Gruyter, 1988. p. 225-439.
- ARAUJO, G. A. *A Grammar of Sabanê: A Nambikwaran Language*. Utrecht: LOT, 2004.
- BORGMAN, D. M. Sanuma. In: DERBYSHIRE, D.C.; PULLUM, G.K. (Eds.) *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 2. Berlin: Mounton de Gruyter, 1990. p. 17-248.

- CALLOW, J. C. *The Apinayé Language: Phonology and Grammar*. Ph.D. thesis. London University, School of Oriental and African Studies, 1962.
- CÂNDIDO, G. V. *Descrição morfossintática da língua shanenawa (pano)*. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2004.
- CHAPMAN, S.; DERBYSHIRE, D. C. Paumarí. In: DERBYSHIRE, D. C.; PULLUM, G. K. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 3. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991. p. 161-345.
- CROFTS, M. *Aspectos da língua munduruku*. Cuiabá: Summer Institute, 2004.
- CROFTS, M. *Gramática mundurukú*. Série Linguística, 2. Cuiabá: Summer Institute of Linguistics, 1973.
- CROWELL, T. H. *A Grammar of Bororo*. Ph.D thesis, Cornell University, 1979.
- CRUZ, M. O. S. *Fonologia e gramática ingarikó*. Dissertation. Amsterdam: Vrije Universiteit Amsterdam, 2005.
- DERBYSHIRE, D. C. Hixkaryana. In: COMRIE, B.; SMITH, N.; HAAS, A. *Lingua Descriptive Studies*. Vol. 1. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1979. p. 1-185.
- DIXON, R. M. W. *The Jarawara Language of Southern Amazonia*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- DOBSON, R. M. *Aspectos da língua kayabí*. Série Linguística, 12. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 1988.
- EPPS, P. *A Grammar of Hup*. Dissertation, University of Virginia, 2005.
- EVERETT, D. L. *A língua pirahã e a teoria da sintaxe*. Descrição, perspectivas e teoria. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.
- EVERETT, D.L.; KERN, B. *Wari: The Pacaas Novos Language of Western Brazil*. London: Routledge, 1997.
- FACUNDES, S. S. *The Language of the Apurinã People of Brazil (Arawak)*, Ph.D. Dissertation. SUNY-Buffalo, NY, 2000.
- FAUST, N.; LOOS, E. E. *Gramática del idioma yaminahua*, Lima: Instituto Lingüístico de Verano, 2002.
- FERREIRA, R. V. *Língua matís: aspectos descritivos da morfossintaxe*. Dissertação de mestrado. Campinas: Unicamp, 2001.
- GABAS JR, N. *A Grammar of Karo, Tupí (Brazil)*. Dissertation, University of California. 1999.
- GOMES, D. M. *Estudo morfológico e sintático da língua munduruku (Tupi)*. Tese (UnB). Brasília: 2006.

- GOMES, D. M. *Oração relativa em mundurukú*. In: *handout* da comunicação apresentada no II Encontro Internacional de Línguas e Culturas dos Povos Tupi. Brasília: 2007.
- HAWKINS, R.E. Wai wai. In: DERBYSHIRE, D.C.; PULLUM, G.K. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 4. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 25-224.
- KAKUMASU, J. Urubu-Kaapor. In: DERBYSHIRE, D.C., PULLUM, G. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p.326-403.
- KOEHN, E.; KOEHN, S. Apalai. In: DERBYSHIRE, D.C.; PULLUM, G.K. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p. 33-127.
- KROEKER, M.H. *Gramática descritiva da língua nambikwára*. Cuiabá: Sociedade Internacional de Linguística, 2003.
- MARTINS, S. A. *Fonologia e gramática dâw*. 2 vols. Utrecht: LOT, 2004.
- MCLEOD, R.; MITCHELL, V. *Aspectos da língua xavante* 2.ed. Brasília: Summer Institute of Linguistics, 2003
- METZGER, R. G. *Gramática popular del carapana*. Bogotá: Ministerio de Gobierno. 1981
- MONTAG, S. *Lições para a aprendizagem da língua kaxinawá*. 2. Ed. Lima: Instituto Linguístico de Verano, 2004.
- POPJES, J., POPJES, J. Canela-Krahô. In: DERBYSHIRE, D.C., PULLUM, G. (Eds). *Handbook of Amazonian Languages*. Vol. 1. Berlin: Mouton de Gruyter, 1986. p.128-199.
- RAMIREZ, H. *A fala tukano dos ye'pâ-masa*. Tomo I: Gramática. Manaus: CEDEM, 1997.
- RAMIREZ, H. *Gramática do baniwa-curripaco*, Manaus: EDUA, 2000.
- ROWAN, O.; BURGESS, E. *Gramática parecis*. Anápolis: Sil, 2008.
- SANDALO, F. *A Grammar of Kadiwéu*. Dissertation University of Pittsburgh, 1995.
- SEKI, L. *Gramática do kamaiurá*. Língua tupi-guarani do Alto Xingu. Campinas: Imprensa Oficial, 2000.
- STORTO, L. *Aspects of a Karitiana Grammar*. Dissertation, Massachusetts: Institute of Technology, 1999.
- TOBLER, S. J. *The Grammar of Karipúna Creole*. Brasília: Summer Institute of Linguistics, Série linguística, n. 10, 1983.
- VOORT, H. van der. *A Grammar of Kwaza*. Mouton Grammar Library 29. Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.

Autorizo a reprodução deste trabalho.

São José do Rio Preto, 28 de julho de 2011

AMANDA D'ALARME GIMENEZ